



Léon Denis

SOCIALISMO E ESPIRITISMO

INCLUINDO OS ARTIGOS
COMPLEMENTARES
"Jaurès espiritualista"
DO MESMO AUTOR

TRADUÇÃO **Ery Lopes**



Autores Espíritos Clássicos



Socialismo e Espiritismo

Léon Denis (1846-1927)

Copilação das séries de artigos originalmente publicada na *Revista Espírita (Revue Spirite): Socialisme et spiritisme* (entre fevereiro e outubro de 1924) e *Jaurès spiritualiste* (novembro e dezembro de 1924).

Fonte: *Revue Spirite*

Tradução:

Ery Lopes

Colaboração:

Carlos Luiz

Charles Kempf

Wanderlei dos Santos

© Versão 1.2 - agosto, 2022

São Paulo - Brasil

Distribuição gratuita:

Autores Espíritos Clássicos

Portal Luz Espírita



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

SOCIALISMO E ESPIRITISMO

Léon Denis

São Paulo, 2022



Índice

Apresentação desta tradução, por **Ery Lopes** – pág. 5

Introdução à obra de Léon Denis, por **Carlos Luiz** – pág. 11

1ª Parte - *Socialismo e Espiritismo*

Capítulo I – pág. 30

Capítulo II – pág. 43

Capítulo III – pág. 54

Capítulo IV – pág. 65

Capítulo V – pág. 78

Capítulo VI – pág. 89

Capítulo VII – pág. 101

Capítulo VIII – pág. 110

2ª Parte - *Jaurès espiritualista*

Capítulo I – pág. 122

Capítulo II – pág. 131

Apresentação desta tradução

A composição *Socialismo e Espiritismo* de Léon Denis chegou ao público geral brasileiro em forma de livro, fruto de uma compilação de oito artigos publicados na *Revista Espírita (Revue Spirite)*, então sob a direção do memorável mecenas Jean Meyer, também grande admirador do nosso autor.¹

Pelo que nos consta, a primeira tradução para o nosso português foi a de Wallace Leal Rodrigues, com revisão de Enéas Rodrigues Marques, lançada em 1982 pela Casa Editora O Clarim, contendo nesta edição um prefácio de Freitas Nobre e uma série extra de notas de rodapé. Há outras traduções, por diversas editoras ou publicações independentes, mas é muito provável que a edição mais popular seja mesmo a do Clarim, que no presente momento já está na 3ª reprodução.²

Considero relevante informar isto porque — embora possa parecer exagero de nossa parte imaginarmos assim — talvez deva haver um grande número de leitores, menos familiarizados com o tema em questão

¹ A edição fotocopiada com o anuário de 1924 da *Revista Espírita (Revue Spirite)* com as referidas séries de artigos está livremente disponível para download pelo link <https://drive.google.com/file/d/0Bxmr5kjDLMCvVmh1R19ZSIUtZDA/view?resourcekey=0-pEy6ZUKgosLYjcg2KifCBQ>. — Nota do Editor (N. E.).

² A amostra desta 3ª edição está disponível em <https://www.amazon.com.br/Socialismo-Espiritismo-L%C3%A9on-Denis-ebook/dp/B07JMTGGVY?asin=B07JMTGGVY&revisionId=507a862f&format=1&depth=1>. — N. E.

e mesmo com a literatura em geral, que faça uma associação direta dos “incrementos” desta versão abasileirada com a obra original de Denis. Ou seja, que tome o conjunto da edição terceirizada (prefácio e notas de rodapé) como se fosse parte da composição genuína do respeitado filósofo espírita francês — reputado por seus confrades como o grande continuador da obra espírita de Allan Kardec. E a mesma observação se aplica a qualquer edição desta composição que terceiros tenham feito ou venham a fazer, enxertando os artigos de Denis com suas ideias próprias. Incluindo esta tradução que ora apresentamos.

Portanto, faz-se necessário que o leitor saiba distinguir bem, no conjunto da publicação, qual texto é de Léon Denis e qual texto é externo: notas do tradutor ou editor, prefácios e apresentações e assim por diante.

Prefácios (introdução, prólogo, apresentação etc.), observações, notas de rodapé e epílogos escritos por terceiros são comuns na literatura geral e nada têm em si de irregular; nalguns casos eles são importantíssimos — quiçá imprescindíveis — para a contextualização do texto original em vista de uma melhor compreensão de certos detalhes muito particulares a um determinado local e numa certa época. O desafio aí é os editores externos manterem-se o máximo possível alinhados com o pensamento do autor. Ademais, este desafio se multiplica quando o autor não está mais fisicamente aqui para recorrer ao seu direito legal a fim de preservar a integridade de suas ideias na referida publicação.

Aqui, especificamente falando, é imperativo observarmos, por exemplo, o significado do termo *socialismo* de que Denis fala — que é numa concepção toda especial, diferente do sentido trivial que atualmente se lhe atribui. O autor o define a seu modo, claramente, já no primeiro artigo (que doravante trataremos como capítulo); logo, ao

tomar qualquer menção sua a uma *ideia socialista*, a honestidade nos impõe remetermos sua aplicação em acordo com a concepção denisiana, e não ao que hoje normalmente se entende por “socialista”. É, em suma, um contexto particular, distinto das concepções convencionais, que precisa ser levado em conta.

A inobservância desta definição extraordinária que Denis dá ao referido vocábulo tem levado muitos — por ignorância, desatenção ou até mesmo por corrupção deliberada do intelecto — a confundir e fazer confundir o socialismo defendido pelo autor de que ora tratamos com as ideologias outras que se apoderaram desta mesma palavra — não obstante, insistimos, a clara definição dada na obra, inequivocamente distante do sentido corriqueiro associadas às ideologias vulgares.

Este o pecado capital que por vezes se comete — intencionalmente ou não — ao recortar um trecho de um conjunto e daí, deste pequeno trecho, construir uma interpretação disforme com o contexto verdadeiro, que este mesmo trecho conserva em si quando analisado em acordo com o restante da obra.

É o que acontece quando se pega este recorte: “Espiritismo e socialismo estão unidos por laços estreitos, pois um traz ao outro aquilo que mais lhe falta, quer dizer, os elementos de sabedoria, de justiça, de ponderação, de altas verdades e o nobre ideal sem o qual corre-se o risco de permanecer impotente ou afundar na anarquia.” (Cap. I) para se dizer que Léon Denis era socialista, comunista e marxista, e para fazer relação direta da Doutrina Espírita com ideologias vigentes em nossos dias cuja essência — o materialismo — é absolutamente antagônica com o pensamento de Denis, de Allan Kardec e de qualquer espírita minimamente instruído.

É sobre isso, aliás, o enredo desta obra *Socialismo e Espiritismo* de Léon Denis: a incompatibilidade entre a nossa doutrina espírita e as ideologias materialistas, que usurpa valores nobres — tal qual a justiça social — como fachadas para suas pretensões torpes.

Não por menos, é de causar espanto que enxertos venham tentar aproximar o codificador espírita e Karl Marx — este que Denis definiu como “homem ácido e odioso” —, como tentou Freitas Nobre, o prefaciador da edição da Editora O Clarim, envolvendo também Arthur Conan Doyle num contexto distorcido em que se põe lado a lado Espiritismo, Socialismo e Cristianismo. Este mesmo prefácio recobra as agruras vividas por Denis enquanto operário, num tom de vitimismo que se distancia por milhares de léguas da postura do nosso escritor filósofo que, ao contrário, exalta os benefícios de ter enfrentado as dores do trabalho excessivo — não por uma espécie de masoquismo, mas simplesmente por uma necessidade evolutiva mesmo. De maneira geral, aquele texto externo é um manifesto em prol da luta de classes, de uma urgência pela transformação material; isto é tudo o que Denis francamente rechaçou, trazendo para a frente da questão o que realmente convém: a transformação espiritual.

Entende Freitas Nobre que o “Espiritismo, embora compreenda e explique certos fenômenos sociais e econômicos através da lei da reencarnação, tem que ser eminentemente revolucionário no sentido de reivindicar as mudanças da estrutura da sociedade, combatendo a concentração da riqueza e a ausência de fraternidade que significam a manutenção dos privilégios e dos excessos no uso dos bens.” Ora, Denis, diz algo muito diferente disso: o Espiritismo não veio promover essa revolução material; ele veio promover a elevação moral, que então

naturalmente cuidará de reparar os abusos. Em harmonia com a obra kardequiana, Léon Denis reconhece a necessidade momentânea da desigualdade das riquezas, recordando que o Espírito, no curso de suas existências reencarnatórias, precisa experimentar as mais diversas situações (rico e pobre, patrão e empregado etc.) para firmar seu caráter e pôr a prova suas aquisições espirituais — incluso para servir de exemplo ao meio no qual se insere.

Também é espantoso vermos notas de rodapé exaltando certas biografias de personagens que o próprio Denis cita como maus exemplos no contexto das ideias trabalhadas. Charles Fourier, por exemplo, é descrito nos enxertos como um homem “brilhante”, enquanto Pierre Proudhon é aureolado por sua ideia de um “banco popular”; sim, eles até podem ter tido algumas boas ideias e as melhores das intenções, mas suas ideologias em geral eram vistas por Denis como desprovidas de um ideal superior — que é a base fundamental para qualquer doutrina apreciável. Portanto, Fourier, Proudhon, Marx e afins não lhe serviam de inspiração. Ora vejam só: o fourierismo juntava a seus ideais de “justiça” e “fraternidade” conceitos outros totalmente adversos dos princípios espíritas, tais como a família, o casamento monogâmico e a vocação dos pais para a tutela e educação dos filhos, e como se não bastasse, Fourier defendia a perversão sexual (incesto e até pedofilia) por considerá-la fruto da condição natural do homem e, portanto, contra a qual não se pode lutar. Já Proudhon, este foi um teórico do anarquismo, ideólogo oposto da ordem e hierarquia preconizadas por Denis, conforme a necessidade organizacional do Universo determinada por Deus.

Por que então uma grande deturpação tem sido feita desta obra magnífica de Léon Denis, julgamos por bem oferecer a nossa versão, que

não temos a pretensão e a arrogância de supor perfeita, obviamente, mas da qual cuidamos com uma atenção especial para distinguir bem — conforme a nossa ótica — os valores levantados pelo autor, e dos quais fazemos franca apologia, em face destas distorções conceituais a que temos assistido e contra as quais nos opomos, em defesa do Espiritismo.

Acrescentamos à nossa compilação dois artigos que Léon Denis escreveu logo em seguida à série *Socialismo e Espiritismo*, sob o título *Jaurès espiritualista*, também publicados na mesma *Revista Espírita*. Neste novo texto, nosso filósofo kardecista vai colocar em pauta o pensamento inovador de um influente político socialista de sua época. Dizemos que Jean Jaurès era inovador exatamente por considerar certos valores espirituais — o que, para os socialistas marxistas, era abominável. Em exaltando Jaurès, Denis sistematicamente ratifica nesses dois capítulos extras o móvel de sua obra acerca das questões sociais, conforme havia dito: “Eu reprovo o socialismo materialista que semeia o ódio entre os homens e, por consequência, permanece infrutífero e destrutivo, como o vimos na Rússia. Eu sou um evolucionista e não um revolucionário.” (1ª parte - cap. VII). Jaurès é então evocado exatamente por ser diferente dos socialistas comuns, dos quais Denis dista com folga.

Observação: as notas de rodapé sem designação de autoria são aquelas traduzidas das notas originais de Léon Denis.

Sugestões de correção e melhorias na tradução são sempre bem-vindas e serão apreciadas com atenção.

por **Ery Lopes**

Introdução à obra de Léon Denis

Aprendei, pois, antes de tudo, a distinguir os bons e os maus Espíritos, para, por vossa vez, não vos tornardes falsos profetas.

*Luoz, Espírito Protetor. (Carlsruhe, 1861.)
O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec – cap. XXI, item 11*

No final de uma vida de abnegação, Léon Denis assume uma tarefa árdua: escrever sobre Socialismo e Espiritismo. Dedicou-se à tarefa com devoção, como era comum a seu espírito disciplinado e generoso. Essa seria sua última obra, fora imposta pelo Alto e executada com empolgação, como afirma a senhora Claire Baumard, secretária que o auxiliou nas pesquisas.

É provável que os Espíritos superiores que orientavam Denis soubessem do que estava por vir, mas é quase impossível que o continuador de Kardec pudesse mensurar a total devastação que o socialismo marxista causaria à Humanidade dos séculos XX e XXI, embora, o tenha denunciado com palavras austeras, como veremos.

Assustadoramente, as maliciosas técnicas de manipulação comunista foram capazes de transformar um dos textos mais críticos e contundentes desse grande Espírito ao materialismo socialista em

panfleto de propaganda comunista. A história dessa traição ainda está para ser contada e esperamos que a Nova Geração o faça, pois é inaceitável que as posturas doutrinariamente corretas de Denis sejam adulteradas ao ponto de permitir ilações mentirosas que vinculariam o pensamento cristão do missionário espírita ao macabro pensamento comunista de Karl Marx.

Nos caberá, nessa breve introdução, chamar a atenção do leitor para afirmações de Léon Denis nos artigos intitulados *Socialismo e Espiritismo*, publicados entre fevereiro e outubro de 1924, bem como nos dois artigos posteriores intitulados *Jaurès espiritualista* que não apenas desmentem toda e qualquer possibilidade de afinidade entre o Espiritismo e o Marxismo, mas que evidenciam o combate de Denis contra as perniciosas ideias marxistas que se fundamentam “em um materialismo brutal”, elaboradas por um “homem ácido e odioso” — segundo a definição que Léon Denis dá de Karl Marx.

O primeiro grande truque de manipulação se dá com o uso do termo *socialismo*. Quem não conhece a história desse termo, tem a impressão de que socialismo e marxismo (ou comunismo) são a mesma coisa. Isso não é verdade. Antes do marxismo já existia o socialismo espiritualista, que os marxistas classificavam de “utópico” — termo usado para rebaixá-lo.

Além da desmoralização dos outros socialismos, os marxistas, em tomando o poder, destruíam todos os outros movimentos socialistas. Em 1937, por exemplo, dez anos depois da desencarnação de Denis, Stalin executa uma das obras de purificação do socialismo por meio da perseguição, prisão e assassinato (entre 1937-1938, o Grande Expurgo vitimou entre 950.000 e 1.200.000 pessoas, dentre estas, os socialistas não marxistas). Estima-se que foram mortos 750 mil socialistas não

marxistas pelo regime comunista soviético.

Além do assassinato dos discordantes, outra estratégia adotada pelos comunistas foi conquista dos intelectuais do Ocidente, que, por diversos motivos, aderiram ao mais grosseiro materialismo: o marxismo. Portanto, socialismo, a época em que Léon Denis escreve, não significa comunismo ou marxismo. Nosso missionário espírita acompanhou o aniquilamento de todos os outros socialismos da vida espiritual.

Obviamente, seria incoerente Léon Denis — um sincero seguidor do Cristo — aderisse a uma filosofia que classifica de mentirosa (ver, por exemplo, o conceito de luta de classe), originada de um autor que chama de ácido e odioso e que se destina a promover a ruína social das nações que a adotam. Ao contrário, nosso filósofo espírita alerta para que nos protejamos, pois “... **reprovamos os meios violentos e revolucionários, que seriam um perigo para a sociedade ocidental**, depois de ter arruinado a sociedade russa.”

A época em que escreve, o comunismo apenas iniciara sua obra de destruição que, no século XX, causaria cerca 100 milhões de mortes por assassinato, tortura e fome. Embora alguns argumentem que os números são maiores e outros defendam que foram “apenas” 60 ou 70 milhões de mortos.

Vejamos o que Denis escreveu sobre socialismo (Lembremos, ainda uma vez, é preciso diferenciar entre socialismo e marxismo):

“Espiritismo e socialismo estão unidos por laços estreitos, pois um traz ao outro aquilo que mais lhe falta, quer dizer, os elementos de sabedoria, de justiça, de ponderação, de altas verdades e o nobre ideal sem o qual corre-se o risco de permanecer impotente ou afundar na anarquia.”

O que o autor e os leitores entendiam, no início do século XX, em 1924, quando se lia a palavra *socialismo* seria a mesma coisa que eu e você entendemos hoje? Não. Claro que não! Para que se tenha a clareza desse ponto essencial, vamos consultar o *Dicionário da Academia Francesa*, da edição da época de Denis. Assim se define o verbete socialismo:

7^e ÉDITION SOCIALISME. s. m.

■ Doctrine des hommes qui prétendent changer l'état de la société, et la réformer sur un plan tout à fait nouveau.

“A doutrina dos homens que pretendem mudar a situação da sociedade e reformá-la sob um plano completamente novo.”

O que se entendia por socialismo no final do século XIX e início do século XX significaria hoje, objetivamente, **reforma social**, melhoria da sociedade. Jamais isso poderia ser entendido como equivalente do comunismo materialista de Karl Marx e de seus afiliados. Mais um exemplo, deve esclarecer de forma conclusiva esse ponto.

Depois de elogiar o livro de Lucien Deslinières — *Livremo-nos do Marxismo* — Denis escreve, “Felizmente, nem todos os socialistas são marxistas”.

Infelizmente, hoje, após os expurgos de caráter stalinista, não se pode afirmar o mesmo. Mas, em 1924, o comunismo materialista era apenas uma das correntes que poderia ser chamada de reformadora social ou socialista. Por isso, Léon Denis afirma: “todo homem preocupado com o destino de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, as suas predileções.” Quer dizer, todo ser humano que se preocupa com seus semelhantes, que se preocupa em aperfeiçoar a sociedade, em reformá-la, poderia ser chamado de socialista no início do século XX. Concluimos, mostrando a aversão de nosso amigo

de ideal em relação ao marxismo, ele escreve: **“Os revolucionários violentos que pretendem fundar a ordem social no sangue e sobre as ruínas não são mais do que cegos e desgarrados.** A harmonia social não pode ser estabelecida senão com a justiça, a bondade e a solidariedade.”

Apresentaremos as ideias de Karl Marx — um dos mais famosos materialistas que já existiu — e de Léon Denis — um dos maiores espíritas de todos os tempos — sobre Deus e religião; sobre método de mudança social e sobre os marginalizados da sociedade. Iniciemos com o filósofo do brutal materialismo.

O QUE PREGOU KARL MARX

Deus e a Religião

Escreve Karl Marx na obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel*: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. (p. 145).” Também escreve, “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo. (p. 146).” (editora Boitempo, São Paulo, 2010.)

Não por acaso, logo no início da revolução russa a religião passou a ser tratada como uma das piores atividades antirrevolucionárias. Ensinar a existência de Deus aos filhos era crime punido com dez anos em campo de concentração, bem como, declarar que se acreditava em Deus era punido com idêntica pena. À época, tornou-se conhecido o poema de Tanya Khodkevich:

***Você pode orar livremente
Mas, desde que, apenas Deus, sozinho, possa ouvir.***

(Solzhenitsyn, Aleksandr. *The Gulag Archipelago*. [Volume 1].
HarperCollins. Edição do Kindle. Traduzimos.

Ela foi condenada a dez anos por esse poema.

Compreensivelmente, Marx, também odiava o Espiritismo. Conforme documentação histórica, uma carta escrita de punho, ele, sem ser estimulado, declara “o Espiritismo, eu detesto”.³ Os espíritas estavam entre os condenados na Rússia por acreditarem em Deus.

Método de mudança social

O primeiro aspecto que chama atenção sobre Karl Marx é o fato de Léon Denis tê-lo chamado de “homem ácido e odioso”, algo que deve ser levado em consideração, dado a estatura moral do continuador de Kardec, que ao longo da vida demonstrou equilíbrio e humildade nas mais diversas situações. Não conhecemos nenhuma outra afirmação tão contundente em relação a outros indivíduos. Ao apresentar Karl Marx aos espíritas como uma pessoa odiosa, o apóstolo de Kardec já era um homem maduro e ponderado, estava com seus 79 anos e com plena consciência que *Socialismo e Espiritismo* seria sua última obra. Portanto, tal afirmação não pode ser entendida como rivalidade, despeito e, menos ainda, leviandade. É o cumprimento de um dever difícil, uma denúncia forte, justa e necessária.

Karl Marx pregava a violência como único meio da reforma social.

³ Ver a matéria “Manuscrito de Karl Marx e o que ele pensava do Espiritismo” em <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2020/11/manuscrito-de-karl-marx-e-o-que-ele.html>. — N. E.

Em seu livro mais popular, *O Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, escreve:

“Os comunistas não se rebaixam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder nela a não ser suas cadeias.”

Sobre os marginalizados

Marx não odiava apenas a religião em geral ou o Espiritismo em particular. Odiava também a classe burguesa — os mais altos na escala social —, mas igualmente aqueles que estavam nas posições sociais mais baixa. Ele os classificava com desprezo de *lumpem-proletário*. Afirma no mesmo livro:

“O *lumpen-proletariado*, esse produto passivo da putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade, pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predispõem mais a vender-se à reação.”

Sabemos o que os comunistas são orientados a fazer com seus opositores, mas quem é o *lumpen-proletariado*, os quais Marx chama de escoria social passiva e apodrecida? São os operários que caíram em desgraça social, são os mendigos e os outros indivíduos socialmente marginalizados. São aqueles mais pobres ou mais socialmente excluídos do que os operários. O ácido pensador também nutria desprezo pela pequena burguesia e pela classe média, além de considerar os agricultores e camponeses dispersos e desorganizados, incapazes de colaborar com a revolução salvadora do Comunismo. Marx parece odiar tudo o que se opusesse ou não colaborasse para sua obra de destruição. Sua lista de ódio era imensa.

O QUE PREGOU LÉON DENIS

Vamos comparar as três características centrais do pensamento de Karl Marx com o de Léon Denis, uma tarefa ao mesmo tempo fácil e estranha, por serem eles diametralmente opostos.

Deus e a Religião

O conhecimento das leis espirituais é, portanto, indispensável para estabelecer a verdadeira natureza do ser e sua adaptação cabível aos diferentes ambientes sociais.

O que para Karl Marx seria o primeiro inimigo ou o inimigo central a ser destruído — a religião e a consciência da existência de Deus — para o continuador de Kardec era o conhecimento central para a reforma social.

Divergindo a visão limitadora do materialismo de Marx, que ensina que a religião (consequentemente Deus) é um sol ilusório, discorda Denis, que esclarece em *O Grande Enigma*:⁴

O Universo vive e respira, animado por duas correntes poderosas: a absorção e a difusão. Por essa expansão, por esse sopro imenso, Deus, o Ser dos seres, a Alma do Universo, cria. Por seu amor, atrai a si. As vibrações do seu pensamento e da sua vontade, fontes primeiras de todas as forças cósmicas, movem o Universo e geram a Vida. A Matéria, dissemos, é um modo, uma forma transitória da substância universal.

Ela escapa à análise e desaparece sob a objetiva dos microscópios, para se transmutar em radiações sutis. Não tem existência própria; as filosofias que a tomam por base repousam sobre uma aparência, uma espécie de ilusão.

Capítulo II: 'Unidade substancial do Universo'

Em capítulo posterior, continua:

... **Deus é o sol das Almas.** É Dele que emana essa força, às vezes energia, pensamento, luz, que anima e vivifica todos os seres. Quando se pretende que

⁴ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=51>. — N. E.

a ideia de Deus é inútil, indiferente, tanto valeria dizer que o Sol é inútil, indiferente à Natureza e à vida.

Para o marxismo Deus é uma ilusão; para o Espiritismo, Deus é o Criador de tudo. A negação da existência de Deus, como explica Kardec, é sempre sinal de inferioridade e revolta.⁵

Método de mudança social

São palavras de Denis (cap. XII desta obra):

De acordo com meus textos anteriores, fui classificado como um dos socialistas. Entretanto — eu tive o cuidado de dizer — eu não aceito o socialismo sem a doutrina espiritualista que o tempera, o adoça e tira dele todo caráter de ácida violência. **Eu reprovo o socialismo materialista que semeia o ódio entre os homens e, por consequência, permanece infrutífero e destrutivo, como o vimos na Rússia. Eu sou um evolucionista e não um revolucionário.**

Além disso, escreve:

Em todos os casos, **não será pelo crime e pelo sangue** que poderíamos fundar um regime de fraternidade, solidariedade e de amor!

⁵ Como lemos, por exemplo, em *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*: “Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é primeiramente a revolta contra Deus por se negarem a reconhecer qualquer poder superior à humanidade; a propensão instintiva às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternais de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme, enfim, de apego a tudo o que é material: sensualidade, ambição e avareza.” (cap. XVIII, item 28) e “Aqueles que, malgrado sua inteligência e seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e contra suas leis seriam daí em diante um entrave para o futuro progresso moral, uma causa permanente de problema para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos desse mundo e enviados para outros menos evoluídos; lá, eles aplicarão sua inteligência e intuição dos seus conhecimentos adquiridos em favor do progresso daqueles entre os quais são convocados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão suas faltas passadas e seu endurecimento.” (cap. XI, item 43), disponível em <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=5>. — N. E.

Eis a proposta espírita de reforma do mundo:

“Dessas considerações, implica que, para ser mais segura e prática, a **reforma social deve começar pela reforma de si mesmo**. Se cada um de nós se impôs uma disciplina intelectual, uma regra capaz de sufocar, de destruir o fundo de egoísmo e da brutalidade que os tempos nos legaram, toda a bagagem mórbida que trazemos ao nascer e que é herança de nossas vidas passadas, e isso de modo a fazer nascer em nós o novo homem, o melhoramento do meio ambiente seria rápido. Poderíamos aí instaurar um regime que, com a ordem e a liberdade, traria aos homens mais felicidade, pois acabamos de ver que a causa de todos os nossos males está dentro de nós mesmos, e bastaria superar o que há de inferior e ruim em nossa ser, para nos tornarmos mais felizes. A felicidade não está fora de nós, mas sim na nossa forma de julgar as coisas, na nossa mentalidade”

Sobre os marginalizados

Como discípulo de Kardec, Denis conheceu e meditara sobre a história de Max, o mendigo tão bem retratada em ***O Céu e o Inferno***.⁶ Por isso, entendia o absurdo em julgar uma pessoa por seu grupo social. Para o nosso autor, a grandeza da alma humana merecia mais reverência do que as aparências ou as ilusórias classificações de classe ou grupo social.

Ao escrever sobre a dor humana, em sua maior obra, ***O Problema do Ser e do Destino***,⁷ dedica suas páginas aos sofredores da Terra:

“Fundamentalmente, a dor é uma lei de equilíbrio e educação. Sem dúvida, as falhas do passado recaem sobre nós com todo o seu peso e determinam as condições de nosso destino. O sofrimento, muitas vezes, não é mais do que a repercussão das violações da ordem eterna cometidas; mas, sendo partilha de todos, deve ser considerado como necessidade de ordem geral, como agente de desenvolvimento, condição do progresso. Todos os seres têm de, por sua vez, passar por ele. Sua ação

⁶ Disponível em <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=4>. — N. E.

⁷ disponível em <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=141>. — N. E.

é benfazeja para quem sabe compreendê-lo; mas, somente podem compreendê-lo aqueles que lhe sentiram os poderosos efeitos. **Principalmente a esses, a todos aqueles que sofrem, têm sofrido ou são dignos de sofrer que dirijo estas páginas.**”

Não há desprezo, não crítica ou condenação aos que sofrem. Mas, o amparo emocional sincero e amigo ao dizer, todos sofremos e todos cresceremos em direção à Deus.

Esse simples quadro comparativo das ideias de Karl Marx e Léon Denis sobre Deus, reforma social e fraternidade, penso, são suficientes para esclarecer aos que buscam a Deus com sinceridade sobre qual o melhor caminho a seguir. A título de complemento de nossa apresentação das ideias centrais dos artigos dessa obra, destacaremos o pensamento de Denis sobre a família, o nacionalismo, a iniciativa privada, a democracia, o alcoolismo e o desarmamento.

Família e Nacionalismo

A família e a pátria, para Léon Denis, são merecedoras de amor e devoção. Escreve:

“Em primeiro lugar, não há outro direito senão aquele que resulta dos méritos adquiridos, dos serviços prestados, de uma participação efetiva na obra da civilização e do progresso. Todo direito adquirido comporta uma série de obrigações correspondentes, e estes deveres são tanto mais numerosos quanto o direito é mais preciso, mais extenso: **deveres para com a família, para com a pátria, para com a humanidade.**”

Noutro trecho, (cap. VI), volta ao tema:

“Dessa maneira é que o novo **espiritualismo** traz em todas as coisas um elemento regenerador. **Ele ensina a amar a família e a pátria**, mas, sobretudo, nos traz essa noção sublime da **grande família**

humana: a fraternidade das almas, a comunhão de todos em busca de um mesmo desiderato — a ascensão lenta e gradual de todos para mais perto da luz.”

Entende-se assim que o amor à Humanidade é uma extensão do amor devotado à família e à pátria. Denis sempre amou sua pátria. O amor à pátria leva Denis, apesar de ter sido dispensado, ingressar no exército e colaborar com a França na guerra Franco-prussiana (1870-1871) conforme ele narra em artigo Na *Revue Spirite* de janeiro de 1923, sob o título de “L’Spiritisme: la Theorie et les Facts”:

“Em minha vida atual fui isentado de todo serviço militar, em face a fraqueza de minha vista. Entretanto, em 1870, **sentindo que poderia prestar um serviço qualquer, alistei-me como voluntário**. Em quinze dias aprendi o manejo das armas e completei o curso da escola de pelotões, de maneira a servir de instrutor nos quadros do meu batalhão. No espaço de seis meses tornei-me, sucessivamente, suboficial, subtenente, lugar-tenente e estaria ainda progredindo em graus, se a paz não se tivesse feito.”

A família e a pátria para Denis são merecedoras dos mais elevados sacrifícios e nunca objeto de desprezo ou meios para a obtenção de vantagens pessoais.

Iniciativa Privada

Léon Denis confia que:

“Um socialismo sábio e prudente deverá sempre dar uma grande parte da obra geral à **iniciativa privada, que é uma fonte de energia, de emulação e de concorrência frutuosa.**”

Obviamente, para o marxismo, a iniciativa privada é a fonte de todos os males sociais.

Democracia

Divergindo frontalmente dos que defendem a “ditadura do proletariado”, afirma Denis, além de ser a favor da democracia, que a ditaduras das classes mais baixas seriam as piores ditaduras.

“Sou a favor da democracia, que, por si só, parece capaz de assegurar a pacificação e a reaproximação entre as pessoas. Os Estados despóticos e a política dos soberanos tendem naturalmente a usar da força para aumentar seu domínio, enquanto as democracias, em que o conjunto dos cidadãos eleitos deve decidir sobre as questões graves, são pouco favoráveis à guerra, que, longe de restituir, arruína os povos. (...) Mas o despotismo de baixo não é melhor do que aquele de cima; é bem pior, porquanto mais brutal e mais cego.”

O alcoolismo e outras drogas

Embora o tema do alcoolismo na atualidade tenha se tornado mais complexo, devido às campanhas de liberação de variados tipos de drogas, a reflexão espírita mantém seus princípios tão bem expresso por Denis que, de fato, preocupava-se com os operários e os marginalizados, por isso, escreve:

“Com efeito, o problema intelectual se religa intimamente com o problema moral. Ambos nos impõem o dever de combater o alcoolismo e todos os vícios que entravam o desenvolvimento da raça. Devemos ensinar o homem a respeitar a si mesmo, a salvaguardar a sua própria dignidade, porque, elevando o nível moral, trabalhamos ao mesmo tempo para solucionar todos os problemas difíceis da hora presente.”

Desarmamento

Conhecedor da realidade humana e das manhas dos falsos profetas, Léon Denis tem uma postura muito firme em relação ao desarmamento:

a ideia de desarmar os povos e os indivíduos sempre foi acalentada por dois diferentes grupos: os sonhadores e os perversos. E denuncia, em tom austero, uma conferência internacional sobre desarmamento dos países, realizada em 1922: “A conferência de Washington sobre o desarmamento foi uma farsa” — conclui ele.

Em seguida, o missionário espírita expressa sua opinião sobre desarmamento desta forma:

“A necessidade de um fator moral aqui é evidente. Não se pode pensar em desarmar as mãos sem desarmar os espíritos.”

É óbvio que ninguém em sã consciência vai acreditar que o fato de apenas o agressor estar armado é garantia de paz. O “desarmamento material” antes do “desarmamento espiritual” é ato de autodestruição originado na ingenuidade ou na incapacidade de compreensão da realidade do mundo terreno. Na Rússia comunista, por exemplo, possuir uma arma era considerado ato de terrorismo. O stalinismo preferia que os cidadãos confiassem ao estado sua proteção.

Para concluir é preciso esclarecer que esse não é um livro de combate. Não nos interessa polemizar. Esse é livro de alerta. É aviso aos que querem ser fiéis ao pensamento espírita e que respeita outras crenças e descrenças desde que não sejam desumanas e não promovam atrocidades.

Nosso objetivo foi o de colaborar com o leitor pouco familiarizado com o pensamento social do início do século XX, auxiliá-lo a entender as elucidações do continuador de Kardec em relação às ideias perniciosas que, infelizmente, arruinaram milhões de vidas sem nunca implementar a sociedade prometida e que são adotadas, sem sérias reflexões e estudos, por muitos que se dizem espíritas.

Léon Denis alerta aos espíritas sobre as doutrinas destrutivas, mas, de forma nenhuma, incentiva o combate físico às pessoas que a professam, embora a defesa da família e da pátria seja sempre um dever de todo espírita consciente.

As informações que vinculamos não se destinam a ser munição contra os inimigos do Cristianismo e do Espiritismo, são elementos de defesa, pois, como cristão, devemos saber a forma de nos posicionar ante aqueles que — conscientes ou não — tornam-se agentes da maldade. Afinal, eles não lutam contra nós. Desafiam o Cristo e a Ordem, por isso, é preciso ter piedade e, ao mesmo tempo, saber proteger-se.

Devemos sempre ter como referência o Cristo. Permitam-me um exemplo. Um juiz ético, ao julgar um caso brutal, pode ter sentimento de revolta e até desejar a morte do criminoso, mas, sabendo que a lei não permite tal pena, independentemente de seu desejo momentâneo, irá aplicar a pena segundo as leis vigentes. De forma semelhante, caso se condoa com a situação do criminoso, não poderá simplesmente inocentá-lo de crime cometido. Assim age o cristão. Sua referência é e sempre será o Cristo.

O cristão, ainda que sua vontade seja intensa de agir de forma impulsiva, irá submeter-se às diretrizes do Mestre. Indagará, por exemplo, como agiu Jesus ante a multidão? Essa pergunta torna-se indispensável, pois, o comunismo orienta a seus seguidores a agir como multidão e aqueles que não desejam trair o Mestre e juntar-se euforicamente à multidão, devem aprender a lidar com ela.

O Cristo, no momento culminante de sua vida no mundo, de braços amarrados, é colocado em frente à multidão; como é típico do comportamento em massa, a algazarra, a gritaria, as palavras de ordem

indicavam uma única coisa — todos queriam o gozo de um espetáculo sangrento: o Messias deveria ser crucificado. Barrabás, por ser violento e criminoso, era parte da multidão e a coletividade não se reconhecia no pacífico filho de Maria.

O que fez o Mestre? Silenciou. Essa lição é por demais preciosa para atualidade. Entrar na vibração dos violentos, apenas nos enfraquecerá. Debater com uma turba enlouquecida é desviar-se. É enlouquecer.

Mas sempre o silêncio deverá ser nossa resposta? Há exceções. Quando o Cristo é envolvido por um grupo agressivo que busca envolvê-lo em um assassinato, o Mestre age em defesa da vítima. Ainda assim, é preciso uma extraordinária cautela. Homens enfurecidos queriam apedrejar uma mulher pegue em adultério, queriam praticar a justiça com as próprias mãos. Que faz o Mestre para defendê-la? A única coisa possível, desvincular os indivíduos da coletividade, lembremos, o grupo dos revoltados é sempre assassino. Como o fez? Primeiro silenciou. Passou a escrever na areia como a permitir que um pouco de calma tocasse os corações revoltados e sedentos de violência socialmente justificada. Matar e destruir em nome da justiça apaixona os espíritos inferiores. Em seguida, de forma genial, ele quebra a unidade da turba ao falar “jogue a primeira pedra que não tem pecado”. Eis a vitória: Cristo desfez o vínculo doentio da multidão agressiva ao fazer que cada pensasse na própria vida antes de apedrejar o próximo.

Ao cristão, portanto, cabe apenas a interação com individualidades. Não podemos querer ser mais inteligentes do que o Cristo e participarmos de embates que envolvem multidões desvairadas.

O terceiro exemplo é ainda mais marcante. Ao se aproximar de Genesaré, Cristo foi recebido por uma multidão de espíritos inferiores —

autodenominavam-se legião, eram muitos. A forma como abordam o Cristo é reveladora de uma estratégia perigosa. Assim narra Lucas (5: 7 e 11): “Quando viu Jesus de longe, correu e o reverenciou, gritando com grande voz, diz: que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus, não me atormentes!

Primeiro eles se aproximam de Jesus o reverenciando — filho do Altíssimo — para logo em seguida dizerem — não me atormentes!

Essa é a inversão revolucionária como tão bem entendeu Dostoievski: os demônios se fazem de vítimas. Fingem-se de humildes, reverenciando Jesus, para em seguida o atacarem como se fossem vítimas — não me atormentes tu.

Ora, o que fazia o Cristo para atormentá-los? Socorria sua vítima. Mais uma vez, Jesus lida com uma multidão não para desafiá-la, mas para socorrer alguém em grande necessidade e permite que eles se retirem para uma manada de porcos.

Entendamos, portanto, como cristãos: este não é um livro de desafio ao comunismo; é um socorro para quem dele não quer ser vítima ou para quem deseja dele libertar-se. É preciso antes orar com piedade por todos aqueles que se tornaram suas vítimas ao invés de condenar os algozes antigos ou atuais.

É indispensável que sejamos cristãos para não seremos mais um a alimentar a turba assassina em trocas energéticas de ódio. Sabemos que existem leis magnéticas que nos mostram que combater o mal com maldade é comungar com o anticristo. Prender-se a turba enlouquecida por elos magnéticos poderosos que nos arrastariam a mundo inferiores, em futuro próximo, é o que desejam os inimigos do Cristo.

Não sejamos lobos e assim não cairemos nas armadilhas de lobos.

Lembremos o final o episódio de Genesaré, os donos dos porcos vendo seu prejuízo financeiro, rogaram a Jesus que partisse. Eis o programa do comunismo, justificar o afastamento do Cristo por conta de questões materiais.

Eis nosso principal objetivo, destacar o acerto pensamento de Leon Denis ao seguir a inspiração de seus guias espirituais, sobre a necessidade de alertar sobre os rumos do socialismo no mundo. Conforme narra sua secretária Claire Baumard:

“Léon Denis não conheceu jamais o tédio; ele amava o trabalho e, além disso, seus guias se lhe impunham de uma maneira muito peremptória. Em uma sessão, um médium que não tinha, conscientemente, conhecimento de todas essas questões, lhe disse um dia: — Somos nós que te inspiramos teus artigos sobre o Socialismo; eles têm um grande alcance, tu deves trabalhar sempre e de mais em mais, tua tarefa está longe de estar encerrada.”

Poderia Denis imaginar que seus artigos seriam um decisivo alerta aos espíritas do início do século XXI? Talvez, não. Mas o fato é que ele cumpriu à risca as orientações dos Espíritos elevados e hoje temos em nossas mãos uma orientação segura para não cairmos no engodo marxista e nos tornarmos anticristãos, propagadores do ódio que agem sob o pretexto da justiça e do amor.

por **Carlos Luiz**

10 de agosto de 2022

1ª PARTE

Socialismo e Espiritismo

I

Espiritismo e socialismo estão unidos por laços estreitos, pois um traz ao outro aquilo que mais lhe falta, quer dizer, os elementos de sabedoria, de justiça, de ponderação, de altas verdades e o nobre ideal sem o qual corre-se o risco de permanecer impotente ou afundar na anarquia.

Porém, antes de tudo, é importante definir claramente o significado dos termos que empregamos. Para nós, o socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios capazes de melhorar a situação material, intelectual e moral da humanidade. Nessas condições, as nuances, as variedades de opiniões e sistemas são numerosas, desde o socialismo cristão até o comunismo, e todo homem preocupado com o destino de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, as suas predileções.

Minha intenção é bem menos tratar a questão social do ponto de vista político ou econômico do que pesquisar qual parte da influência o socialismo poderia ter sobre a evolução do espírito humano, e particularmente sobre a educação do povo. As questões sociais, que há algum tempo assumiram um caráter violento e ameaçavam atear fogo no edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. Este é o momento de as considerar sem paixão, sem azedume, com a calma que

convém aos espíritos refletidos, amantes da justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e na harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral.

Concordamos voluntariamente das reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador sua quota de influência e de bem-estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, mas reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa.

O que, aos nossos olhos, caracteriza atualmente o estado de espírito dos socialistas, com exceção de algumas raras unidades, é o conhecimento insuficiente e muito rudimentar das leis universais, sem a observação das quais todo o trabalho humano fica de antemão condenado à impotência, à esterilidade, quando ela não termina em desordem, em caos.

A vida das sociedades, como a do Universo, consiste no equilíbrio de forças opostas, forças contrárias. O equilíbrio perfeito é a ordem, a paz, a harmonia; contudo, tão logo uma dessas forças invada as outras, haverá problema, confusão e sofrimento. O estado de inferioridade do nosso mundo decorre precisamente da instabilidade das forças físicas e sociais em ação na sua superfície, porque umas repercutem sobre as outras.

Todo o passado nos mostra a predominância das classes elevadas, ditas classes dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje são as classes trabalhadoras que às vezes querem assumir o topo e, por sua vez, dirigir a sociedade. Mas o despotismo de baixo não é melhor do que aquele de cima; é bem pior, porquanto mais brutal e mais cego.

Desde a última guerra ⁸ o nível intelectual e moral decaiu sensivelmente. Paixões se desencadearam, apetites e concupiscências se

⁸ Menção à Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918 — N. T.

tornaram mais mordazes, mais ardentes. Isso porque os melhores se foram; arrastados pelo seu devotamento, pelo espírito de sacrifício, eles correram para a morte como para uma festa, enquanto os outros, mais prudentes, menos desinteressados, souberam conservar a vida. Aqueles que se ofereceram em holocausto pela salvação dos outros pairam de montão sobre nós⁹, assimilando novas forças e luzes. Retornarão em breve ao seio desta humanidade que carece de sua ajuda para trabalhar para sua evolução. Já na geração que surge, espíritos de valor tomaram seu lugar e numa vintena de anos nós os veremos se fortalecerem por seus méritos e pelas virtudes adquiridas; todavia, até lá, deveremos atravessar um período difícil durante o qual todos aqueles que têm consciência de seus deveres e da solidariedade que nos reúne a todos, sobretudo os espíritas, terão que pagar com sua pessoa e guiar seus semelhantes na via árdua do progresso.

A grande lei da evolução que rege todos os seres deve servir também de base a toda organização social. Cada qual tem o direito a uma posição compatível com suas aptidões e qualidades morais. Ora, essa aquisição que trazemos de nossas vidas anteriores, somente a educação espírita poderia indicar.

O essencial seria, portanto, ensinar antes a todos os homens de onde eles vêm e para onde vão, ou seja, qual é o verdadeiro propósito da vida e do destino. Só então aparecerá em todo o seu brilho e em todas as suas consequências sociais, essa imensa solidariedade que une os seres em todos os degraus de sua ascensão, obrigando-os, para seu próprio bem, a

⁹ Sir Conan Doyle, o grande escritor inglês, comunica-nos uma fotografia tirada em 11 de novembro, em Londres, no Cenotáfio do soldado desconhecido, durante o minuto de silêncio e de recolhimento. Viu-se ali uma ruma de cabeças de jovens dentre os quais o eminente escritor afirma reconhecer a do seu filho morto no front.

retornar à Terra e aos outros mundos nas mais diversas condições, a fim de adquirir neles as qualidades inerentes a esses ambientes e, muitas vezes também, resgatar aí um passado culposo.

Após as doutrinas do passado que não nos trouxeram mais do que obscuridade e incerteza, o espiritismo projeta uma vívida clareza sobre o caminho a ser percorrido; na correlação de nossas vidas sucessivas ele nos mostra a ordem, a justiça e a harmonia que reinam no Universo. Que o socialista sereno adote esta grande doutrina, esta vasta e profunda ciência que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais de sobrevivência; que seus partidários se impregnem dela, moldando suas ações de acordo com ela e ele poderá se tornar uma das alavancas que levarão a humanidade a destinos melhores.

* * *

Ainda que o eu seja detestável ¹⁰, creio que devo insistir sobre o estado de espírito no qual me proponho tratar desse grave assunto.

Nasci na classe operária e conheci as lutas e as privações. Meu pai era pedreiro, depois se tornou um pequeno empreiteiro, mas frequentemente faltava trabalho e era preciso mudar de profissão. Eu mesmo, depois de ter recebido uma instrução muito sumária, comecei cedo como empregado comercial e o labor manual não me é estranho. Já

¹⁰ Provável referência ao item 597-455 de *Os Pensamentos* de Blaise Pascal (disponível em <https://ub.uni-freiburg.de/fileadmin/ub/referate/04/pascal/pensees.pdf>, pág. 116) pela ideia de que o ego é “injusto em si mesmo porque se torna o centro de tudo. Ele é inconveniente para os outros porque quer escravizá-los, porque cada *eu* é o inimigo e gostaria de ser o tirano de todos os outros.”

Denis se expressa assim como um pedido de licença prévia para contar a sua história de operário, evidenciando, com conhecimento de causa, não estar alheio ao problema social e aos anseios dos obreiros menos favorecidos. — N. T.

aos doze anos eu descolava flans de cobre na Casa da Moeda de Bordeaux, e meus dedos de criança, sob a fricção do metal, às vezes se tingiam de sangue. Aos dezesseis anos, numa olaria de Tours, eu carregava o exaustor nos dias em que o desenforávamos. Com vinte anos, em uma manufatura de couro, eu carregava as peles na hora da prensa ou manobrava a “margarida”, uma grande ferramenta de madeira usada para amaciar couro. Obrigado durante o dia a ganhar meu pão e o de meus velhos pais, consagrei muitas noites ao estudo, com o objetivo de completar minha leve bagagem de conhecimentos, e a partir daí data o enfraquecimento prematuro da visão.

Após a guerra de 1870¹¹, compreendi que era preciso trabalhar com ardor pela educação do povo. Para essa finalidade, junto com alguns cidadãos devotados, fundamos em nossa região a *Liga do Ensino*, da qual me tornei secretário geral, criamos bibliotecas populares e inauguramos em quase todos os lugares algumas temporadas de palestras. Isso, para demonstrar que sempre mantive contato com as classes trabalhadoras, que compartilhei de suas preocupações, suas aspirações ao progresso. Interessei-me bastante pelo movimento cooperativo e mantive por um longo tempo, de graça, os livros de um grupo de operários sapateiros reunidos em um empreendimento comum.¹²

¹¹ Guerra Franco-Prussiana, na qual a França foi fragorosamente derrotada pelos alemães, resultando-lhe em terríveis consequências materiais e sociais, dentre as quais o controverso movimento Comuna de Paris. — N. T.

¹² O projeto dessa *Liga do Ensino* já circundava o meio espírita mesmo antes da guerra referida por Léon Denis. Em 1867, Kardec é questionado sobre isso e ofereceu sua resposta na *Revista Espírita* de março daquele ano, prudentemente analisando a imprecisão do projeto: “Nossa simpatia, como a de todos os espíritas, naturalmente vincula-se a todas as ideias progressistas, bem como a todas as instituições que tendam a propagá-las. Mas é necessário, além disto, que tal simpatia tenha um objetivo determinado. Ora, até o presente, a Liga do Ensino só nos oferece um título, sedutor, é

Agora que a idade embranqueceu minha cabeça e a experiência chegou, eu aprecio mais altamente as vantagens que advêm a toda alma as reencarnações entre os humildes e a livre aceitação da lei do trabalho. Com efeito, o trabalho é um preservativo soberano contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, sinônimo de alegria, de paz e de felicidade, quando realizado com inteligência e entusiasmo.

Assim compreendo melhor por que a lei de evolução obriga a imensa maioria dos seres a renascer no seio das classes laboriosas para aí desenvolver energias saudáveis, talhar o caráter, tornar o homem verdadeiramente digno desse nome. Na luta constante contra as necessidades, no esforço cotidiano para se desvencilhar do aperto das carências, pouco a pouco a vontade se fortalece, se o juízo se forma, as mais belas qualidades desabrocham. É por isso que as maiores almas que passaram na Terra — Cristo, Joana d'Arc e tantos outros espíritos nobres — quiseram nascer nas condições mais obscuras para servir de exemplo à humanidade.

* * *

Devo dizer aqui que no transcurso da minha vida, desde a minha

verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nenhum objetivo preciso. Ademais, esse título tem o inconveniente de ser tão elástico, que poderia prestar-se a combinações muito divergentes em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo à sua maneira, e sem dúvida constrói, por antecipação, um plano conforme sua maneira de ver. Poderia então acontecer que, quando estivesse em execução, a coisa não correspondesse à ideia que certas pessoas tinham feito. Daí as inevitáveis defecções.” E, entre outras coisas mais, acrescenta que “antes de darmos nossa adesão seja lá o que for, queremos poder fazê-lo com conhecimento de causa. Precisamos ter uma visão muito clara de tudo o que fazemos e saber em que terreno pisamos. No estado em que estão as coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, abstermo-nos de nosso julgamento.” — N. T.

infância, em meio às dificuldades que tive que superar, sempre fui amparado pelo Além. Nos momentos de que acabo de falar, senti-me impelido em meu caminho por uma força invisível, uma força cuja natureza eu ainda ignorava, pois meus guias espirituais só se revelaram um pouco mais tarde. Não obstante, eu já possuía uma faculdade medianímica — a de escrever — e obtive comunicações de uma forma assaz literária. Mas essa faculdade desapareceu de repente quando me tornei palestrante. Meus protetores do espaço me explicaram que eles haviam adaptado seus auxílios fluídicos às minhas facilidades orais e aos meios de improvisação como sendo mais eficazes para a popularização do espiritismo. Pude notar vários casos análogos de transformação das faculdades psíquicas, especialmente entre os médiuns de incorporação.

A essa época, eu ainda não lidava publicamente com questões espíritas; eu escolhia assuntos a elas relacionados mais ou menos diretamente, tais como a *Pluralidade dos mundos habitados*, o *Gênio da Gália*, *Joana d'Arc* e outros temas que nos permitiam abordar incidentalmente o problema do mundo invisível.

Só por volta de 1880 foi que abordei franca e publicamente essa questão. O público era pouco favorável e mais de uma vez tivemos que suportar insultos, objeções infantis e principalmente algazarra. Hoje, os conferencistas espíritas encontram um melhor acolhimento. Se seus ouvintes nem sempre estão convencidos, pelo menos escutam com cortesia. Essa diferença de atitude dá a medida exata do progresso realizado por nossas crenças em um período de quarenta anos.

Foi sobretudo no curso das minhas contraditórias conferências na Bélgica, com Volders¹³ e Oscar Beck — dois fortes líderes do partido

¹³ Jean Volders (1855-1896) foi um jornalista e político socialista belga, um dos

socialista —, que pude me dar conta de que este último estava profundamente imbuído de teorias materialistas e, por conseqüente, na impossibilidade de vincular seu plano de reforma às leis gerais do Universo, cuja essência é inteiramente espiritual. É verdade que há brilhantes exceções, entre as quais citarei Jaurès¹⁴, que sempre foi um espiritualista convicto, eloquente e até poeta nas horas vagas. Porém não parece que neste ponto ele tenha feito escola.

Das minhas constantes relações com trabalhadores de todas as ordens, uma consideração se destaca: é que os trabalhadores, seja nas cidades ou no campo, tomados individualmente, isoladamente, são pouco acessíveis às doutrinas subversivas: comunismo e anarquia. Sem dúvida, eles guardaram do passado séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas de opressão; mas possuem profundamente dentro de si mesmos um sentimento de realidade, eles amam a justiça e o progresso.

É principalmente nos grandes centros industriais que os excitadores têm mais acesso sobre as massas trabalhadoras e que a palavra inflamada dos oradores com mal de arrivismo reúne consegue melhor empurrá-las para o excesso. Mas estes geralmente têm curta duração. A França é um país de bom senso e de razão que permanece refratário às teorias do

fundadores e dirigentes do Partido dos Trabalhadores da Bélgica. — N. T.

¹⁴ Jean Jaurès (1859-1914) foi um filósofo e político francês, um dos fundadores do Partido Socialista Francês, pacifista por natureza, que se notabilizou por propor um socialismo humanista e espiritualista, não revolucionário e não violento, francamente contrário aos postulados elementares dos marxistas, que então o combateram. Consagrou seus últimos anos no esforço diplomático para sanar os problemas que eclodiram na I Guerra Mundial, razão pela qual foi assassinado por um jovem nacionalista francês que almejava guerra contra a Alemanha a pretexto de revanche pela derrota de seu país na Guerra Franco-Prussiana. — N. T.

bolchevismo¹⁵ e outras doutrinas estrangeiras. O que chamamos de “luta de classes” só existe no papel. Na realidade, não há mais classes depois da Revolução¹⁶, ou pelo menos não há mais limites precisos entre elas, uma vez que a penetração é recíproca e contínua. Todo trabalhador laborioso e econômico pode se tornar um patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e dele é incessantemente recrutada: é do seu seio que surgiu a maior parte dos homens que ilustraram a humanidade; é daí que surgiram tantos “burgueses”, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado, quantos pequenos arrendatários e pequenos proprietários recaíram para o proletariado por causa da guerra e de suas consequências econômicas! Seu número é difícil de ser calculado, pois quando mudam de situação eles quase sempre mudam de residência e se perdem no turbilhão das grandes cidades.

O infortúnio é que o campo se despoeva e que a infinidade das cidades cresce sem cessar. Abandona-se o trabalho saudável e regenerador do campo para ir se confinar em locais estreitos, privados de ar e luz. Assim, pouco a pouco a raça se esteriliza, diminui-se e desliza por uma ladeira perigosa.

* * *

¹⁵ Bolchevismo: movimento da ala esquerda majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo fundado em 1898. Os bolcheviques eram adeptos do marxismo revolucionário pregado por Vladimir Lênin, que tinha como compromissos para os componentes do partido a militância e o engajamento políticos, implementação integral do programa socialista, liderança proletária e centralizada. — N. T.

¹⁶ Referência à Revolução Francesa, uma série de conflitos político-social na França entre 1789 e 1799, oriunda da luta por melhores condições de vida do povo em geral e pelo fim dos privilégios da aristocracia mantida pelo rei Luís XVI, culminando com a queda da monarquia e instauração da Primeira República Francesa, que acabou desembocando no chamado Reinado do Terror, e que vai terminar com a instituição de um consulado sob o comando de Napoleão Bonaparte. — N. T.

Parece que assistimos a um início da desagregação da sociedade. O cimento que une os elementos do edifício, quero dizer, o espírito de família, a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso etc., enfraquece-se e se decompõe.

A quem remonta a responsabilidade desse estado de coisas? Em grande parte, à igreja e à escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja tornou-se impotente para comunicar ao corpo social aquela fé vivaz que é a grande fonte, a própria alma das nações. Seu catecismo — incompreensível e incompreendido — é notoriamente insuficiente para iluminar e guiar os filhos do povo nos difíceis caminhos da existência. Alguns, é verdade, ainda podem se contentar com isso; porém uma sociedade inteira não pode viver deste pão ressecado e endurecido.

Falemos da escola atual, laica e obrigatória. Ela foi uma reação contra a escola congregacional imbuída de preconceitos dogmáticos e de rotinas seculares. Os promotores da escola laica tinham um programa e um objetivo: compartilhar com todos, numa explosão de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da instrução e do conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos no trabalho comum. Essa instrução foi complementada por noções de moral todas impregnadas do ideal espiritualista. Os manuais de Paul Bert¹⁷ e de Compayré¹⁸ ensinavam a existência de Deus, a imortalidade do ser e buscavam reacender o fogo sagrado nas almas francesas; mas seus sucessores, em sua política rasteira, eliminaram paulatinamente essas noções de idealismo e a escola recaiu sob a influência materialista.

¹⁷ Paul Bert (1833-1886) foi um zoólogo, fisiologista e político francês ligado à extrema esquerda, também ardente crítico do clericalismo. — N. T.

¹⁸ Gabriel Compayré (1843-1913) foi um filósofo, teórico da pedagogia e político francês. — N. T.

A partir de então, a instrução laica, desprovida de elevação, desenvolveu o sentimento pessoal. Do orgulho ao egoísmo não há mais do que um passo, e, depois de trinta anos, este tem crescido, graças ao bem-estar proporcionado por uma civilização inteiramente material. Quando a educação é desprovida de freio moral, de sanção e vem se misturar com a paixão material, ela não faz senão superexcitar os apetites, o desejo dos prazeres e se traduz por um egoísmo desenfreado.

É preciso, pois, combater o egoísmo através de um ensinamento idealista regenerador. O egoísmo sendo derrotado, será mais fácil aplacar as demais paixões que corroem o coração humano.

A escola neutra representa hoje um conjunto de conhecimento privado do bem moral necessário para constituir uma educação, uma direção eficaz. Ela recuperaria seu prestígio e seu poder benfazejo assimilando uma doutrina espiritualista independente, suscetível de substituir todos os ensinamentos confessionais. Ora, essa doutrina, somente o espiritismo lhe pode fornecer. Enquanto esperamos essa necessária fusão, qual é o nosso papel, a nós espíritas? É criar e multiplicar o exemplo de nossos irmãos lioneses: escolas dominicais onde a doutrina e a moral espírita sejam ensinadas às crianças, assim como aos adultos.

O que dissemos da escola primária se aplica igualmente ao ensino superior e mesmo à ciência, a qual ainda não passa de um conjunto de teorias passageiras, hipóteses provisórias que um século edifica e que o século seguinte destrói e substitui, como o demonstrou o Sr. Charles Richet¹⁹ com um vigor e uma franqueza que não são sem mérito.

¹⁹ Charles Richet (1850-1935) foi um prestigiado fisiologista francês, prêmio Nobel de medicina, celebrizado pelas suas pesquisas acerca dos fenômenos mediúnicos sintetizadas em seu *Tratado de Metapsíquica*. — N. T.

É verdade que uma nova ciência se edifica pouco a pouco. Ela tem por base a experimentação psíquica; contudo ela esbarra em tantos preconceitos, parcialidades e rotinas materialistas que levará muito tempo para realizar essa síntese necessária e esperada que ligará nossas ciências atuais, parciais, fragmentárias, num conjunto todo harmonioso, ou seja, em uma concepção geral da vida e do Universo. Tornar-se-ia, assim, motivo de ação, um foco de luz capaz de clarear e guiar o homem nos caminhos até então incertos da sua destinação.

A ciência não é feita, ela se faz; um dia, tornada integral e homogênea, ela abraçará em seus estudos os mundos visível e invisível e penetrará nesse oceano de vida oculta que nos envolve. Ela desobstruirá as leis e, acima de tudo, essa grande lei de ascensão que estimula cada um de nós, através do tempo, a estados melhores. Então, tendo chegado a esse domínio elevado do conhecimento, ela poderá servir de base ao ensino e à educação, pois não terá apenas uma lei, mas também uma moral para oferecer à humanidade.

Em nossos dias, ela não é senão o balbuciamiento da criança tentando soletrar as primeiras letras do grande livro eterno e divino.

Esmagado sob o peso da matéria, cuja densidade é maior no nosso mundo do que nos globos vizinhos, e sufocado por uma atmosfera envenenada pelos fluidos das paixões terrestres, como o homem poderia conhecer a vida invisível que preenche o espaço? Como ele poderia ter uma ideia dessas hierarquias espirituais que se elevam até os cumes onde está sediado o Incrariado? E, entretanto, é isso que o homem mais precisa saber, pois é o desígnio supremo de seus esforços, a sanção de seus atos, a compensação reservada para suas provações e seus males.

É verdade que, pela descoberta das forças radiantes e dos estados

sutis da matéria, a ciência humana começou a entrever a possibilidade de uma vida invisível; mas, antes de ter analisado esse estado de vida e, por seus processos e seus métodos atuais, ter trazido à tona suas leis e suas consequências morais, séculos podem se escoar! Em esperando que nossa ciência terrena atinja o auge das necessidades sociais, eis que o ensinamento dos Espíritos abrindo para nós os mais vastos horizontes, introduzindo-nos nas leis e nas harmonias da vida universal. Passo a passo, em todos os pontos do orbe, uma comunhão se estabelece entre os vivos e os mortos. E em breve, da Terra inteira, erguer-se-á o hino de alegria, o grito de gratidão e amor para com Aquele que, em sua sabedoria e previsão, permitiu que essa grande revelação se produzisse no exato momento em que a humanidade parecia decaia para um abismo de trevas e de dor; para com Aquele que dispôs todas as coisas com uma infinita sabedoria, previsão e arte.

II

Nosso mundo, como já dissemos, está sendo arrastado por uma poderosa corrente em direção a uma era de transformação social. O socialismo — qualquer que seja a opinião que se tenha sobre ele, que se o aprove ou que se o condene — continuou seu caminho a despeito das resistências e tornou-se uma força tal que é preciso ser levado em conta. Ele tem o futuro para si; ele triunfará talvez sob formas muito diferentes daquelas que concebidas atualmente e sua obra será pacífica ou sangrenta conforme o princípio, a ideia principal que a inspirará.

No momento, os socialistas estão divididos em escolas rivais. Eles trabalham de maneiras diversas para reunir os elementos necessários para fundar um novo edifício social. Mas lhes falta o essencial, o cimento que deve unir esses elementos, quer dizer, a fé elevada e o espírito de sacrifício que ela inspira. Falta-lhes o ideal poderoso que aquece, fertiliza e vivifica.

Para construir a cidade futura, para fixar a lei social definitiva, é preciso antes de tudo conhecer a lei universal do progresso e da justiça e tomá-la como guia. Porque, se não adequarmos nossas obras à lei eterna das coisas, nada faremos senão uma obra efêmera construída sobre a areia e que se desintegrará.

A ciência tem algo a ver com esse poderoso movimento que está

invadindo o mundo e penetrando-o cada vez mais? Não, é a vontade de fazer cessar, ou pelo menos amenizar o sofrimento humano; é o intenso desejo de pôr fim às desigualdades sociais que inspira o socialismo sob suas formas variadas.

A ciência não criou esse movimento; conseguirá ela barrá-lo e dirigi-lo, assinalando-lhe a meta elevada que deve enobrecer e idealizar seus esforços? Desse ponto de vista, a ciência atual é impotente.

Bem como nós vimos, os socialistas que se inspiram em certas teorias científicas erigiram o materialismo e o ateísmo à altura de um princípio. Eles fizeram *tábula rasa*²⁰ de toda esperança no além, de toda ideia de imortalidade, de toda concepção de um ideal divino, e é esse estado de espírito que o tornará estéril ou funesto. Pois, como já dizia Mazzini²¹, o grande democrata italiano, de seu partido e o que se pode dizer de todos os partidos: “Vejo à minha volta o estado de dissolução, o individualismo ao qual forçosamente resulta a ausência de um

²⁰ Para os filósofos empiristas, *tábula rasa* (folha em branco) é uma expressão que figura a condição da mente desprovida de qualquer conhecimento inato, que todo conhecimento e todas as memórias surgem necessariamente das experiências sensoriais. A locução verbal *fazer tábula rasa* equivale a limpar, apagar (conhecimento, memória), no sentido de estabelecer o princípio da necessária experiência concreta, contra qualquer ideia de aquisição prévia (por exemplo: conhecimentos, intuições ou lembranças de vidas passadas). — N. T.

²¹ Giuseppe Mazzini (1805-1872) foi um escritor italiano influente no meio político e ativista em prol da campanha pela unificação da Itália, na segunda metade do século XIX, especialmente devotado ao ideal de uma república, mas distinguindo-se francamente dos republicanos ligados ao socialismo marxista, que eram ateístas e antiespiritualistas, enquanto ele conservava o lema “Deus e o povo”. Como aquela campanha resultou na formação de um Estado monárquico, e Mazzini negava-se a aceitar esta via, ele foi perseguido, preso e exilado. Sob um nome falso, voltou à Itália e se estabeleceu em Pisa, onde faleceu. Além da unificação de seu país, ele idealizava a formação dos Estados Unidos da Europa, preconizando o que, um século depois, começaria a se realizar sob a insígnia do que hoje conhecemos como União Europeia. — N. T.

pensamento religioso, de um pensamento elevado; vejo nessa ausência a causa da perda temporária do nosso partido e aí encontro a explicação de todos os fenómenos que nos entristecem.²²”

Perguntar-me-ão se este elevado sentimento de justiça e de solidariedade, se este ideal superior é conciliável com o conflito de interesses e a luta pela vida. Podemos exigir do homem, em nome dos princípios políticos ou dos direitos econômicos, que renuncie ao seu egoísmo, ao seu amor-próprio, ao seu forte apego aos bens materiais?

Para pôr um freio nas paixões violentas, na cobiça furiosa, em todos os instintos básicos que entravam o progresso social não basta dirigir a inteligência e a razão, é preciso sobretudo falar ao coração do homem, ensiná-lo a conhecer o real propósito da vida, seus efeitos, suas consequências, suas responsabilidades, suas sanções. Enquanto o homem ignorar o escopo de suas ações e suas repercussões em seu destino, não haverá melhoria duradoura na sorte da humanidade. O problema social é, sobre todas as coisas, um problema moral, dissemos. O homem será infeliz enquanto ele for mau.

E desta maneira o povo, sem embargo de sua ignorância e de seus defeitos originais, continua ainda sendo o mais acessível às verdades consoladoras. Ele sofre, perde-se e às vezes se exaspera, mas vibra quando sabemos apelar para os seus sentimentos generosos. Sua educação deve ser feita inteiramente do ponto de vista psíquico. O materialismo nele está na superfície. Há uma grande obra a ser empreendida nessas extensões quase incultas!

Edgar Quinet²³ enxergava bem quando escreveu: “Como não

²² Cartas íntimas.

²³ Edgar Quinet (1803-1875) foi um historiador, poeta, filósofo e renomado político

perceber que o problema religioso envolve o problema político e econômico, e que toda solução deste último não tem mais do que o valor de uma hipótese enquanto não for resolvido o primeiro.”

Com efeito, é preciso lembrar que é em sua fé religiosa que as comunidades cristãs do Oriente e do Ocidente, e na América as sociedades dos Quakers²⁴, Shacres²⁵ etc., encontraram a regra de disciplina, o princípio de associação e de devotamento que asseguraram o bem-estar e a prosperidade dessas instituições e de seus membros.

Mas na nossa época e em nossa França, a fé religiosa já não tem intensidade suficiente para servir de base para a transformação social ou a uma organização econômica. Os nebulosos ensinamentos das Igrejas sobre as condições da vida futura, seu dogmatismo estreito, suas ameaças pueris relativas a castigos imaginários, tudo isso acabou por semear, até mesmo entre seus fiéis, o ceticismo ou a indiferença.

francês de ideias republicanas e anticlericais. — N. T.

²⁴ Também conhecidos como membros da Sociedade Religiosa dos Amigos (*Religious Society of Friends*, em inglês), os *Quakers* formam um movimento cristão iniciado em 1852 por George Fox (1624-1691), um idealista inglês que propunha uma religião natural, livre das formalidades clericais, centrada na iluminação interior e ligação direta com o divino sem intermediário (como a igreja, por exemplo), devotada no desprendimento material, na obra da caridade e na pacificação (em franco oposição às disputas empreendidas pelos católicos e protestantes de seu tempo). — N. T.

²⁵ Possivelmente Denis esteja se referindo aos *Shakers*, ou a Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo (*United Society of Believers in Christ's Second Appearing*, em inglês) uma seita religiosa inglês oriunda dos Quakers e que migraram (século XVIII) para os Estados Unidos, então colônia da coroa britânica. Além das mesmas características dos quakers: vida comunitária, prática da caridade, experimentações medianímicas, pacifismo, igualdade entre os sexos e independência em relação às ordens igrejistias, os shakers eram celibatários, o que resultou no desaparecimento de seus acampamentos. Segundo a *Commonweal* (revista editada por ativistas políticos católicos americanos), com dados de 2019, a última comunidade shaker existente, “Sabbathday Lake Shaker Village”, situada no Estado de Maine - EUA, era composta de apenas dois integrantes (ver em <https://commonwealmagazine.org/last-shakers>). — N. T.

Eis, porém, que a revelação dos Espíritos vem alumiar com uma luz implacável as condições de vida no além e o destino dos seres. Por meio dela, a lei da reparação se impõe a todos; não mais sob a forma de um inferno ridículo, mas através de existências terrenas que podemos observar, constatar ao nosso redor, existências de labuta, de sofrimento, de provações por meio das quais o ser redime um passado culposo e conquista um porvir melhor. Assim, a sanção é precisa. Cada uma de nossos atos recai sobre nós e seu conjunto constitui a trama da nossa destinação. A justiça e a solidariedade encontram aí sua plena e inteira aplicação. Sentimo-nos ligados aos nossos semelhantes na medida dos sacrifícios que temos feito por eles, destinados a nos encontrar, a juntar-se a nós, a nos seguir através das nossas inúmeras etapas nas mais variadas condições sociais, no decorrer da nossa ascensão rumo ao objetivo grandioso e coletivo.

Os ensinamentos do além-túmulo exercem sobre quem os recebe uma impressão profunda, pois na maioria das vezes eles emanam dos seres que conheceram e amaram na terra, próprios parentes e amigos, com provas de identidade, detalhes psicológicos que não permitem dúvidas sobre a natureza ou a presença dos manifestantes. Em suas mensagens sugestivas, estes descrevem suas sensações na vida do espaço, suas respectivas situações — boas ou ruins, de acordo com seus méritos e seu grau de adiantamento. Eles retratam os sofrimentos morais causados pela memória das faltas cometidas e a necessidade de retornar à carne para desenvolver as energias latentes do *eu*, para reparar e para evoluir. Esses ensinamentos proporcionam a todos os que deles participam uma compreensão mais límpida das grandes leis divinas de justiça e da harmonia que regem o Universo e, conseqüentemente, mais

coragem na provação, mais resolução no dever.

À proporção que tais conhecimentos se propagam, uma corrente se estabelece entre o céu e a terra, entre os adeptos e seus protetores invisíveis; por isso, elevam as aspirações humanas e descem forças, auxílios, inspirações. De passo em passo, vemos produzir-se em todos os participantes essa irradiação da alma, essa expansão do coração; vemos criar-se uma atmosfera de fraternal confiança que facilitará a solução de inúmeros problemas sociais que o egoísmo, a ignorância e o ódio até então os mantinham insolúveis. Foi isso que permitiu ao grande escritor inglês Conan Doyle escrever sobre o espiritismo: “Recebemos há alguns anos uma nova Revelação que excede muitos dos maiores eventos religiosos ocorridos desde a morte de Cristo, pois ela muda completamente tanto o aspecto da morte e o destino dos humanos. Esta é uma revolução que nos faz encarar a morte sem medo e é para nós um imenso consolo quando aqueles que amamos passam por trás do véu.”²⁶

* * *

Na realidade, poder-se-ia dizer que o espiritismo não é senão um socialismo etéreo, baseado em regras absolutas de justiça e nas leis da consciência e da razão. Seus princípios são inelutáveis; eles mostram à humanidade a senda do dever pela qual chegará à verdadeira luz e à plenitude de sua liberdade e de seus direitos. Os espíritas sabem que a obra divina representa a obra na justiça, na sabedoria e na beleza. Tudo age, progride e se eleva desde o átomo até Deus. As leis da evolução são soberanas, mas em nossa Terra essa evolução não pode ser senão lenta e

²⁶ Sir Arthur Conan Doyle, em *A Nova Revelação*, p. 139.

gradual.

Se nós pudéssemos ver as coisas de cima, veríamos que essa evolução do nosso planeta segue regras fixas. Já entramos na posse de forças radiantes, de correntes de ondas que nos permitem comunicar nosso pensamento a qualquer distância e que abrem novos horizontes à ciência.²⁷

Brevemente, por processos análogos, entraremos em contato com as sociedades do espaço e delas receberemos exemplos e lições.

A grande iniciação é assim derramada gota a gota, a fim de que os seres fiquem mais impregnados dela e se submetam à regra soberana e universal do bem e do belo. Pois é no esforço que cada um deles faz para elevar-se à alta concepção da beleza física e moral do mundo que se encontra a fonte de todos os gozos intelectuais e a força motriz de todos os progressos.

Do ponto de vista social, bem como do ponto de vista individual, a realização da lei do belo permanece, pois, como o objetivo essencial, a regra e a recompensa dos esforços comuns. Cada qual deve contribuir na sua medida para a ordem e a harmonia do conjunto. As almas superiores, os gênios, artistas e poetas, trabalhando na obra da beleza, contribuem para elevar as inteligências e tocam os corações; outros cumprem as tarefas mais humildes que lhes incumbem, tarefas não menos necessárias à vida de todos, enquanto esperam elevar-se a um papel mais importante e mais estético no Universo.

É a essa lei sublime que se vincula a noção do direito e dever de todo indivíduo para participar da ordem social em razão de seu grau evolutivo. Alguns trabalham na ordem imediata para assegurar os meios de uma

²⁷ Veja meus artigos sobre espiritismo e as forças radiantes na *Revista Espírita*, ano 1923.

vida transitória, outros para um propósito mais vasto na ordem futura, para preparar a evolução coletiva.

Se todos os homens fossem compenetrados do esplendor dessas leis, se compreendessem a finalidade que eles perseguem através dos tempos, eles iriam se associar de todo o coração, de toda a alma à obra universal da beleza e da harmonia, pois saberiam que em trabalhando para o todo, eles estão trabalhando para si mesmos. Não veríamos mais tanto ódio, resistências, revoltas e muitos males, e os sofrimentos seriam afastados da humanidade. Porque tudo está na compreensão do objetivo a ser alcançado e na implementação dos meios para realizá-lo.

É isso o que nos ensina a doutrina dos Espíritos, e é nisso que ela é superior às revelações precedentes e incompletas que, sobre o futuro da alma, nos deram apenas vagas indicações e pálidas descrições de paraísos adequados ao estado não desenvolvido do pensamento humano.

* * *

Vários leitores da *Revista Espírita* me indagaram o que eu penso da crise atual (janeiro de 1924). Minha opinião importa pouco e prefiro resumir aqui, à guisa de resposta, as instruções dadas por nossos guias espirituais sobre este assunto complexo e delicado:

As lições da guerra — dizem eles em substância — não trouxeram os frutos que se poderia esperar. Passado o perigo, a matéria caiu mais pesadamente sobre a mente; ela superexcitou os apetites, as cobiças. Como barrar esse transbordamento de paixões que vos arrasta para o abismo? Suprimindo o meio que os desencadeia: o dinheiro! Daí a crise financeira que castiga o presente momento.

Vós todos deveis vos sentir afetados do ponto de vista social ou financeiro. Cada qual deve olhar para trás, interrogar o passado e medir suas próprias responsabilidades. Só então poderá ocorrer uma reversão. Por uma lei imanente e superior todo capital adquirido sem escrúpulos e sem trabalho será volatilizado; pode-se prever ruínas sem número, a queda de vários grandes estabelecimentos.

Do ponto de vista espiritual, é necessário regenerar o povo pelo trabalho e por uma nova orientação, pois é pelo trabalho que se pode criar os objetos necessários às trocas que são as fontes vitais da existência. O que serve para troca? É o dinheiro. Então o dinheiro, que desde a guerra perdeu seu valor por causa de sua tão grande difusão, deverá recuperá-lo gradualmente em razão do esforço e do trabalho nacional. Vossos vizinhos tramam contra vós, mas as tramas deles se voltarão contra eles mesmos.

É enfim, não pela perda de vidas humanas, mas pela perda de fortunas que vossa população compreenderá melhor a lei do trabalho e a ela se submeterá de bom grado. Ela ainda está com medo, o que é o começo da sabedoria. A crise será resolvida pela própria interação de eventos que do Alto foi considerado útil deixar amadurecer. Ainda devemos esperar pela solução desta crise das lutas econômicas e políticas.

Para o momento, importa que cada um volte a si mesmo; a espiritualidade vos ajudará com isso. Uma nação sem um ideal, sem um objetivo elevado, é logo reduzida a pó. Doravante, os círculos políticos mais opostos devem se inspirar em um ideal superior, em um ideal aliado ao mais amplo racionalismo.

Assim como para contemplar um afresco, uma pintura, é preciso um certo recuo por parte do observador, da mesma forma para julgar nossa civilização ocidental é preciso observá-la do alto. Então, sob seus lados brilhantes, vê-se surgir a longa procissão de seus erros, suas faltas, suas misérias morais. Seu maior defeito é ter dado espaço demais às coisas materiais, passageiras e perecíveis, em detrimento do espírito, cuja vida é imortal e infinita. Daí, uma contradição com a lei suprema da evolução e, dessa contradição, implica um estado social, uma situação problemática, distorcida e às vezes dolorosa.

Devolvamos ao espírito sua supremacia e vejamos na matéria o que ela realmente é: um meio de ascensão e não uma meta. Aprendamos a conhecer e a nos comunicar com esse universo invisível no qual se desenrolam os nossos destinos ilimitados. Aprendamos a colocar nossas vibrações e nossos pensamentos em harmonia com este mundo dos Espíritos onde somos chamados a viver nossa verdadeira vida.

Cada humano é um pequeno polo vibratório; entre todos os homens existem transmissões fluídicas, entre os mundos existem poderosas correntes da mesma natureza. De uma maneira geral, há uma relação magnética entre todos os seres vivos e tudo se liga a uma causa única e superior, a um centro de forças que anima todo o Universo.

Pelo estudo do Invisível nós chegaremos a compreender melhor essa comunhão de seres e mundos da qual participamos, mesmo sem nosso conhecimento. De fato, o que é a intuição, a genialidade e a inspiração senão mensagens impressionantes de cérebros postos em vibração? Pois, já não estamos mais no tempo das mesas girantes!

As relações se alargaram entre os diversos planos da vida espiritual e do mais alto um ensinamento se desprende, chega-nos uma revelação

que dissipa os enigmas obscuros da vida e do destino. Sentimo-nos imersos num oceano de força e de vida cujos recursos são ilimitados.

Para continuar sua evolução, a sociedade terrestre tem de renunciar ao materialismo, que é insuficiente, e deve apoiar-se de agora em diante nessa noção mais alta das existências sucessivas do ser e de uma vida universal regida por leis de equidade e de harmonia.

Façamos dessas leis um princípio de educação moral e de justiça social, já que por elas tudo se explica e se esclarece. Com efeito, é através da compreensão desta regra essencial, aliada à noção dos deveres e responsabilidades que ela comporta, das sanções que ela acarreta, que a grandeza e a beleza da vida se revelarão aos nossos olhos. Aí encontraremos o remédio supremo para nossos males e a solução dos graves problemas da hora presente e do futuro.

III

Conhece a ti mesmo! — disse sabedoria antiga; ora, o que o homem menos conhece é ele mesmo; e dessa ignorância dimana a maior parte de seus erros, suas faltas e seus males. O homem moderno não se interessa exceto pelo seu invólucro material, isto é, pelo que há de menos essencial em nós. É através da parte sutil, imponderável de nosso ser — aquilo que escapa aos nossos sentidos — que pertencemos a esse mundo invisível de onde saímos ao nascer, para onde voltamos através da morte e que é o mundo das causas, das sanções, o único permanente e durável.

Essa forma invisível e impalpável — que sustenta e anima nosso corpo durante o estado de vigília, que dele se desprende durante o sono e após a morte — é a todo tempo a sede de nossa alma e de suas faculdades: consciência, razão e discernimento. Por meio dela nós estamos ligados à ordem superior e divina, e, como dela, somos imperecíveis.

Aí está também a fonte de intuições profundas, das inspirações que iluminam todo o nosso ser quando sabemos nos abstrair das influências materiais e dar livre expansão às potencialidades ocultas em nós. Mas o homem raramente escuta as vozes que falam dentro dele, distraído como ele é, nas mais das vezes, pelas preocupações exteriores.

Se soubéssemos ler o belo livro da consciência, encontraríamos nele o reflexo de todas as leis superiores. Porém as vozes da consciência e as

fontes de inspiração sendo abafadas, afogadas na torrente crescente dos interesses e paixões materiais, o ensinamento dos Espíritos veio para restabelecer a lei moral, para recordar a todos as regras da vida — aqui embaixo e na vida após a morte. E por esse ensinamento, a justiça nos apareceu como a norma do Universo, não mais a justiça humana, sempre manca, mas a justiça divina, infalível, temperada pela misericórdia.

Não mais castigos eternos, mas a possibilidade — para todos os culpados — de reparação, de refazimento pela expiação, pela dor. Chega de paraíso, de inferno e de purgatório que se abriu ou se fecha por meio de preces pagas. Chega de nada para o qual se precipitam desordenadamente, sem distinção e sem o amanhã, o bem e o mal, o justo e o injusto, o assassino e a vítima! E sobretudo a certeza de que não há separação definitiva para os que se amaram; perspectiva do reencontro, da ascensão comum para destinos melhores, para mundos mais felizes. E assim a prova de que seres afetuosos — ainda que invisíveis — nos auxiliam, nos protegem, nos inspiram e guiam nossos passos nas abruptas trilhas da vida, a prova de que nenhum de nós está sozinho e abandonado, mas que uma proteção tutelar se estende sobre todos e nos reúne com os nossos amigos do espaço em um sentimento de confiança e de amor.

O Espiritismo bem entendido e bem praticado torna-se assim, para os corações sofredores e para as almas desoladas, uma imensa fonte de força moral e de consolação.

Aqui uma pergunta se apresenta: o que é moral? Em que consiste isso? Será simplesmente uma concepção arbitrária do dever, um conjunto de preceitos estabelecidos pelo homem e que variam de acordo com o tempo e o ambiente? Não! A moral é uma das expressões da lei eterna, divina, da evolução e do progresso, lei da qual ela é inseparável, porque

nela encontra seu suporte e sua sanção.

É por isso que a moral dita positiva, separada da noção de imortalidade e da ideia de Deus, é seca e fria; não impressiona nem o coração nem a mente e permanece estéril. É a semente lançada sobre a rocha. Essa foi a moral da escola laica por uma trintena de anos²⁸, e nós podemos constatar os seus frutos ácidos na mentalidade das gerações que brotaram dela. Para reagir contra esse estado de espírito, cogita-se em certos círculos abrir novamente espaço para a escola congregacional, mas isso seria cair de Caríbdis a Cila²⁹.

O ensino moral deve mostrar a todos o propósito da vida, que não é a busca da felicidade — como muitos o supõem —, mas o aperfeiçoamento e a purificação do ser, que deve sair da existência melhor do que quando nela entrou. Os meios de realização são o trabalho, o estudo, o esforço constante para o bem.

Pela observância da lei moral o homem se eleva; ao violá-la, ele se rebaixa e se reduz; ele condena a si mesmo a subir mais penosamente a ladeira na qual se precipitou.

Basta apenas lançar nossos olhos ao nosso entorno para ver os males, as enfermidades, os reveses, a consequência de existências anteriores desperdiçadas ou perdidas. No entanto, como as mais óbvias e

²⁸ Período iniciado pela ala radical que liderou a Revolução Francesa (no final do século XVIII), que abominava as religiões e pretendeu implementar o seu “culto da razão” no lugar da moral cristã (ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Culto_da_Raz%C3%A3o) — N. T.

²⁹ *Cair de Caríbdis a Cila* é uma expressão equivalente a “sair de um perigo e entrar em outro”, com base em elementos da mitologia grega: Caríbdis e Cila eram monstros marinhos que habitam os dois lados opostos ao estreito de Messina que separa a península itálica da ilha da Sicília, personificando assim os perigos da navegação. Tal expressão certamente era corriqueira na Europa à época de Denis, tanto que inspirou obras literárias, como a novela *De Charybde em Scylla* (1884) do russo Anton Tchekhov e uma comédia teatral homônima escrita em 1851 pelo francês Jules Verne. — N. T.

duras verdades e as lições da adversidade são difíceis de serem compreendidas pelo homem moderno cujo espírito foi distorcido por tantos séculos de erro dogmático!

Dessas considerações, implica que, para ser mais segura e prática, a reforma social deve começar pela reforma de si mesmo. Se cada um de nós se impôs uma disciplina intelectual, uma regra capaz de sufocar, de destruir o fundo de egoísmo e da brutalidade que os tempos nos legaram, toda a bagagem mórbida que trazemos ao nascer e que é herança de nossas vidas passadas, e isso de modo a fazer nascer em nós o novo homem, o melhoramento do meio ambiente seria rápido. Poderíamos aí instaurar um regime que, com a ordem e a liberdade, traria aos homens mais felicidade, pois acabamos de ver que a causa de todos os nossos males está dentro de nós mesmos, e bastaria superar o que há de inferior e ruim em nossa ser, para nos tornarmos mais felizes. A felicidade não está fora de nós, mas sim na nossa forma de julgar as coisas, na nossa mentalidade.

A empreitada mais urgente, a mais necessária para cada um de nós seria então trabalhar pelo cultivo de si mesmo, pela reforma do caráter, para servir de exemplo aos que nos rodeiam e, passo a passo, à sociedade inteira. Em agindo nessa direção, entraremos plenamente nos caminhos de nosso destino, haja vista que a educação da alma é a meta final, a meta suprema de nossa imensa evolução. Colheremos os frutos imediatos resultantes do nosso esforço, ao passo que em negligenciando essa tarefa nós nos privamos das vantagens que decorrem dela e das alegrias que a lei reserva a todos aqueles que muito trabalharam, muito amaram, muito sofreram.

Sendo o estado social, no seu conjunto, apenas o resultado de valores

individuais, é importante, portanto, principalmente nos centrarmos nessa luta contra os nossos defeitos, nossas paixões, nossos interesses egoístas. Enquanto não vencermos o ódio, a inveja e a ignorância, não poderemos estabelecer a paz, a fraternidade e a justiça entre os homens, e a dissolução dos problemas sociais permanecerá incerta e precária.

* * *

O estudo do ser humano nos conduz, assim, a reconhecer que as instituições e as leis de um povo são a reprodução, a imagem fiel do seu estado de espírito e de consciência, e mostram o grau de civilização a que ela chegou. Ademais, em todas as tentativas de reformas sociais, é necessário endereçar-se ao coração do povo ao mesmo tempo que à sua inteligência e à sua razão.

A sociedade nada mais é do que um agrupamento de almas. Para melhorar o todo, é preciso melhorar cada célula social, quer dizer, cada indivíduo. Já expusemos alhures as desordens da nossa época, as misérias de nosso atormentado século, e demonstramos suas principais causas. Falamos do egoísmo de alguns, da ganância de outros; vimos o ceticismo voluptuoso reinar alto; o alcoolismo, a devassidão assolar embaixo e, por cima de tudo, a ignorância do objetivo da vida, a incerteza do amanhã, o desconhecimento dos deveres mais imprescindíveis, numa palavra, o enfraquecimento do caráter e a corrupção dos costumes. Se as mentalidades se acham deturpadas, se o livre-arbítrio está diminuído, se a força radiante do homem se encolheu, é porque adormeceu a fé em um ideal superior, em uma causa suprema. As belas paixões se extinguiram, os atos generosos que mantêm a chama vivificante tornaram-se raros.

Mas de que serviriam recriminações e críticas vãs? Valeria mais buscar o remédio, isto é, os meios de criar uma sociedade mais ditosa e melhor, uma sociedade onde a justiça, a retidão, a moralidade não sejam mais vãs aparências, mas de realidades vividas. Onde encontrar o raio consolador que ilumina e aquece as almas em aflição, deter os desesperados na ladeira do suicídio, pôr um freio nas paixões desordenadas que invadem o mundo?

Para isso, o mais essencial seria dar ao povo uma nova educação, baseada em uma doutrina espiritualista, larga e racional. É necessário primeiro que os pensadores que guardaram a luz projetem suas radiações sobre seus irmãos mais obscurecidos, a fim de dissipar os maus fluidos que os envolvem. Depois, sobretudo através da escola, inculcar na juventude os princípios regeneradores, posto que não se forma uma sociedade sem todas as peças; deve-se começar pela infância e preparar a obra dos séculos.

É preciso uma concepção simples, limpa e clara da vida e do destino. Depois, para coroar a educação popular, uma alta moral emancipada dos preconceitos de seitas e de castas, completamente impregnada de piedade humana, de piedade por todos os que sofrem aqui embaixo, homens e animais; sendo estes últimos muitas vezes vítimas inocentes da brutalidade masculina.

A inveja e o ciúme têm gerado o ódio entre as classes pobres. Precisamos expulsar o ódio do coração humano, pois com ele não há paz, não há harmonia nem felicidade possível. O ódio não pode ser vencido pelo ódio — dizia a sabedoria antiga; ele só pode ser vencido pela bondade, pela benevolência e tolerância. Nunca devemos nos cansar de lembrar aos escritores e aos inovadores de seus deveres e suas

responsabilidades. Pela pena e pela palavra eles podem imensamente — para o bem ou para o mal. Que eles se lembrem de que seus artigos e seus discursos podem ser para cada leitor, cada ouvinte, uma causa de elevação ou retrocesso. O pior dos papéis neste mundo consiste em obrar conscientemente para envenenar as almas.

Carecemos de mais tolerância em nossos costumes e não lançar anátema àqueles que pensam diferente de nós. Apraz-me reconhecer de minha parte que entre os nossos contraditores há pessoas de mérito, dignas de consideração e de estima. A nova educação deverá insistir na noção das vidas sucessivas, porque, enquanto essa grande doutrina não vier aclarar a estrada do homem na terra, a incerteza persistirá para ele com tentativas e erros, erros e todos os males que nascem do desconhecimento do propósito.

Da mesma forma como devemos nos desprender pelo pensamento de nosso minúsculo planeta e considerar todos os mundos para vislumbrar a unidade do Universo e a majestade de suas leis, é somente abraçando com um olhar o panorama de nossas existências que nós podemos conhecer o vínculo que os liga entre si e os alia ao princípio de justiça que rege todas as coisas. Então entenderíamos que construimos nosso próprio destino e que todos os nossos atos — bons e maus — recaem sobre nós ao longo do tempo com suas consequências. Nossa maneira de viver e de agir seria, sem dúvidas, profundamente modificada.

Mas isso é impossível por duas razões: uma moral e outra fisiológica. De acordo com a situação da maioria de nós nos degraus inferiores da escada da evolução, nossas vidas passadas são, em geral, apenas um tecido de erros, de fraquezas, cujo conhecimento, ao nos hipnotizar, paralisaria nossa iniciativa e enfraqueceria nossos esforços.

Do ponto de vista fisiológico, nosso cérebro material é incapaz de reproduzir a memória de eventos dos quais ele não participou. Porém, nas profundezas de nossa memória, naquela que está na moda chamar subconsciente, todas as aquisições anteriores subsistem e, daí, provêm nossas aptidões, nossas faculdades, os traços de nosso caráter, todos os elementos de nossa personalidade; ou seja, aquilo que é de mais essencial para cumprir a tarefa de cada nova vida.

* * *

Temos agora nas manifestações dos Espíritos inúmeras provas da sobrevivência, mas, na ausência dessas provas, basta observarmos atentamente, sem preconceitos, sem ideias preconcebidas, para atestar que nossas necessidades intelectuais ultrapassam os limites de nossa vida, que nossas aspirações e nossas tendências excedem o estreito quadro da existência atual.

Em qualquer ser um tanto evoluído, observa-se algo como um reflexo, um resumo, uma síntese das potências universais: matéria, força e espírito; e por esses três aspectos nos sentimos conectados a este imenso Universo e ao seu propósito. Só as formas passam e desvanecem; as forças se refinam e a alma permanece indestrutível.

Devemos compreender que tudo no Universo: justiça, verdade, moral, tudo se conecta e se funde em um único princípio que é a lei vivaz do Universo e se identifica em Deus. Somente quando o homem tiver gravado esta lei em sua consciência e fizer dela o motivo de suas ações é que ele entra na comunhão divina e degusta as alegrias espirituais que dela fluem.

Decerto, esse objetivo, esse resultado, está distante; é difícil realizá-lo plenamente na Terra. Entretanto, todas as grandes obras são inspiradas por ele, sem o que elas estariam destinadas a perecer. Portanto, os socialistas devem adotá-lo acima de tudo, torná-lo a regra de seu trabalho, a base de suas organizações.

Com efeito, como vencer o mal, o erro e a injustiça no mundo se não começar a vencê-los dentro de si mesmo?

Essa luta, dentre todas, é meritória e fecunda. A cada passo adiante, ou seja, a cada conquista de suas paixões, o homem sente robustecer seus poderes radiantes e a influência benéfica que eles exercem sobre seus semelhantes. Ele aprende pouco a pouco a unir seus esforços com os do mundo invisível para a concretização do trabalho comum: o aperfeiçoamento social.

Deste ponto de vista, vamos repetir que o socialismo teria um grande papel a desempenhar. Seria fazer penetrar na alma do povo o culto da beleza intelectual e moral, sob formas simples, mas capazes de reagir contra aqueles prazeres doentios em que o espírito se corrompe, em que o gosto se perverte. Seria elevar o pensamento para o ideal em que converge toda a evolução universal, para aquelas alturas onde irradiam a luz, a verdade e a bondade. Porque não basta garantir o bem-estar material, é preciso também dar ao homem a força moral que o sustentará nas provações, nos reveses, nas doenças, como diante da morte daqueles que ele amou.

Todas as vantagens materiais, os salários mais altos não são suficientes para preservar o homem do desânimo, do desespero nas horas dolorosas; por exemplo, quando ele vê descer na cova o caixão daqueles que lhe eram queridos; quando ele se sente tocado em seus sentimentos

íntimos, em seus afetos mais profundos.

Não há doutrina que possa nos trazer tanta consolação e conforto quanto o novo espiritualismo, porque ele nos mostra que tudo sobrevive para evoluir. As almas que nos precederam na vida após a morte nos guardam os tesouros de sua ternura, nos protegem, nos assistem nas circunstâncias difíceis, e nós as encontraremos um dia para percorrermos juntos novas etapas evolutivas. Podemos até obter provas da sua sobrevivência e do interesse que essas almas continuam tendo por nós.

Muitas vezes observei que o trabalho manual, para a maioria dos trabalhadores, é puramente mecânico e deixa toda a liberdade ao pensamento. Se este pensamento fosse regulado, disciplinado, orientado para um objetivo elevado, ele poderia se tornar um meio potente de aperfeiçoamento para o indivíduo e, por reflexo, para todo o ambiente circundante, enquanto o pensamento quase sempre flutua sobre assuntos pueris e vazios, perdendo assim todo a sua pujança educativa e social.

Tal como diz a sabedoria oriental: “Nós somos o que pensamos; aquele que fala e age a partir de um pensamento puro, a felicidade o segue como sua sombra.” Mas os ocidentais não sabem regular o jogo de suas faculdades e é por isso que a existência é muitas vezes tão estéril para seu avanço. Vieram à Terra para nela crescer intelectual e moralmente e eles saem dela como vieram, sem se preocupar com possíveis recaídas, renascimentos nos meios grosseiros e inferiores onde a tarefa será mais penosa e a sorte mais rigorosa.

A lei da jornada de oito horas dá ao operário mais lazer para o trabalho intelectual e para o cultivo de si. Que ele saiba então aproveitar isso! Não percamos de vista que nossas responsabilidades são medidas pelo alcance de nossas liberdades e pelos nossos meios de ação. E isso se

aplica aos homens de todas as classes e condições.

Cumpra que todos aprendam a arrebatam algumas vezes o seu espírito dos atoleiros terrenos, a lançar seu olhar para aqueles vastos horizontes onde o destino os chama, caso contrário correriam o risco de se encontrarem, no além-túmulo, na situação de tantos humanos descuidados da lei moral, quer dizer, em um estado prolongado de tormenta, de inquietude e de obscuridade.

Então, não será demais repetir que toda a destinação do ser, que as condições de sua vida futura, sua situação no além e tudo o mais é regido por uma lei imanente que traz em si sua sanção. O homem, por suas ações, cria em si mesmo, em sua alma, a luz ou a sombra.

Essa lei imanente, que nada mais é do que a lei moral, não é, portanto, o resultado de uma convenção terrena, mas algo mais elevado e maior, é o reflexo do pensamento divino, a forma suprema da beleza eterna. Só por ela conseguimos triunfar sobre os baixos instintos e as influências inferiores, direcionando nossas forças para um objetivo sempre mais elevado. Por meio dela nos sentimos livres e responsáveis, verdadeiros filhos de Deus, saídos dele e destinados a retornar a Ele!

IV

A rivalidade entre os partidos às vezes desperta paixões bastante violentas para obscurecer as inteligências mais elevadas e falsear os melhores julgamentos. Assim, convém não tocar nas questões sociais senão com a maior prudência. É preciso se aproximar do término de uma longa carreira, ter adquirido uma experiência madura dos homens e das coisas, estar afastado previamente das contingências terrenas para se falar delas com uma serena imparcialidade.

Este é um pouco o meu caso, e é por isso que me propus a abordar essas questões com uma íntegra franqueza. Recebi, sobre este assunto, um certo número de cartas que representam as mais variadas nuances de opinião, desde as mais calorosas aprovações até as críticas mais amargas. Não podendo responder a todas, remeto aos seus autores — indiscriminadamente, amigos e adversários, endossadores ou críticos — uma irradiação do coração, um pensamento igualmente simpático. Somente peço aos meus contraditores que bem queiram esperar o fim dos artigos que estou ditando antes de me julgar e me condenar.

Em todos os tempos e em todos os meios, a questão social tem sido objeto das preocupações de pensadores, filósofos e políticos; ela deu origem a uma infinidade de teorias e sistemas, um caos confuso em que

pesquisador dificuldade encontrar o fio de Ariadne³⁰ que o impedirá de se perder.

Ainda hoje os socialistas se dividem em escolas diversas. Os alemães, em grande número, prendem-se às teorias de Karl Marx³¹, que se inspiram de um materialismo brutal, preconizando a luta de classes e conduzindo logicamente à ditadura do proletariado, ou seja, ao bolchevismo. Ora, sabemos o que esse regime fez com a Rússia. Voltaremos a este assunto mais adiante.

Com o sucesso dos exércitos alemães em Sadowa³² e depois em Sedan³³, as teorias marxistas alcançaram uma grande extensão. A *sozial demokratie*³⁴ tornou-se assaz poderosa para impedir a grande guerra,

³⁰ Fio de Ariadne é uma metáfora para representar a linha-guia, a solução, a saída para uma determinada questão. Na mitologia grega, Teseu lança-se no labirinto construído por Dédalo (labirinto do qual ninguém jamais encontrara a saída) a fim de ser devorado pelo Minotauro em sacrifício aos deuses. Contudo, apaixonada por Teseu, Ariadne (filha do rei Minos e que conhecia a solução do labirinto) ajuda-o a se salvar fornecendo-lhe um fio de lã indicando a saída. — N. T.

³¹ Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo revolucionário alemão que, ao lado de Friedrich Engels (1820-1895) inspirou o Marxismo, uma doutrina socioeconômica alicerçada numa interpretação puramente materialista para o desenvolvimento histórico do mundo e que prega como sendo imprescindíveis a luta de classe e a revolução para a transformação social. — N. T.

³² Provavelmente uma referência à Batalha de Sadowa (ou Königgrätz), em de julho de 1866, que foi decisiva para a vitória dos alemães na Guerra Austro-Prussiana (). — N. T.

³³ Possivelmente uma referência à Batalha de Sedan entre agosto e setembro de 1870, durante a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), embora esta tenha ocorrido antes da Batalha anteriormente anotada. Este confronto foi decisivo para o desfecho da guerra: o exército francês foi cercado e seu imperador Napoleão III rendeu-se ao Reino da Prússia (futura Alemanha). — N. T.

³⁴ Partido Social-Democrata da Alemanha (*Sozialdemokratische Partei* em alemão) oriundo de uma fundição de várias correntes e oficialmente unificado em 1875, desde então passando por várias configurações ideológicas ao longo dos tempos, ainda atuante em nossos dias. Observação: conforme o original, mantivemos suas iniciais em minúsculo (desdém de León Denis por esse partido?). — N. T.

mas — malgrado a promessa feita a Jaurès — não só ela votou os créditos militares solicitados pelo Imperador em vista dessa guerra, como nela tomou uma atitude pérfida e cruel. Por este fato, ela assumiu ante a História uma pesada e terrível responsabilidade.

Os socialistas franceses adotaram de preferência as doutrinas de Fourier³⁵ e de Proudhon³⁶. O objetivo comum destes é a supressão do trabalho assalariado em favor de um novo regime de propriedade no sentido coletivo, a socialização dos meios de produção e de troca. Entretanto, logo que se queira passar do princípio aos modos de aplicação, tanto entre os unificados como nos outros agrupamentos, imediatamente as divergências de opiniões se revelam e as contradições aparecem.

É aí sobretudo que se faz sentir a falta de um ideal superior que reúna todos os esforços e vontades; então não é o materialismo em voga nesses meios que é suscetível de inspirar aquele ideal. Pelo contrário, os apetites se estabelecem à luz do dia e o socialismo muitas vezes serviu de

³⁵ Charles Fourier (1772-1837) foi um filósofo francês, idealizador do fourierismo, um movimento socialista que propunha a vida em agrupamentos comunitários (falanstérios) que não apenas seria uma cooperativa de produção e colheita do trabalho, mas também um centro de “compartilhamento libertário” das paixões e prazeres carnis (incluindo os ‘fetiches’ e as ‘perversões’), que ele julgava tão natural quanto divino, e contra o que não se poderia reprimir, incluso nas crianças; assim, ele pregava o fim do casamento monogâmico (poligamia e livres relacionamentos), da organização familiar tradicional, fim da tutela dos pais para com os filhos (que seriam educados e cuidados por toda a coletividade do falanstério) etc. Ver <https://theanarchistlibrary.org/library/hakim-bey-the-lemonade-ocean-modern-times>. — N. T.

³⁶ Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo e político francês pioneiro na teorização do Anarquismo, uma ideologia política que se opõe a toda forma de hierarquia, por exemplo, o Estado organizado, as instituições civis e religiosas etc., que ele considera como organizações essencialmente opressoras. Sua célebre frase “A propriedade é um roubo” sintetiza o conceito elementar dos anarquistas, que é o de ser contra o direito às posses particulares e, por conseguinte, oposição sistemática a qualquer organismo que defenda esse direito. — N. T.

trampolim para ambiciosos sem vergonha que o utilizam para alcançarem seus fins políticos sem se preocupar com os compromissos assumidos, o que com frequência tem contribuído para desacreditá-lo na opinião pública.

Estamos, portanto, na presença de duas grandes correntes opostas: uma germânica e russa, a outra ocidental. A primeira, como vimos, inspira-se em um dogmatismo estreito e brutal formado por teorias preconcebidas, sem relações com as necessidades sociais. Ela conduz diretamente à dominação exclusiva de uma classe, ao terrorismo e ao nivelamento.

O Sr. Hesnard³⁷, no seu estudo bem documentado sobre *Os partidos políticos alemães*³⁸, aponta que no Reichstag³⁹ os socialistas, pouco inclinados a reconhecer o Tratado de Versalhes⁴⁰ e o direito da França às reparações, apoiaram todos os governos "que se esquivaram das obrigações, e não é exagero afirmar que todos os partidos políticos (alemães) não têm mais do que um só desejo: fazer a paz fracassar".

A corrente ocidental — francesa e inglesa — é bastante organizadora, construtora. Ela tende por todos os seus meios a:

³⁷ Oswald Edouard Hesnard (1877-1936) foi um filólogo e escritor alemão. — N. T.

³⁸ *Les partis politiques allemands*, no original em francês, cujo PDF desta obra está disponível em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/671f2c06-3ac3-421d-86cd-20a7b01f5f52> (visto em 21/07/2022 — N. T.

³⁹ *Reichstag*, termo alemão que significa “Dieta Imperial”, era o nome dado ao Parlamento da Alemanha, que atualmente está dividido em duas câmaras: *Bundestag* e *Bundesrat*. Ainda hoje, porém, a sede parlamentar alemã preserva o mesmo nome: Palácio do Reichstag. — N. T.

⁴⁰ O Tratado de Versalhes de 1919 foi um acordo de paz entre as potências europeias, encerrando oficialmente a Primeira Guerra Mundial e responsabilizando a Alemanha por causar aquele conflito e impondo a ela reparações financeiras às nações da Tríplice Entente. — N. T.

sindicalismo, cooperação, participação, mutualidade, seguro social, proporcionar aos trabalhadores de todas as ordens uma parte crescente nos lucros da produção e no regime da propriedade. Ela sonha em estender essa organização passo a passo e criar uma vasta organização internacional que seria a sociedade das nações vivaz e ativa, pacífica e mediadora.

Seu erro é o de acreditar que pode alcançar esse resultado apenas por medidas políticas e econômicas. Esquece-se muito que é preciso sobretudo uma fé ardente, um ideal elevado capaz de fecundar todos os esforços; esquece-se que é preciso o espírito de devotamento e de sacrifício para suscitar os sentimentos de altruísmo que são o cimento necessário de toda edificação social.

Qualquer que seja o ponto de vista em que se coloque, não se pode organizar a vida aqui embaixo sem saber qual é o seu objetivo e quais são suas leis, para quais horizontes ela nos conduz. Um conhecimento mais amplo da vida universal e da solidariedade que religa todos os seres mostrará aos socialistas que é necessário se elevar acima dos interesses de casta e classe para realizar qualquer grande e duradoura obra.

* * *

Todos os partidos socialistas têm a legítima ambição de conquistar o poder e de substituir os governos “burgueses”. Por meio de cartazes verborrágicos, eles prometem aos eleitores gerir os interesses públicos com um espírito de ordem, economia e progresso. Todavia, em quase todos os lugares onde os administradores socialistas foram instalados, pôde-se constatar um recrudescimento dos procedimentos arbitrários e

da desordem nas finanças.

Neste exato momento, as queixas estão aumentando em toda a Alemanha, queixas que um jornal popular liberal resume nestes termos: “A experiência socialista deu resultados deploráveis. A política partidária agita as paixões e provoca recriminações gerais. Os grupos do meio criticam os dirigentes por exercerem uma autoridade de classe e de colocarem os interesses de seu partido acima dos do Estado: por exemplo, as nomeações que eles efetuam e que demonstram um verdadeiro nepotismo de colegas. O Ministro da Instrução Pública outorga até mesmo diplomas de doutor e usurpa assim uma prerrogativa que só pertence às Faculdades. Os protestos e reclamações de controle, visando os atos dos socialistas, dirigidos a Berlim, são evadidos pelo chanceler.”

Poderíamos lembrar que na França, pelo fato de municipalidades se tornarem socialistas em várias de nossas grandes cidades, as finanças ficaram prejudicadas inclusive, em alguns departamentos, pela gestão do Conselho Geral.

Na Inglaterra, o caso Poplard⁴¹ está na memória de todos. A administração da fazenda municipal de Leicester não era mais edificante. É verdade que o Ministério do Trabalho manifesta intenções muito louváveis e um desejo ardente de resolver os difíceis problemas que pesam sobre a situação da Europa.

É preciso igualmente levar em conta a inexperiência dos socialistas, que muito raramente tiveram a oportunidade de adquirir o conhecimento

⁴¹ Certamente, uma menção à Revolta das Taxas de Poplar (*Poplar Rates Rebellion*) de 1921 (três anos antes da publicação desta obra de Léon Denis) no distrito londrino de Poplar, quando a população protestou contra a liderança do Partido Trabalhista, que impunha contínuo aumento dos impostos ao passo que a pobreza só crescia. Saiba mais em https://en.wikipedia.org/wiki/Poplar_Rates_Rebellion (em inglês) — N. T.

das questões e o manejo de interesses, que é parte das velhas classes dirigentes.

Estava na tradição da raça anglo-saxônica cultivar a livre iniciativa individual e desenvolver as forças e as vontades de cada um. Os socialistas franceses, por sua vez, esperam quase tudo do Estado. Qual das teorias é a que responde melhor à grande lei da evolução? A primeira assegura não só a riqueza e a prosperidade das nações, mas também está em conformidade com o princípio universal que incita todos os seres rumo ao melhor, rumo ao bem, aumentando sem cessar a posse pessoal e coletiva.

A monopolização de todas as coisas pelo Estado paralisa os esforços laboriosos, extingue a livre concorrência e o espírito de emulação. A nacionalização de minas e ferrovias se traduz quase sempre por um déficit; ela impulsiona o aumento das tarifas e, por isso, recrudescer ainda mais as dificuldades da vida pública.

Na realidade, a estatização diminui o poder das nações e sua livre expansão, sua influência no mundo. O Estado nas mãos de um partido e de uma classe que se apoia na força e na violência em benefício de uma única fração do país, como vimos na Rússia e na Hungria, arrasta-se aos piores excessos, destrói o trabalho de séculos e condena um país à ruína, à regressão e à barbárie.

Se há uma nação que teve que sofrer de paixões políticas exageradas, esta é a Rússia. Os estragos que lá elas fizeram são incalculáveis. Não precisamos recordar as convulsões que este país teve que sofrer, nem como as multidões ali foram agitadas por cínicos ambiciosos que sabiam bem que suas teorias eram falsas, fundamentalmente, mas que delas se serviram como um trampolim para alcançar o poder.

O governo dos soviets⁴² havia proclamado solenemente a abolição do capital, da propriedade individual, do nivelamento social, em uma palavra, o comunismo mais integral e mais rigoroso, e eis que após cinco anos de miséria, fome, cruéis sofrimentos para o povo, ele se limitou a apelar aos capitalistas estrangeiros, a recorrer aos técnicos de todos os países, a fim de reconstruir penosamente o que ele havia destruído. Não se poderia sonhar com uma falência mais completa e há ali uma grande lição para as democracias ocidentais.

Longe de nós criticarmos os comunistas de sincera convicção que almejariam estabelecer na terra o regime social que provavelmente reina nos mundos superiores, lá onde todos trabalham para cada um e cada um por todos num espírito de abnegação, de absoluto devotamento a um causa comum. Esse regime requer qualidades morais e sentimentos de altruísmo que só existem como exceção no nosso mundo egoísta e atrasado.

Poderíamos admitir nas teorias comunistas as aspirações generosas, mas seria fácil demonstrar que elas são prematuras e inaplicáveis à sociedade atual. Seriam necessários séculos de cultura moral e educação popular para guiar o espírito humano ao estado de perfeição necessário para uma tal ordem de coisas, e até lá a posse individual dos frutos do trabalho permanecerá como o estimulante indispensável, o meio de emulação que assegura a ação e o equilíbrio das forças sociais.

Por enquanto, o comunismo — assim como já dissemos — não é viável exceto entre grupos restritos, cautelosamente recrutados, nos

⁴² Soviète: assim era chamado na Rússia, a partir de 1905, cada um dos conselhos constituídos pelos delegados dos trabalhadores, dos camponeses e dos soldados e que, após a Revolução de Outubro de 1917, na Rússia e, posteriormente, na União Soviética, passaram a ter função de órgão deliberativo. — N. T.

quais todos os membros são motivados por uma fé intensa e espírito de sacrifício.

Não se pode sonhar em estender sua aplicação a nações inteiras, a milhões de indivíduos entre os quais a variedade das características e temperamentos faria dos trabalhadores e dos sábios os tolos dos preguiçosos, imprevidentes e debochados. Em todos os casos, não será pelo crime e pelo sangue que poderíamos fundar um regime de fraternidade, solidariedade e de amor!

As instituições não são realmente vivazes e fecundas senão se os homens, por uma verdadeira vida interiorizada, souberem animá-las. Um comunismo sem um ideal elevado só pode construir sobre uma areia perpetuamente movediça. As tendências soviéticas parecem ser inseparáveis das doutrinas materialistas que não veem mais do que o horizonte limitado da vida presente e fecham toda perspectiva para o além, para a evolução superior. O seu resultado é uma ausência de princípios morais, uma supressão de todos os freios contra o desregramento, que explicam as paixões furiosas e até as atrocidades que se põe na conta do bolchevismo.

* * *

Em resumo, o que caracteriza o movimento socialista oriental é a ausência de qualquer filosofia verdadeiramente humanitária e conciliadora, e as consequências funestas dessa indigência aparecem a todos os olhos sem preconceitos. Desse ponto de vista, a Rússia nos oferece uma dolorosa lição. Quanto à Alemanha, não temos o que elogiar as ideias que, há mais de um século, nos chegam de sua parte. Que seja

seu militarismo brutal e devastador ou o materialismo grosseiro de Buchner⁴³ e de Moleschott⁴⁴, ou ainda aquele mais refinado, mas não menos egoísta, de Nietzsche e sobretudo o socialismo de Karl Marx, homem ácido e odioso, cujo objetivo principal é a luta de classes, tudo o que é desprovido de generosidade e de grandeza, e só leva à precipitação e ao esmagamento de uns pelos outros.

O Sr. Lucien Deslinières — conhecido por sua formação socialista — acaba de publicar um livro intitulado *Livremo-nos do Marxismo*,⁴⁵ do qual ele faz uma síntese no *Répertoire Philotechnique* do primeiro trimestre de 1924:

Durante uma estada de quase um ano (1920-1921), diz ele, na Rússia soviética, onde o marxismo é lei, notei que seus efeitos foram uma absoluta incompreensão dos princípios fundamentais da economia socialista e, conseqüentemente, uma total inaptidão para qualquer obra de reconstrução.

Uma vez essa convicção ancorada em minha mente, não hesitei em romper com meu partido para proclamar a verdade. Daí o meu livro: seu principal interesse está nos seguintes pontos: o Marxismo, pretendendo inovar tudo, permaneceu na margem das ciências econômicas e sociais, que se apegam à observação dos fatos e recusam a buscar ideias, e, portanto, são estéreis.

Antes de Karl Marx, o socialismo era profundamente simpático; graças a ele, hoje é execrado. A luta de classes é uma tática perniciosa que deturpa do socialismo aqueles que seriam seus melhores elementos, sem lhe trazer a menor força. A classe trabalhadora sozinha é incapaz de transformar a sociedade e liderar o novo mundo.

É o marxismo que é responsável pelo fracasso econômico da

⁴³ Ludwig Büchner (1824-1899) foi um fisiologista alemão conhecido pela sua apologia ao materialismo científico e ao ateísmo. — N. T.

⁴⁴ O fisiologista holandês Jacob Moleschott (1822-1893) também foi, a exemplo de seu contemporâneo e colega Büchner, um ativista ateu e materialista. — N. T.

⁴⁵ *Délivrons-nous du Marxisme*, no original em francês, cujo PDF é encontrado em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55218t.texteImage> — N. T.

Revolução Russa.

O socialismo deve rejeitar tudo o que é demagogia e violência e se tornar o partido da justiça e da razão. Ao criticar o regime atual, deve acima de tudo fornecer as bases positivas para um regime melhor.

Felizmente, nem todos os socialistas são marxistas; O Sr. Ramsay MacDonald⁴⁶, o líder incontestável do Partido Trabalhista, primeiro-ministro da Grã-Bretanha, nos lembra disso muito apropriadamente em seu discurso em Brighton, relatando o processo do materialismo.

Um despacho de Londres datado de 7 de março nos anuncia que ele falou nestes termos na reunião do Conselho Nacional de Igrejas Livres: “Sou um daqueles que têm fé no estado socialista. Não tenho vergonha nem medo. Mas há dois socialismos. Uma é uma filosofia e um sistema de vida; o outro um meio eleitoral. A ideia de aulas é um tóxico para o espírito social.”

A respeito da atmosfera de recolhimento moral do domingo britânico, ele acrescenta “que gostaria de ver um estado da sociedade mais conforme a essa atmosfera, melhor para a formação do caráter e da disciplina mútua do que o do domingo francês característico da necessidade moderna de distrações”.

Compreender-se-á, na sua forma cortês, o sentido crítico destas últimas palavras dirigidas ao público francês, pois o Sr. R. MacDonald não ignora que os nossos socialistas perderam de vista o ideal espiritualista dos homens de 89 e 48. É preciso mesmo admitir que muitos deles na hora atual adotariam voluntariamente a palavra de ordem: odiar e desfrutar. A massa cega busca acima de tudo dinheiro e prazeres; ela já não tem outro

⁴⁶ James Ramsay MacDonald (1866-1937), um dos fundadores do Partido Trabalhista do Reino Unido, do qual anos depois seria expulso acusado de traição durante seu mandato como primeiro-ministro britânico no reinado de Jorge V. — N. T.

deus senão o lucro e nenhuma outra regra senão o apetite. O belo entusiasmo que reinava entre nós durante a guerra em todas as classes e foi a admiração do mundo, essa união patriótica que salvou a França, deixou de dar lugar ao abatimento, por um lado, e, por outro, ao desencadeamento das cobiças. Nas horas de decadência do Império Romano, a multidão gritava: “Pão e festas!” Em suma, chegamos lá em nosso país, e o que está acontecendo ao nosso derredor é o indício de uma ruína próxima?

Depois do grande exemplo de heroísmo e de união sagrada, é triste oferecer ao mundo o espetáculo de nossas divisões. Em lugar de atizar paixões malignas e de impulsionar a luta de classes, ensinemos a todos a grande lei que regula os destinos dos indivíduos e dos povos e faz recair sobre eles as consequências dos atos cometidos.

Todos temos precisão uns dos outros. Existe um profundo mal-entendido entre os diferentes meios sociais. Ora, qualquer demarcação entre eles é arbitrária. Entre os “burgueses”, muitos trabalham tanto quanto os trabalhadores. O homem que possui um capital e que o faz valer parece ocioso, todavia está prestando um serviço ao seu país, pois seu capital, frutificando, lhe permite empreender novas obras. Se elas falharem, a perda só atinge a ele e não à coletividade. São as classes médias que mais têm a sofrer com a crise econômica, até mais do que o trabalhador cujos salários seguiram a mesma progressão do custo de vida. Alguns pequenos comerciantes tornaram-se novos ricos, mas quanto não há de ex-burgueses, pequenos rentistas, que se tornaram novos pobres?

O trabalho é um dever social para todos os seres em vista da evolução. Este não se acomoda na beatitude ociosa nem da passividade.

Ao contrário, a atividade do ser aumenta na medida de sua elevação. Mas a uma certa altura o trabalho é puramente intelectual e sem fadiga. Em nosso planeta inferior, tudo requer esforço. Aqueles que vivem desocupados lucrando com o trabalho dos outros devem lembrar que, assim, eles obrigam aos outros homens a empregarem mais da atividade no campo da produção. Todos devem participar do trabalho social — seja intelectual ou materialmente. A união da inteligência e do trabalho é necessária para sustentar e equilibrar o trabalho humano.

As recentes pretensões do socialismo, em vários meios, de dar supremacia ao trabalho manual sobre a inteligência levam fatalmente a uma diminuição desta última. O resultado é uma regressão geral, uma inversão das leis e do propósito do Universo que, ao contrário, conferem ao espírito a supremacia sobre a matéria. É por isso que o verdadeiro ponto de partida do socialismo deve ser a educação, o ensino. O progresso intelectual e moral se realizando em primeiro lugar, o progresso material seria a consequência inevitável.

Toda tarefa inteligentemente compreendida e realizada enobrece aqueles que sentem a sua grandeza, e a causa socialista só poderia ganhar se, às suas reivindicações por vezes justificadas, acrescentasse esta noção de ideal do espiritualismo que resume todas as aspirações generosas e esperanças da humanidade.

V

Para resolver o problema social, vimos que os teóricos nos propõem vários sistemas: coletivismo, estatismo, comunismo etc. No entanto, acima de todos os sistemas, uma questão se apresenta: para melhorar a sorte dos humanos através de uma repartição equitativa dos bens, para pôr um fim nos abusos, na especulação desenfreada; para apagar os vestígios do que foi, ainda ontem, a exploração do homem pelo homem, bastaria recorrermos às instituições, aos regulamentos, às leis?

Todas as obras humanas mudam e passam. Todas as formas sociais que acabamos de enumerar foram aplicadas ao longo dos tempos por civilizações diversas, mas nenhuma resistiu à ação do tempo e ao choque das paixões. A História registrou as tentativas sucessivas, os esforços dos inovadores para realizar seus sonhos, sempre seguidos de fracassos retumbantes. E, de tantas vicissitudes, uma consideração se destaca: é que no socialismo, como na política, os indivíduos nunca recebem aquilo que merecem; seus trabalhos sociais estão sempre relacionados ao estado de aperfeiçoamento a que eles puderam alcançar.

Se quisermos preparar um futuro melhor, comecemos primeiro instruindo o homem das verdades necessárias, para torná-lo mais sábio, mais esclarecido, mais senhor de si mesmo e de suas paixões.

No campo da economia social, o que reinou até agora é a livre

concorrência, quer dizer, a luta de interesses, a rivalidade, o antagonismo. Greves sucederam greves, coalizões, sabotagens; os sindicatos operários se levantaram contra os sindicatos patronais e os trustes⁴⁷, isto é, força contra força e seu produto inevitável: o ódio! Ora, o ódio não pode fundar nada frutífero e durável. É ao coração do homem que devemos nos dirigir.

O que todas as vantagens materiais, a reciprocidade, a participação nos lucros e os altos salários não poderiam realizar, uma doutrina grande, simples, consoladora e pacificadora pode fazê-lo.

As reivindicações socialistas falaram abundantemente ao operário sobre seus direitos, mas não sobre seus deveres. Elas negligenciaram cultivar suas qualidades morais, desenvolver nele o espírito de ordem, de sabedoria e de previdência; e no que resultou?

O povo viu melhorar o seu bem-estar físico, mas não está mais feliz: tornou-se mais exigente, mais descontente e menos consciente. E, todavia, para mudar tudo isso, bastaria inculcar em todos o amor ao trabalho e a confiança na vida, que na realidade nada mais é do que a lenta e gradual ascensão à luz, à perfeição.

Em primeiro lugar, não há outro direito senão aquele que resulta dos méritos adquiridos, dos serviços prestados, de uma participação efetiva na obra da civilização e do progresso. Todo direito adquirido comporta uma série de obrigações correspondentes, e estes deveres são tanto mais numerosos quanto o direito é mais preciso, mais extenso: deveres para com a família, para com a pátria, para com a humanidade.

Então é a liberdade, esse princípio tão mal compreendido que tem suscitado tantas discussões estéreis. Uns querem uma liberdade absoluta,

⁴⁷ Manobra empresarial em que várias empresas, que já detêm a maior parte de um mercado, se ajustam ou se fundem para assegurar o controle financeiro de determinado setor, estabelecendo preços altos para obter maior margem de lucro. — N. T.

o que forçosamente leva à licenciosidade, isto é, à desordem e à anarquia. Outros se prendem a um determinismo vago, que faria do homem uma espécie de marionete cujos fios seriam manuseados por um destino invisível. A verdade está entre esses dois extremos; ela está ao alcance de todos. A liberdade — ou melhor, o livre-arbítrio — é proporcional ao grau de evolução do ser e recrudescer na medida de sua ascensão na escala infinita das existências e mundos.

E é isto o que há de maior e de mais nobre na destinação humana: a conquista da liberdade pelos esforços constantes para o bem, a gradual emancipação das baixas servidões, a educação, o aperfeiçoamento da alma que continua de século em século pelo retorno na carne por meio das vidas renascidas, vidas de trabalho, de atividade, de elevação pela qual o ser se desenvolve para se tornar uma força cada vez maior e desempenhar um papel cada vez mais considerável no Universo. O indivíduo é livre na medida em que põe suas ações em harmonia com as leis universais. Para regenerar a ordem social, o espiritismo, o socialismo e o cristianismo devem se dar as mãos; do espiritismo pode nascer o socialismo idealista. Há um interesse capital em reunir essas três ordens de ideias. O ser deve se aperfeiçoar desenvolvendo suas qualidades inatas e apagando os estigmas que traz de suas vidas anteriores.⁴⁸

O socialismo, na realidade, não é senão a aproximação de fluidos da mesma natureza, sua fusão e sua harmonia na vida humana e segundo o grau alcançado no curso das existências percorridas. O conhecimento das leis espirituais é, portanto, indispensável para estabelecer a verdadeira natureza do ser e sua adaptação cabível aos diferentes ambientes sociais. É necessário que cada ser possuindo uma força radiante, uma potência

⁴⁸ Sobre as provas da reencarnação, ver meu livro *O Problema do Ser e do Destino*.

atrativa, a infunda por meio de vibrações naqueles em que o mesmo fluido circula mais fracamente. Isso seria o verdadeiro comunismo. O objetivo essencial é o de obter uma correlação direta entre os pontos de vista moral, fluídico e material.

Os grandes missionários espirituais foram, de várias maneiras, grandes socialistas. O socialismo é a elevação da coletividade na ordem física e moral, e esse melhoramento deve ser regado pela justiça e pela razão. É por isso que seria necessário se chegar a uma fusão integral pelas trocas de forças capazes de paralisar as paixões e as falhas que subsistem em nós. Como a vida atual não passa de um estado transitório, nenhum dos problemas que se relacionam com ela pode ser logicamente resolvido se não levarmos em conta tudo o que a condicionou no passado e o objetivo que ela deva alcançar no futuro.

Antes de tudo, convém desenvolver na criança e no adulto o senso moral, quer dizer, o sentido elevado da vida, dos seus deveres, das suas responsabilidades; gravar profundamente no pensamento e no coração do ser humano esta lei imprescritível da consequência dos atos que resgata, no curso de nosso destino, todos os elementos — bons ou maus — que temos gerado.

Desde então, a dignidade humana ficaria realçada, a existência assumiria um caráter mais nobre, um propósito mais preciso; seria a construção, por nossos próprios cuidados, ao longo dos séculos, de nossa personalidade, a edificação de nosso destino. Somos aquilo que fizemos de nós mesmos; nossa sorte — ditosa ou desditosa — está em nossas mãos. Assim, no entrelaçamento de nossas vidas, a ação da justiça se torna mais evidente. Tudo o que fazemos recai sobre nós ao longo do tempo, nas alegrias ou nas dores. E como o porvir poderia ser melhor do que o

passado se continuarmos a semear no presente as sementes do ódio, causas de discórdia e desgosto, se o fraco continua sendo esmagado pelo forte, se tantos corações sensíveis são partidos pelo egoísmo e pela brutalidade, em uma palavra, se o homem permanece cruel o homem?

Todos os fluidos impuros causados por nossas paixões, engendrados pelas obras do mal e pelas injustiças cometidas se acumulam em silêncio sobre nós, então um dia, quando a medida estiver cheia, a tempestade irrompe em forma de flagelos, de calamidades, fonte de novos sofrimentos, porque o excesso dos prazeres traz fatalmente um aumento da dor até que o equilíbrio seja restabelecido na ordem moral como é na ordem física.

O abuso dos prazeres, o excesso de luxo, o alcoolismo e a devassidão se redimem pelo sofrimento, pelas privações, pela miséria. Aprendamos a ser sóbrios e comedidos em todas as coisas. O trabalhador frequenta demais cabarés, cinemas realistas e outros lugares malsãs. Mas cabe às classes dirigentes dar o exemplo e não fazer do prazer a regra predominante de suas vidas.

As catástrofes, o jogo do que nós chamamos de forças cegas, só nos parecem inexplicáveis porque não reconhecemos as causas invisíveis que as produzem e que, na maioria das vezes, emanam de nós mesmos e são explicadas por nossa inferioridade e nossas violações da lei.

Não obstante, ao contrário, qualquer alma compenetrada dessa lei, dessa necessidade de evoluir, sentirá a grandeza de seu papel. Na presença dessa ordem universal que traz sempre os efeitos de volta às suas causas, diante dessa perfeição de formas e regras, ela compreenderá que essa perfeição, ela é chamada a realizá-la em si mesma e ao seu redor, e que para isso a infinidade de tempos e espaços lhe está aberta.

Se consagrássemos à educação das massas e à popularização dos princípios soberanos apenas um quarto das somas gastas em obras de destruição e morte, a face do mundo logo seria modificada, o progresso seria mais rápido no funcionamento das obras sociais. Pelo desenvolvimento do senso moral e a evolução das inteligências, muitas causas de sofrimento desapareceriam e a humanidade caminharia com um passo mais seguro para tempos melhores.

A guerra, como dissemos antes, em vez de servir de lição, foi seguida por um despertar de paixões violentas e cobiças rasteiras. O poder corruptor do dinheiro, o florescimento do vício e do crime só fizeram aumentar. Nem a religião, nem a ciência, nem as disciplinas sociais, nenhuma barreira foi capaz de deter, ou apenas desacelerar esse fluxo impuro que aprisiona a humanidade. Carecia-se algo mais, agora que tantas instituições mostraram sua impotência.

A intervenção do mundo invisível tornou-se necessária para despertar nos cérebros nebulosos a noção de imortalidade e exigências que ela acarreta. Tinha que ser lenta e gradual, a fim de não perturbar aqueles cérebros escurecidos e desequilibrados. Precisava apoiar-se sobre uma acumulação de provas irrefutáveis. E é isso que se realiza por uma ação providencial. Assim, a humanidade perdida e desorientada recebe esse impulso do alto que a reconduz ao caminho seguro, à rota real da alma, segundo a expressão de Platão.⁴⁹

Diante das vastas perspectivas que se abrem, e com as quais se familiariza pouco a pouco, o homem será obrigado a elevar seu pensamento acima das baixas contingências terrestres e a encarar esse

⁴⁹ Platão: filósofo grego, um espiritualista convicto, que viveu entre os séculos V e VI a. C. e que, ao lado de Sócrates, é aclamado por Allan Kardec como um dos precursores do Espiritismo (Ver. 'Introdução' de *O Evangelho segundo o Espiritismo*). — N. T.

objetivo, ainda distante, mas tão grandioso, que lhe é indicado.

O nome “invisível” se tornará a imensa fonte da qual todos os pensadores, escritores, poetas e artistas virão beber. Inconscientemente, a maioria dos grandes homens do passado colaborou com o invisível, embora, no futuro, essa colaboração se tornará consciente, desejada e solicitada, e o trabalho humano será fecundado, centuplicado.

* * *

Em seus comentários sobre os versos de ouro dos pitagóricos⁵⁰, o Dr. Carton⁵¹ se dedicou a um estudo admirável, mas sobre o qual devo fazer algumas ressalvas em um ponto. Ele acredita que o conhecimento das vidas sucessivas da alma deve ser reservado só aos iniciados e ocultado da pessoa comum. Eu, pelo contrário, acredito que devemos ao povo toda a verdade, sobretudo porque ela é imprescindível para a educação dos indivíduos e à regeneração social.

Não há verdade moral sem crença elevada e sem sanção. A noção de vidas sucessivas — inseparável da consequência dos atos — nos mostra a repercussão de nossos méritos e deméritos sobre o destino humano e constitui essa sanção necessária e em conformidade com a justiça.

Na ordem social, é do interesse de todos que a lei moral seja observada, pois ela é a melhor garantia de nossa seguridade; os atos

⁵⁰ Ver: Dr. Carton, *La vie sage [A vida sábia]*, Maloine Editor.

Nota desta tradução — Na realidade, o nome do referido livro é *La vie saine, 190 Commentaires sur les Vers d'Or des Pythagoriciens [A vida sã, 190 Comentários sobre os Versos de Ouro dos Pitagóricos]*, publicado em 1918.

⁵¹ Paul Carton (1875-1947) foi um médico francês que propôs um tipo de medicina alternativa aos métodos convencionais de seu tempo, baseando-se num modelo mais naturalista, revivendo os princípios do filósofo e médico grego Hipócrates, o pai da medicina. — N. T.

culposos, os maus exemplos, os fermentos da malevolência e do ódio que são lançados na humanidade alteram o presente e comprometem o futuro, como prova a lei do renascimento.

É em vão que se procura a felicidade na posse de bens materiais, nos prazeres terrenos que o sopro da morte leva. A felicidade está na aceitação jubilosa da lei do trabalho e do progresso, no cumprimento leal da tarefa que o destino nos impõe, da qual resulta a satisfação da consciência — único bem que nós podemos encontrar no Além.

Às vezes me respondem com amargura: Não queremos acreditar em suas vidas sucessivas. Ao que eu replico: Que você acredite ou não, isso não impede que ela exista! A lei formidável e inexorável não subsiste menos por isso, e é melhor submeter-se a ela de boa vontade, porque qualquer violação dessa lei do trabalho e da evolução acarreta um sofrimento. Todos devem se submeter a ela, mas aqueles que não puderem explicá-la ou compreendê-la colherão menos proveitos para sua purificação e seu avanço.

Uma crença elevada — dizemos — é necessária; vocês não podem encontrá-lo no ensinamento atual das Igrejas, que está misturado com muitos erros; vocês não podem encontrá-lo no materialismo, hoje quando a sobrevivência da alma nos é provada por tantos fatos.

Essa crença regeneradora, o novo espiritismo traz para vocês. Porém se vocês ainda não podem se elevar até esta concepção grandiosa das coisas e das leis, acreditem ao menos em vocês mesmos, em vossa alma imortal, em suas forças ocultas que vosso dever e vosso papel é o de desenvolver, pôr em ação para subir mais alto em direção à luz, em direção à compreensão de tudo o que é belo, grande e poderoso no Universo.

* * *

Os revolucionários violentos que pretendem fundar a ordem social no sangue e sobre as ruínas não são mais do que cegos e desgarrados. A harmonia social não pode ser estabelecida senão com a justiça, a bondade e a solidariedade.

O verdadeiro comunismo, por excelência, exige o dom de si mesmo, um sentimento de altruísmo levado até o sacrifício: também, como vimos, não foi praticado até agora e de uma forma sustentável a não ser pelas associações religiosas. Elas se inspiraram por um ideal superior. Em seus arroubos de fé e de amor, chegaram à renúncia de si mesmos em proveito de uma coletividade.

É preciso notar ainda que essa renúncia implicou o esquecimento da família. Ora, a família é a base essencial, o pivô de toda a sociedade humana: tal sistema, portanto, não poderia se generalizar.

A solidariedade dos seres na comunhão universal é um princípio sagrado no qual toda grande obra humanitária deve se inspirar.

Com o materialismo, a solidariedade não vai além de um bem passageiro, efêmero, que liga os homens entre dois nada. Mas, pelo ensinamento dos Espíritos, essa ideia de solidariedade cresce, ganha uma amplitude, uma autoridade imponente. A ascensão coletiva por meio das vidas incessantemente renovadas nos une estreitamente aos nossos companheiros de viagem eterna. Estamos, portanto, interessados no aperfeiçoamento moral de um ambiente ao qual devemos retornar e, por conseguinte, daquele dos seres que o habitam conosco.

A educação das almas, segundo a grande lei da evolução e as consequências do nosso passado, obriga-nos a renascer nas diferentes condições sociais, seja para reparar as nossas falhas anteriores, seja para

adquirir as qualidades inerentes a essas condições. Então importa que todos trabalhem para fazer reinar aqui — em todos os setores — a ordem, a justiça e a harmonia. Ninguém eleva a si mesmo senão ajudando os outros a subirem a imensa escala, permitindo que penetrem neles os conhecimentos e as qualidades adquiridos.

Religados através de nossas vidas, todos perseguindo um objetivo comum, nós nos sentimos unidos por liames poderosos e chegamos, com o tempo, pelas perfeições realizadas, a formar nada mais que uma grande família, um grande ser coletivo cujos membros vibram em uníssono sob as radiações do pensamento e do amor divino.

Na longa série de existências percorridas, na lenta e rude subida das almas em direção a uma meta sublime, mil circunstâncias nos levam a entrar em contato com outros seres, a viver suas vidas, a participar de seus esforços, de seus trabalhos, de seus prazeres, suas dores. É assim que, ao longo dos séculos, são tecidos os laços que nos prendem à massa humana. Tudo o que a afeta nos toca, tudo o que fere nos atinge.

Diante dessas perspectivas, a solidariedade nos parece muito mais larga e poderosa do que as páldas teorias materialistas.

Unidos por sinais e fins comuns, viemos do mesmo Pai e para Ele retornamos a fim de vivermos um dia, pelos méritos adquiridos, em sua paz e em sua luz.

Em face de tais horizontes, que será das mesquinhas rivalidades, ciúmes, ódios, todas as miseráveis competições da terra? Tudo isso se esvai para dar lugar a uma irradiação de amor que aproxima todos os homens numa fraternal harmonia.

Doravante o dever se mostra mais preciso, o dever de ajudar em sua evolução os fracos, os ignorantes, os retardados, todos os que estão

abaixo de nós, como nos têm ajudado generosos Espíritos que alcançaram a culminância da sabedoria e do conhecimento.

VI

Assim como demonstramos, o espiritismo pode influenciar poderosamente a economia social e a vida pública, pois sua concepção de existência e de destino vem facilitar o desenvolvimento de todos os trabalhos coletivos e solidários.

Através desse ensinamento, o indivíduo se sente mais unido aos seus irmãos; sabe que só pode evoluir através deles e com eles, e daí a eclosão de ideias generosas que até então foram consideradas como utopias e que doravante poderão — graças a essa noção de vida evolutiva — passar ao domínio dos fatos.

Dessa maneira é que o novo espiritualismo traz em todas as coisas um elemento regenerador. Ele ensina a amar a família e a pátria, mas, sobretudo, nos traz essa noção sublime da grande família humana: a fraternidade das almas, a comunhão de todos em busca de um mesmo desiderato — a ascensão lenta e gradual de todos para mais perto da luz.

Pobre humanidade dolorosa, tu escalas dolorosamente o caminho da vida sob um céu muitas vezes negro e de rajadas ora abrasantes, ora gélidas! Quando penso nessa longa procissão que se desenrola nas encostas íngremes com seu pesado cortejo de sofrimento e miséria, eu me sinto tomado de uma imensa simpatia por todos esses companheiros de jornada terrena.

Nesta hora presente, não quero ver tuas faltas, ó humanidade, mas apenas teus méritos e tuas dores. Durante meio século eu trabalhei sem cessar, pela caneta e pela palavra, para esclarecer e consolar as almas. Impotente para curá-los, quero ao menos enviar um pensamento fraterno a todos aqueles que se curvam sob uma dura tarefa, sob o fardo de suas provações, e a quantos, no espaço, preparam-se para renascer neste ambiente atormentado.

Este pensamento, eu remeto ao mineiro enterrado sob a terra, ao trabalhador do campo curvado sobre seu árido sulco, ao marinheiro na tempestade, ao metalúrgico, ao fundador, ao vidraceiro que sob o sopro ardente das fornalhas forja o ferro, moldando a gusa e o vidro e cria os mil objetos necessários à civilização. Não esqueço a mulher, esta mãe da humanidade; a mulher, fiel companheira dos nossos labores e das nossas dores, que nos deu a vida à custa do seu sofrimento e nos sustenta e nos consola nas horas difíceis.

A todos eu envio um pensamento fraternal, porque fraternidade é a palavra mágica, o princípio soberano que resolverá todos os problemas sociais, que dissipará ódios, ciúmes, rancores e que, do caos das paixões, fará nascer um mundo novo.

Não é um espetáculo impressionante ver se desenrolar, em todos os grandes centros industriais, nas primeiras horas do dia, ao som estridente das sirenes, a longa procissão de homens, mulheres, crianças, com rostos sombrios e pálidos, que se dirigem às fábricas para ali retomarem o trabalho monótono que as manterá o dia todo? Ou ver emergir das entranhas do solo, nas regiões do norte, esses mineiros enegrecidos pelo pó de carvão a tal ponto que já não se consegue distinguir a cor de seus rostos. Ou ainda, nos largos cais de nossos empórios, e sob o sol ardente

os estivadores curvados sob a carga?

É preciso ter tido um bom aprendizado sobre a miséria e ter conhecido a luta pelo pão de cada dia para compreender o estado de espírito dessas multidões; para explicar a irritação surda que arde no fundo de tantas almas amarrotadas, machucadas pelo pesado rolo da necessidade.

Talvez, no vago instinto de hostilidade da maioria desses seres, não haja mais do que a herança sombria dos séculos passados, de vidas de servidão que não apontava para nenhuma outra esperança senão a da morte.

Mas hoje o trabalhador conquistou sua liberdade e, mais ainda, sua dignidade de homem por meio do seu labor. É por isso que a data de 1º de maio — que até hoje tem sido uma espécie de apelo à revolta — se tornará progressivamente um símbolo de apaziguamento e reconciliação para se transformar em um dia de trabalho consagrando a nobreza do esforço feito na solidariedade de todos. E essa data será tanto melhor escolhida se coincidir com o despertar da natureza, com os sorrisos e as promessas da primavera.

Às vezes nos perguntamos qual é o propósito de tantas vidas obscuras, atormentadas e dolorosas. Se procurássemos enumerar todas aquelas que se desenrolaram desde a origem do mundo, nós nos encontraríamos na presença de cifras formidáveis. Por que todas essas existências, das quais o tempo dispersa as cinzas a todos os ventos e das quais a memória humana não guarda nenhum sinal? Por que tanta dor, desgosto, lágrimas? É que a vida é um cadinho em que a substância da alma se refina, em que suas partes mais duras se fundem sob o fogo das provas e em que prossegue a divina alquimia.

É preciso esse lento refinamento de séculos para fazer da alma primitiva, brutal e selvagem um ser polido, para transformar o egoísmo feroz em espírito de sacrifício e para fazer brotar dos pântanos terrestres as delicadas flores da sensibilidade, da piedade, da bondade.

Pobre alma humana, tu tens que passar muitas vezes pelos alambiques terrenos para destilar seus sucos ocultos, para filtrar suas asperezas. Alma humana, tu és o enigma vivo no qual se agitam e se misturam confusamente tantas paixões, tantas aspirações baldias. Tu és capaz dos mais belos pensamentos e dos piores sentimentos: amor e ódio, grandeza e miséria, ingratidão e devoção. Mas há em ti uma força divina que tua evolução através do tempo tem precisamente por objetivo despertar, fortalecer, a fim de te preparar para tarefas mais altas, para uma participação mais larga nas obras eternas. E este é o objetivo de tua vida, de todas as tuas vidas, este é o papel assinalado à terra na cadeia dos mundos.

A vida não se cria e não se desenvolve a não ser pelo sofrimento. É preciso sofrer para dar à luz, para subir, crescer e se purificar; é preciso sofrer para abrir sua alma a todas as sensações delicadas e poderosas, para iniciá-la no conhecimento das grandes harmonias, para prepará-la para as alegrias, as felicitações da vida superior. O sofrimento é a lei dos mundos inferiores — lei séria e austera, mas profunda em seus fins. Sem ela, não há equilíbrio moral, nem incentivo para o melhor, nem compreensão do bom e do belo.

Muitas vezes, em tempos de angústia, acusa-se Deus, a natureza e o mundo inteiro sem se ponderar que a fonte de nossos males está dentro de nós mesmos. É verdade que no domínio moral das causas e dos efeitos o homem não vê além das coisas imediatas. Seu olhar não pode abarcar

os períodos durante os quais se desenvolve a lenta incubação de seus erros e fracassos, sobretudo quando estes provêm de suas existências anteriores e constituem a trama do seu destino.

Nós dissemos que a maior parte desses males resulta do estado mental de nossas gerações que por muito tempo se desviam da vida reta sem respeitar a lei do dever, das altas disciplinas, e vagam pelos caminhos floridos da paixão, do egoísmo e da venalidade. Por que esta humanidade — cujo progresso é tão notável na ordem intelectual e material — permanece estacionária na ordem moral? Por que a barbárie, a crueldade e o egoísmo se manifestam em nossa época com tanta intensidade quanto em tempos remotos? Só o Espiritismo pode nos explicar isso. As almas suficientemente evoluídas quando deixam a terra vão quase todas viver em mundos melhores, enquanto constantemente ascendem até nós dos planos inferiores contingentes de almas ainda grosseiras que vêm continuar sua educação na esfera terrestre. É por isso que o nível moral muda tão lentamente. Herdamos o trabalho de gerações passadas e não herdamos virtudes que permanecem individuais. É por isso que devemos trabalhar acima de tudo para a educação do povo, se quisermos melhorar a sorte da humanidade.

A reforma do indivíduo deve levar à reforma da coletividade e a fazer que todo triunfo do homem sobre si mesmo, sobre suas paixões, repercuta sobre seu entorno e que o progresso comunitário reaja sobre cada indivíduo. É trabalhando para a elevação dos outros que nós trabalhamos mais eficazmente para nos elevar. E ao mesmo tempo se desenvolve, cresce e se afirma em nós e à nossa volta essa noção essencial de fraternidade que nos religa a todos.

Para bem compreendermos a realidade e a pujança dessa noção, é

preciso considerá-la sob o aspecto que lhe é dado pelo ensinamento dos Espíritos. Não se trata mais aqui da fraternidade dos corpos, mas a da fraternidade das almas, que se acham religadas em todas as etapas de sua grandiosa evolução.

Não somente somos irmãos por nossa comunidade de origem e de propósito, sendo todos filhos de Deus e destinados a unir-nos a Ele, mas ainda porque somos convocados — em virtude da lei da necessidade — a percorrermos juntos a longa rota que conduz a Ele, a nos encontrarmos ali, a nos reconhecermos para trabalhar e sofrer juntos, a fim de que nosso caráter se aprimore e que nossas qualidades se desenvolvam sob os sopros purificadores e regeneradores da adversidade.

Sem embargo, observemos que a noção de fraternidade não implica a de igualdade. Dentre as doutrinas sociais em voga, esta é a mais contestável. Não há igualdade na natureza, muito menos na humanidade. No lado de lá, todos os seres são hierarquizados na proporção do seu grau de avanço, conforme com a lei da evolução. As teorias revolucionárias — que pretendem nivelar tudo por baixo — cometem contra a lei um erro monstruoso e um crime, porque elas são destrutivas da obra do passado, do gigantesco esforço de séculos em vista de criar uma civilização. Seria mais de acordo com a lei universal do progresso estabelecer instituições que contribuam para facilitar a ascensão do homem, atribuindo-lhe uma aspiração cada vez mais elevada.

Sem dúvida, a obra do passado nos legou muitos abusos e imperfeições que nós temos o dever de corrigir, contudo ela também introduziu na existência humana certas vantagens, facilidades que seria absurdo suprimir.

É legítimo que todos os homens desejem o bem-estar material, assim

como as alegrias do espírito e do coração, mas acreditamos principalmente que é por meio da ação moral que conseguiremos melhorar nossas instituições e aperfeiçoar a ordem social.

Para dissipar os desentendimentos que dividem nossas diferentes classes, é necessário antes de tudo viver a vida do povo, entrar em contato com ele e lhe comunicar o brilho do que há de melhor em nós, em uma palavra, compartilhar mais de perto suas tristezas, suas misérias, e se esforçar para despertar nele gostos mais nobres, aspirações mais sublimes, uma necessidade mais intensa de cultura intelectual. Insiste-se demais nas carências do trabalhador e pouco nas qualidades de seu coração, que são grandes. Mesmo os mais hostis são acessíveis a boas práticas, a razões salutareas.

Na minha juventude, interessei-me bastante pelas cooperativas de produção operárias e participei de seus trabalhos. Mais tarde, quando me consagrei à propaganda do espiritismo, dirigi-me preferencialmente às massas trabalhadoras, e posso dizer que ali encontrei mais eco do que em qualquer outro lugar.

Se quisermos saber o que o espiritismo pode fazer com a classe de trabalhadores, basta-nos medir sua vasta extensão entre os mineiros da bacia de Charleroi⁵².

Em lugar da luta de classes, trabalhemos então para a sua fusão, preparando os materiais para a futura cidade, feita de justiça e harmonia. O espiritismo nos ajudará nisso ensinando-nos que a condição dos humildes pode voltar um dia a ser a nossa e que a alma deve renascer em meios diversos para aí aperfeiçoar sua educação.

⁵² Charleroi é uma cidade do sul da Bélgica, ainda hoje com forte atividade na extração de hulha (espécie de carvão mineral) e industrialização siderúrgica e metalúrgica. — N. T.

* * *

Chegando ao entardecer da vida, o homem às vezes se interroga e lança um olhar atrás pelo longo caminho percorrido; ele evoca as sombras de todos aqueles que conheceu e que o precederam no além e ao mesmo tempo a recordação de bons ou maus relacionamentos, das tarefas cumpridas, das situações ocupadas, decepções, vicissitudes sofridas...; ele percebe ainda o eco frágil das agitações do passado, do barulho das paixões, mas, em razão do recuo do tempo, ele sabe melhor o valor real dos seres e das coisas. Um grande apaziguamento se faz nele; sente mais inclinado à indulgência, ao esquecimento das ofensas, ao perdão das injúrias; compreende melhor o sentido profundo da vida e as vantagens e inconveniências que dela decorrem do ponto de vista essencial de sua evolução intelectual e moral. Pois é esse o propósito supremo da existência.

Ele está ao mesmo no espaço, mas lá, amplas perspectivas se abrem e o círculo de memórias se alarga. O espírito evoluído vê desdobrar-se o panorama de suas existências com suas alternâncias de sombra e de luz, quedas e reerguimentos, e sente mais de perto a solidariedade que o religa a todos esses seres que conheceu — viajantes, como ele, de longa peregrinação através dos séculos.

Ele sabe que na trajetória de suas vidas ele foi alternadamente rico e pobre, patrão e operário, servidor e senhor; que suas existências humildes e obscuras foram mais numerosas que as existências reluzentes. Primeiro deve-se aprender a obedecer para, mais adiante, aprender a comandar.

O espírito frequentemente repassa na sua memória as cenas, as

imagens, os espetáculos tristes e doces de suas existências terrenas, existências dolorosas, laboriosas, às quais deve seu estado de avanço.

Ó Terra, planeta sombrio e frio, mundo de experimentação e de expiação, de iniciação ou de redenção; tu ocupas um dos mais baixos graus da escada de ascensão das almas; a matéria pesa fortemente na tua superfície, as necessidades aqui são múltiplas e o trabalho opressivo. Tudo isso é necessário para comprimir o ardor dos espíritos jovens a quem tu serves de escola e moradia; tudo é necessário para reprimir suas paixões, seus apetites desregrados e submetê-los à disciplina. Mas, à medida que o espírito se eleva na escala dos mundos, a matéria se torna mais sutil, o trabalho mais fácil, as necessidades menos imperiosas. O espírito penetra no seio das sociedades mais perfeitas e mais felizes e ali degusta as satisfações espirituais reservadas às almas apuradas.

O espírito reconhece a maioria dos seres que o arrodeia por terem percorrido com eles as etapas terrestres. Lembra-se dos auxílios prestados, os serviços trocados, as alegrias e as tristezas compartilhadas, e em todas essas recordações ele encontra tantos elos que o vincularam a essa multidão como a uma imensa família cujo número aumentará na proporção que a alma se eleva e participa de uma forma mais ampla e mais completa da vida universal. E o espírito sente dentro de si uma força que o impele a crescer sempre a crescer, a se desenvolver, a se aperfeiçoar. De fora, uma atração o envolve e o transporta às coisas divinas, para os cimos da sabedoria e da luz. Contudo, malgrado essa atração, ele se sente livre, livre para fazer suas escolhas, para tomar suas resoluções e ao mesmo tempo responsável. Ele admira essa imponente hierarquia de almas que se encenam até o infinito e que é a armadura espiritual do Universo — hierarquia baseada nos méritos, nas virtudes e

à qual podem aspirar todos aqueles que trabalharam muito, amaram muito e sofreram muito.

* * *

Toda obra humana — para ser bela, grandiosa e duradoura — deve ser como um reflexo, como uma imagem reduzida da obra eterna. Instituições, as regras, as leis sociais devem se inspirar no plano geral, no ordenamento do Universo. Ora, aqui é que está o ponto fraco do socialismo, a causa de seus insucesso cada vez que ele quer passar das teorias e dos vários sistemas para uma realização prática, para uma organização viva.

O socialismo se importa muito pouco com as leis superiores e a verdadeira finalidade da vida, que é um objetivo de evolução e de aperfeiçoamento. Ele está preocupado demais com o corpo material, que é passageiro, e muito pouco com o espírito, que é imortal.

Agora, como vimos, as instituições que não estão harmonizadas com os princípios eternos estão destinadas a perecer. O socialismo deve antes de tudo agrupar o conjunto das forças e dos saberes de modo a dar um impulso mais vivaz à evolução do homem durante a sua estadia na terra. Portanto, o verdadeiro socialismo consistiria em estudar e observar as leis e harmonias universais para realizá-las — o máximo possível — no ambiente terrestre, tanto na ordem física quanto nas faculdades do espírito e nas qualidades do coração. Somente quando cada indivíduo tiver adquirido a saúde perfeita da alma e do corpo, o domínio de si mesmo, quando as coletividades tiverem tomado plena consciência de seus deveres e de seu destino, é que a humanidade avançará um passo

mais seguro no caminho do bem. Até lá, teremos que esperar por provações, por catástrofes, por males de todos os tipos, porque há correlação entre todas as coisas e a desordem dos espíritos traz a desordem da natureza e da sociedade.

Objetar-me-ão que a massa humana ainda está pouco apta a compreender as altas verdades, mas ao menos cabe aos chefes do movimento assimilá-las, a fim de orientar para um propósito nobre e elevado a marcha da multidão que se segue.

Parece que a hora das renovações se aproxima. Em meio das vicissitudes de nossos tempos conturbados, fatos significativos se produzem dos quais se emerge uma grande esperança. A despeito das mazelas do nosso século, vemos se manifestar por toda parte uma vontade de viver, de conhecer, de progredir, que é uma prova certa de restauração moral e de evolução humana.

Mais alto que os germes da decadência e da ruína, sente-se passar o sopro do Espírito que suscita de toda parte empreendimentos ricos de futuro. Apesar das causas de rivalidade e do ódio que ainda separam os povos, vê-se desenhar uma necessidade crescente de entendimento e solidariedade que tende a uni-los nos afazeres comuns.

Jamais no curso da História a solidariedade na provação, no luto e no sofrimento apareceu de forma tão intensa. A cruel guerra mundial abriu muitas almas a novos sentimentos e a dor tornou-se como que uma promessa de renovação.

Todos aqueles que foram dilacerados pela angústia, pela incerteza do amanhã, pela perda de entes queridos, todos estes sentiram a necessidade de um estado de coisas que poupasse às gerações o retorno de males semelhantes. Essa precisão de solidariedade passou da teoria à

ação. Ela engendra obras que agrupam os representantes dos povos, das sociedades, das corporações, de todas as associações humanas, e isso não é senão um reflexo, uma repercussão dessa imensa solidariedade que une todas as potências do espaço e impulsiona todas as forças sociais de nossa Terra para um período de transformação.

A enorme multidão de vítimas da guerra paira acima nós. Ela não fica inativa; ela trabalha de mil maneiras, com a ajuda de Espíritos superiores, para multiplicar os laços que unem o céu à Terra. E eis que se estabelece uma comunhão mais estreita entre aqueles que ainda estão curvados sob o jugo da carne e aqueles que dela estão libertos.

Desse alto, correntes de força, inspirações e socorros fluídicos estão se derramando sobre a humanidade. Uma nova revelação está se espalhando por todos os pontos do globo — revelação poderosa que levará a vida planetária em direção de horizontes mais bem iluminados pela sabedoria e pela luz divina.

VII

Os eventos que se desenrolaram há alguns meses suscitaram muitos comentários e perturbaram muitos espíritos. Para ficarmos no círculo das preocupações do momento, que nos permitam desta vez deixar em suspenso nosso assunto habitual para considerarmos de cima a questão política e social, como se a julgássemos do espaço.

Do ponto de vista da evolução, nós estamos em um momento decisivo brusco após o qual teremos que encontrar a rota segura. Toda sociedade é regida pelos princípios que, sob a ação do tempo, revestem-se de aspectos novos. Os recentes movimentos políticos — dizem-nos — são provocados pelos reencarnados que já desempenharam um papel relevante em tempos revolucionários, seja na França ou no exterior — porque o espírito não é constringido a renascer no mesmo país.

A França, durante séculos, tem representado no mundo as grandes tradições históricas: essa tradição, que era monarquista, foi quebrada pela Revolução⁵³. Hoje, é necessário reconstituir o prestígio da França por meio de uma nova direção inspirada em um ideal superior.

⁵³ Referência à Revolução Francesa (entre 1789 e 1799) durante a qual o rei Luís XVI foi destronado e depois guilhotinado, e a Monarquia Constitucional que regia a França foi substituída por uma Convenção Nacional, que então instituiu a Primeira República Francesa. — N. T.

Já podemos prever que o espiritismo, de mãos dadas com a ciência, se tornará amanhã a base das doutrinas religiosas chamadas a substituir os dogmas envelhecidos. Estes se adaptaram à mentalidade dos tempos em que foram estabelecidos, mas não respondem mais às demandas da humanidade em andamento.

De acordo com meus textos anteriores, fui classificado como um dos socialistas. Entretanto — eu tive o cuidado de dizer — eu não aceito o socialismo sem a doutrina espiritualista que o tempera, o adoça e tira dele todo caráter de ácida violência. Eu reprovoo o socialismo materialista que semeia o ódio entre os homens e, por consequência, permanece infrutífero e destrutivo, como o vimos na Rússia. Eu sou um evolucionista e não um revolucionário.

Acredito que devo deixar a palavra para nossos guias e protetores invisíveis, muitos dos quais têm participado da direção política do século passado; um deles nos diz:

Vossa época tem uma grande importância. Vossos políticos, em geral, não veem além do que o sentido prático e bastante material, a razão e o interesse são seus guias, e isso é, em grande parte, o que constitui a política da esquerda. Mas isso está longe de ser suficiente para garantir a vida intelectual e moral de uma grande nação. Cedo ou tarde, será preciso recorrer obrigatoriamente às doutrinas espíritas para dar a essa política toda a sua grandeza e seu alcance.

A mudança de frente causou alguma surpresa, mas a política do vosso antigo ministério parecia reviver velhas tendências que não podiam oferecer o sumo necessário para a obra de progresso.

Teríamos preferido que a mudança de frente tivesse ocorrido primeiro no campo filosófico, pois assim o socialismo teria sido iluminado com uma luz mais viva e mais pura. Será mais difícil fazer com que as instituições humanas se beneficiem do brilho superior que deveria tê-las inspirado em primeiro lugar. Tal é o nosso sentimento do ponto de vista psíquico; agora, do ponto de vista prático, vamos descer à arena e descobrir o que se produziu.

Os políticos que queriam reviver as instituições do passado se depararam com forças possantes, desprovidas de qualquer preocupação conservadora e animadas por um desejo de renovação. Qual será o resultado? Vós presenciareis lutas e desgostos, das quais nascerá, em algum momento, um partido novo.

O golpe de força constitucional pode ter parecido um choque, porém do choque brotou a centelha. Embora lamentemos que a evolução não parta de um ideal superior, não podemos, do espaço, impedir que as ideias sigam sua marcha. No entanto, correntes de ondas vos são enviadas de mundos mais evoluídos, a fim de que vossas visões se portem rumo ao porvir e que seus dirigentes venham a compreender a existência da vida universal e suas leis.

Do espaço, trabalha-se para expandir as concepções dos homens de direita e moderar as impulsões exuberantes dos extremistas. É preciso saber esperar sem muito otimismo e se preparar na ordem e na razão para a eclosão dos novos princípios.

Outra mensagem (16 de maio de 1924). Após as eleições:

A vontade soberana do povo decidiu que dois grandes princípios devem inspirar a direção política de vosso país no exterior e no interior. Se os cérebros dos políticos se impregnassem das forças do espaço, algo de bom poderia resultar disso. Devemos velar para que espíritos sábios intuem vossos estadistas.

Quando os recém-eleitos se depararem com a realidade, primeiro terão que constituir uma maioria mais à esquerda. Se esta não fosse composta por homens conscienciosos, amantes da liberdade e da independência, ela levaria a uma política de estagnação.

É preciso um espírito novo, comparável a um vinho generoso, que despeje nas veias do povo ardor maior e um desejo de ir avante.

Do ponto de vista científico, vê-se surgir novas teorias e a política deve seguir um movimento paralelo. A nova maioria vai se inspirar nas doutrinas socialistas dentro dos limites da justiça, do bom senso e da razão.

No que diz respeito aos novos fenômenos científicos, é necessário apresentar fatos políticos da mesma ordem. O pensamento evoluiu; muito ardente, ele vos faria se desviar. Para vos fazer viver moralmente falando, é necessário um certo ímpeto que vos ajude a se elevar para a

vida superior.

Choques ocorrerão no retorno das Câmaras, os republicanos se encontrarão face a face com os socialistas, e estes, em desacordo com os comunistas. A princípio, a fusão será trabalhosa. Quando os futuros governantes tiverem que se pronunciar sobre os problemas a serem resolvidos, sua inclinação os levará a soluções pacíficas.

Quatro anos de legislação são pouca coisa; se, neste lapso de tempo, a nova política cometer alguns erros, a opinião retrocederá. No mundo de hoje, a política de arbitragem parece levar vantagem sobre a política da luva de ferro.

Para que vossa Terra evolua e para que o homem possa galgar um outro planeta, será necessário renunciar às ideias militaristas. Uma nova era psíquica se prepara para vós. Sugestões apropriadas vão se produzir e não haverá outra guerra daqui a quatro anos. P. deu origem a críticas daqueles que se recusaram a voltar ao passado. Vós deveis vos inspirardes nas instituições do amanhã e não nas do ontem.

A primeira medida será fortalecer o espírito laico e introduzir na educação aquele ideal de beleza que, associando-se a doutrinas políticas, morais e científicas, criará uma expansão para a espiritualidade que jamais deverá se enfraquecer.

Nos séculos anteriores, a religião era necessária. A espiritualidade simples andava de mãos dadas com a atmosfera científica recém-nascida, mas agora o vazio está crescendo. As ondas fluídicas que vos envolvem refinam o pensamento. Dizei a todos que só o culto da beleza e do ideal pode levar a humanidade a uma compreensão mais abrangente da vida universal.

Outra mensagem (30 de maio de 1924):

A França neste momento vê desenrolar-se um período instável que deve durar algum tempo. Vós testemunhareis confrontos, alterações de ministério, sobressaltos políticos, alianças de partidos que vos surpreenderão; então a tempestade se acalmará e nascerá no seio das duas assembleias um novo partido, que formará uma maioria mais estável e trará de volta um período relativamente pacífico.

Do vosso antigo Presidente do Conselho, eu aprecio a lealdade, seu amor ao país, sua facilidade de trabalho, mas o que lhe falta é uma espécie de intuição que lhe indique que certas possibilidades têm limites. Às

vezes é necessário fazer concessões para recuperar o terreno perdido na luta política; ele compreenderá seu erro e um dia retomar a tarefa que começou. Num regime republicano, não deve ser o mesmo homem aquele que governa constantemente, a natureza humana não pode exteriorizar todas as qualidades necessárias.

Não estou completamente de acordo com os políticos que vão tomar o poder; eu gostaria de combinar um ideal superior com ideias políticas e humanas. Os políticos atuais exploram seus eu consciente. Os governos que vão se suceder serão necessários para exercer uma compressão entre os partidos de esquerda e os de direita. Eles vão tirar da esquerda o que pode ser tirado de vossa sociedade atual.

Acredito que os homens que estão prestes a serem chamados ao governo serão obrigados a circunscrever seu programa dentro de um círculo mais estreito.

Do espaço, posso dizer que, para a estabilidade da França e do mundo, devemos aliar teorias humanitárias com teorias racionais e positivas. No dia em que vossa direção política estiver estabilizada, vossa ciência terá funcionado, vossos cérebros serão mais capazes de entender que uma nova espiritualidade deve nascer e que a humanidade deve se impregnar de racionalismo.

Nós projetamos radiação suscetíveis de dar as forças evolutivas necessárias para equilibrar os cérebros dos políticos com o objetivo de trazer um período de paz.

Mensagem de 11 de julho:

Do ponto de vista psíquico, a situação europeia deve ser esclarecida. Do espaço, nós não podemos analisar todo pensamento humano do ponto de vista político, pois tudo se traduz por mais ou menos pureza, por cores mais ou menos claras e densidades fluídicas variadas.

Quando lançamos um olhar para as diversas regiões do vosso planeta, nós vemos se as lutas são mais ou menos violentas. Na hora atual, trata-se de circunscrever um foco que represente os apetites e o espírito de dominação do vosso inimigo de 1914. Dois meios estão à vossa disposição: quebrar os maus fluidos por uma vontade inabalável ou dissolvê-los projetando sobre esses fluidos outros fluidos mais etéreos, cuja natureza estará relacionada com a elevação da consciência e ao sentimento de justiça. Eis como se apresenta o mapa psíquico do

vosso campo de batalha político.

A França e a Inglaterra poderiam — se elas quisessem — conjugar seus esforços para comprimir o círculo adverso. Seria preciso pouco para isso, mas esse pouco é difícil de realizar. A fé inglesa carece de sinceridade; é acompanhada de segundas intenções. Querendo evitar uma nova guerra com a Alemanha, ela aspira o domínio do mundo ditando a todos as suas vontades.

Na França, o ideal nacional não está suficientemente aliado ao ideal de justiça e equidade. O que nos impede de agir do espaço é que forças opostas causam aí controvérsias incessantes.

É preciso que o egoísmo inglês dê lugar a um sentimento de justiça que se fundisse fluidamente com as emanações idealistas francesas, as quais rompem com a lógica tão implacável de vossos aliados.

Portanto, três forças estão presentes: a força bruta alemã, o ideal francês incompleto, o egoísmo e a lógica inglesa toda puritana.

As conferências entre os dois primeiros-ministros não chegaram a um grande resultado. Na Inglaterra, estão em jogo os interesses alemães e os objetivos financeiros.

Do alto, desejaríamos que surgissem homens honestos e honestos em vosso país, tendo um ideal formado de amor à pátria e de justiça social. Vós os possuís, mas em faixas separadas.

O ideal espírita vai crescer, mas antes que vossos feixes radiantes se unam aos nossos, é preciso que a tempestade moral seja acalmada.

* * *

O que posso acrescentar à visão clara desses grandes Espíritos que, todos, desempenharam um papel político importante durante sua derradeira estada terrena? Como eles, sou republicano, não que considere nossa República como o mais perfeito dos governos. Sobre esse ponto, compartilho da opinião de Montesquieu⁵⁴, que escreveu que a República

⁵⁴ Charles-Louis de Secondat, dito Barão de Montesquieu (1689-1755) foi um notável político, filósofo e escritor francês, célebre pela teoria de separação dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). — N. T.

exige sabedoria e virtude. Falta à nossa — como dizem os guias — o ideal superior, a tradição moral que faz a grandeza e a dignidade das nações.

A rigor, eu me acomodaria — como tantos outros — com uma monarquia constitucional se eu soubesse que ela pudesse dar mais paz e felicidade ao meu país. Mas creio que uma restauração desse tipo seja impossível, porque faltam os elementos necessários para seu sucesso, quais sejam: respeito à autoridade, sentimento de hierarquia e gosto pela disciplina.

Sou a favor da democracia, que, por si só, parece capaz de assegurar a pacificação e a reaproximação entre as pessoas. Os Estados despóticos e a política dos soberanos tendem naturalmente a usar da força para aumentar seu domínio, enquanto as democracias, em que o conjunto dos cidadãos eleitos deve decidir sobre as questões graves, são pouco favoráveis à guerra, que, longe de restituir, arruína os povos. Além disso, em nosso tempo, procura-se criar instituições sábias e poderosas o bastante para resolver conflitos entre nações por meio de arbitragem.

Recordemos aqui que as duas repúblicas mais antigas do mundo — a Suíça e os Estados Unidos — em suas obras fundamentais, se inspiram por um ideal comum que originalmente revelou um caráter sagrado. O pacto de *Rütli*⁵⁵ e o dos emigrantes da *Mayflower*⁵⁶ uniram as partes contratantes em um vínculo federal sancionado por uma fé espiritualista

⁵⁵ Rütli (*Grütli*, em francês) é uma pradaria na comuna de Seelisberg, Suíça, que faz parte dos mitos fundadores daquele país. Uma lenda diz que lá é o local onde os primeiros confederados se reuniram, quando da conjuração contra os opressores austríacos, firmando o “Juramento do Rütli”. Na imaginação popular, essa aliança se confunde com o Pacto Federal de 1291, que de fato deu início à fundação da confederação suíça. — N. T.

⁵⁶ Mayflower (*Flor de Maio*, traduzido do inglês) refere-se ao icônico navio que em 1620 transportou os chamados *peregrinos* vindos da Inglaterra para colonizar o Novo Mundo, mais tarde, os Estados Unidos da América. — N. T.

e uma prece a Deus.

Esses sentimentos persistiram e ainda fazem a grandeza desses povos que muitas vezes souberam reagir contra os invasores da política utilitarista e materialista que tende a invadir o mundo. A França, ela também, teve suas horas de idealismo e de espiritualidade. A Declaração dos Direitos do Homem e as publicações de 1848 dão testemunho irrefutável disso. Porém hoje ela parece ter olvidado esse ideal superior que faz o prestígio das obras humanas. A última guerra alterou muito os caracteres e as consciências e desencadeou apetites e cobiças sem limites.

Outrora, conhecia-se duas maneiras de atender às carências da existência: adquirir riqueza ou restringir as necessidades procedendo com economia. Esse último meio — o mais seguro, entretanto — caiu em desuso. Querem possuir a todo custo. As necessidades se multiplicaram a ponto de tornar a luta pela vida mais amarga, mais tirânica. Também o trabalho, a tarefa quotidiana, que antes se realiza com alegria, com entusiasmo e bom humor, o trabalho — embora mais leve — tornou-se para muitos um constrangimento, um jugo que dificuldade se suporta.

Ignora-se que ao multiplicar as necessidades factícias, despertando os desejos, nós preparamos o infortúnio do ser, não só na Terra, como também na vida do espaço, porque, se as necessidades desaparecem com o corpo, mas os desejos — que são do espírito — persistem e as privações fazem-se sentir no Lado de, onde a matéria já não tem domínio. A ausência das coisas que amamos demais torna-se uma causa de sofrimento.

Para todos esses males, qual será o remédio? Só pode ser encontrado numa renovação do espírito e do coração, isto é, numa educação nacional que explique ao homem a razão da sua presença e da sua passagem pela Terra. Pois de nada serve conquistar os ares, as águas e todas as potências

materiais, se o homem não aprende a conhecer a si mesmo e a discernir o propósito de sua vida. E se o remédio não estiver no estudo e na ciência, virá através da provação, porque as causas amargas são as mais eficazes para o progresso e para a depuração do ser.

Mas aqui começa — através da uma estreita colaboração com o mundo invisível — uma nova fase da evolução humana. É pelos esforços unidos dos habitantes da Terra e do espaço que serão dissipadas as trevas e serão curados os males que ainda pesam sobre a humanidade.

VIII

Se considerarmos o trabalho da Terceira República, fazendo abstração das críticas que esta possa receber, não poderemos ignorar o grande esforço social que ela realizou, esforço do qual resultam vantagens consideráveis em favor da massa de trabalhadores. Essas vantagens se resumem da seguinte forma: seguro social, pensões trabalhistas, participação nos lucros de um grande número de indústrias, proteção das cooperativas e mutualidade em todas as suas formas. Por outro lado, oficinas para formação de mão de obra foram criadas em toda a França e com isso 160 mil trabalhadores já tinham sido beneficiados em 1916. Este número subiu para 1 milhão e 200 mil em 1923.

O Ministério do Trabalho acaba de publicar um relatório muito sugestivo das reformas realizadas no campo que lhe é atribuído. Nele são relatadas tentativas ousadas e transformações decisivas no serviço social. O papel desse Ministério é de suma importância; consiste em garantir a produção nacional, regularizar o mercado de trabalho, julgar as greves e apaziguar conflitos. Graças à sua intervenção, a França, que tinha mais de 120 mil desempregados em abril de 1911, não tinha mais que 1.500 em 1923. Para isso ele criou o trabalho "ditos de seguros" e pagou subsídios consideráveis aos fundos de desemprego criados pelos sindicatos.

O direito de greve é legítimo, é a arma do trabalhador contra as

pretensões exageradas dos capitalistas, dos chefes da indústria. Mas é uma faca de dois gumes que às vezes se volta contra aquele que se dela serve e o fere. Por outro lado, a greve, em se alastrando, pode paralisar toda a vida econômica de um país e causar privações e sofrimentos cruéis a todo um povo, sem distinção de classe.

É então que a ação do Estado pode ser eficaz, não se impondo como um árbitro obrigatório, mas fazendo com que, pela boca de seus representantes, todos ouçam as palavras de apaziguamento e de conciliação, e buscando junto aos interessados, num espírito de equidade, os meios de prosseguir a produção pacífica e fecunda do trabalho. Por exemplo, em 1922, vimos 679 greves, envolvendo mais de 40 mil trabalhadores, arbitradas com sucesso.

Doutra arte, a cooperação sob todas as suas formas teve um grande desenvolvimento, tornando-se um recurso precioso para amenizar as condições de existência do operário e de sua família. O número de cooperativas de consumo subiu para 4.910 em 1920, com 2.500.000 membros e um orçamento de 2 bilhões.

É assim que durante meio século vimos a obra social desenrolar-se de um jeito lento, é verdade, mas seguro e contínuo; obra de paciência e de longo prazo, muito mais eficaz em seus efeitos do que as revoluções violentas que fatalmente levam a reações não menos violentas e colocam tudo em questão.

Malgrado todas essas melhorias, o povo continua descontente, a classe trabalhadora parece desdenhar a realização gradual e metódica do progresso social, um tipo de amargura persiste em um grande número e, no entanto, a situação material do trabalhador, de modo geral, tornou-se preferível àquela da pequena burguesia.

Por que as pessoas permanecem inseguras e às vezes hostis? É que elas foram por longo tempo enganadas, exploradas e até traídas no passado. O povo tornou-se incrédulo, não somente em relação aos dogmas, mas também em relação às promessas eleitorais: mas ele não é cético. O que o povo pede acima de tudo é justiça. E essa aspiração que ele tem pela justiça imanente não é um sentimento poderoso e quase religioso? Nós o encontramos no fundo das consciências, e é aí, em meio às incertezas e contradições, o que nos direciona rumo a um estado melhor. Falta-nos instituições que cultivem a justiça, na família e na cidade, que façam dela o móbil de todas as ações.

Nesse sentido, ainda há muito a ser feito, pois não basta assegurar ao trabalhador o pão e a habitação. O povo não tem apenas necessidades materiais; o povo demanda também que se cultive faculdades superiores. Sua instrução — muito negligenciada por uma política materialista, por sua insuficiência e seus falsos métodos — contribuiu bastante para criar o estado de tormenta, o mal-estar de nós que sofremos. O povo, tornado soberano, precisa ser mais esclarecido em seus votos e julgamentos.

Devemos pensar em dar ao homem uma fé livre e desinteressada que o apoie nas suas provações, uma crença racional que lhe permita reagir contra as causas de degradação. Chegou a hora de substituir o velho dogma por um ideal científico e esclarecido em harmonia com a evolução humana. Então o povo mostrará todas as qualidades que estejam nele, e veremos se dissiparem os preconceitos, a desconfiança que a democracia ainda inspira em certas mentes inquietas.

Com efeito, o problema intelectual se religa intimamente com o problema moral. Ambos nos impõem o dever de combater o alcoolismo e todos os vícios que entravam o desenvolvimento da raça. Devemos

ensinar o homem a respeitar a si mesmo, a salvaguardar a sua própria dignidade, porque, elevando o nível moral, trabalhamos ao mesmo tempo para solucionar todos os problemas difíceis da hora presente.

O sentimento de justiça de que acabamos de falar encontra sua aprovação nos ensinamentos do espiritismo. A enorme massa de testemunhos do além-túmulo não é a prova de que essa noção é a própria lei do Universo e a regra suprema dos seres e das coisas? Juntamente com a lei da evolução que lhe está intimamente relacionada, esta prova daria às instituições baseadas no progresso e na justiça uma força moral incomparável e uma espécie de consagração.

Não nos esqueçamos que a resolução das questões sociais não será completa, satisfatória e definitiva enquanto um pensamento elevado não vier irradiar sobre as inteligências e corações; enquanto uma onda de solidariedade humana não vier dissipar os desentendimentos e as divergências que ainda separam os partidos e as classes, e não vier facilitar a fusão dos interesses e a união dos esforços na realização da obra comum. É preciso que haja mais consciência entre uns, mais justiça entre outros, com o sentimento dos deveres e das responsabilidades que cabem a todos na medida dos recursos e da capacidade de cada um.

Esse grande pensamento, esse nobre ideal, esses sentimentos elevados, era o que inspirava Jean Jaurès em seus discursos e em suas atividades, e daí a forte impressão que ele exercia sobre seus ouvintes. Desde sua morte nós procuramos entre os socialistas aqueles que se farão dignos de substituí-lo, mas guardamos a esperança de um dia vê-los surgir.

Enquanto isso, [o espiritismo] é uma grande doutrina que vem mostrar — a todos — os laços de fraternidade que nos unem através de

nossas vidas renascentes em nossa marcha em direção ao mesmo objetivo grandioso e longínqua. Só essa doutrina pode nos ajudar a resolver os numerosos problemas que ainda inquietam e excitam o espírito humano.

O socialismo do futuro será o socialismo espiritualista, pois ele realizará um ideal baseado no desenvolvimento das mais altas faculdades da alma. Só ele saberá dissipar os preconceitos de castas, raças, cores, religiões e fará nascer um profundo sentimento de fraternidade humana.

Qual será seu programa de ação no dia em que, terminado o período de lutas, ele tiver de coroar a sua obra de regeneração social? Acreditamos que esse programa pode ser resumido como segue:

- Assegurar o pão dos velhos tempos e o abrigo de um lar para os trabalhadores desgastados pela idade e pela enfermidade.
- Dar à criança o necessário alimento intelectual, quer dizer, instruí-la em seus deveres e na grande meta da vida; iniciá-lo nos princípios que fazem do Universo e do conjunto das existências um todo harmonioso do qual ele é parte integrante, ativa e responsável.
- Proteger a mulher contra as debilidades mórbidas e as seduções funestas, poupá-la em estado de gravidez do trabalho braçal e lhe possibilitar a vida familiar e a educação dos jovens.
- Assegurar a todos uma parcela de bem-estar proporcional à tarefa cumprida e aos serviços prestados na obra social. Tornar acessíveis a cada alma humana os ensinamentos, as consolações, as luzes que procure o culto do bem e do belo em suas formas diversas: arte, literatura, poesia, tudo o que constitui meio de elevação, de moralização e de aperfeiçoamento, tudo o que apaga na alma as manchas do passado, tudo o que prepara o ser para seus destinos verdadeiros. Em uma palavra, fornecer a cada ser humano o que ele

veio pedir na existência, ou seja, segundo a lei da evolução, um apoio para subir mais alto na hierarquia das almas pelo desenvolvimento das qualidades do espírito e do coração.

* * *

Fazem-me, acerca de economia social, uma série de perguntas, às quais me esforçarei para responder:

Por que — me perguntam — o plano de reformas sociais, tão legítimo e tão urgente, demora tanto para ser concretizado? O que devemos pensar do conflito permanente entre capital e trabalho, do sindicalismo, da CGT⁵⁷ e da lei das oito horas?

Qual é a forma mais prática de cooperação operária e de intervenção do Estado?

O socialismo, mesmo em suas reivindicações mais legítimas, esbarra em tradições robustas diante das quais ele às vezes é forçado a ceder. Se no meio parlamentar e no seio da oposição ele se mostrou intransigente, logo que chegou ao poder, imediatamente o vimos moderar sua ação, suspender seu programa de reformas e temporizar.

Ramsay MacDonald foi na oposição da Câmara dos Comuns o mais virulento orador trabalhista. Tendo se tornado primeiro-ministro, ele mesmo declarou querer conciliar as novas reformas com as formas antigas da sociedade inglesa. Ele zomba daqueles que pretendem transformar homens e instituições em um dia, e remete para mais tarde a nacionalização de minas e ferrovias sonhada por seu partido.

⁵⁷ Confederação Geral do Trabalho (*Confédération générale du travail*, em francês): associação de órgãos sindicais franceses criada em 23 de setembro de 1895. — N. T.

“Nosso programa de reformas — disse ele — será a obra de sucessivas gerações e mesmo quando estivermos mortos, desaparecidos e esquecidos, a marcha continuará. O ideal de um grande futuro ainda se formará diante de nosso povo.” R. MacDonald não acreditava nem na existência de classes irreduzíveis, nem na luta entre elas, nem na revolução fatal e nem mesmo na revolução possível (*Journal de Genève*, 2 de setembro de 1924).

Num sentido diferente, a república dos soviets — que antes havia abolido o capital e a propriedade — agora luta para tomar empréstimos de todos aqueles que estão dispostos a adiantar-lhe grandes somas; como garantia, ela oferece aos financistas concessões de minas ou florestas.

Na França, nossos socialistas terão o cuidado de não cair nesse excesso; eles sabem que o capital é uma força, é a reserva dos povos, e vemos que os próprios bolcheviques não podem tentar a recuperação de seu país sem apelar ao crédito. Por toda parte os portadores de títulos são uma legião, e os encontramos até mesmo entre os mais humildes trabalhadores.

Assim o socialismo age pela força natural das coisas. Ele reconhece que o capital é necessário para a realização de grandes obras e o põe na marcha das atividades e na direção geral da mão de obra. Seu objetivo essencial será, portanto, uma distribuição mais justa e igualitária da riqueza entre os diversos elementos da produção. Quanto aos excessos provenientes da má utilização do recurso financeiro, sempre se pode reprimi-los por leis quando se adquire o poder.

Nós já listamos aqui todas as inovações criadas pelo Estado em proveito da classe operária e não voltaremos a elas. Acrescentemos apenas que a burguesia não vê sem medo sua interferência na produção

industrial. Isso porque a experiência mostrou que o Estado é muitas vezes um mau investidor, é um produtor oneroso. As exigências dos operários e dos funcionários públicos que ele emprega elevam o preço de custo dos produtos a valores que tornam sua exportação impossível. Os outros Estados — aqueles que souberam manter um regime de liberdade, como os Estados Unidos — manterão a supremacia em todos os mercados e suas vantagens serão tais que dificilmente eles pensarão em adotar os métodos do Estatismo.

Um socialismo sábio e prudente deverá sempre dar uma grande parte da obra geral à iniciativa privada, que é uma fonte de energia, de emulação e de concorrência frutuosa.

No que concerne às grandes associações patronais e operárias, federações e sindicatos, deve-se reconhecer no mesmo grau sua razão de ser na justa medida em que elas colocam o interesse superior do país acima dos interesses de casta ou de corporação. Deve-se admiti-las como legítimas sob a condição de não abandonarem seu papel social e de se resguardarem desse espírito de dominação que tende à opressão de uma classe sobre a outra e leva a reações no sentido contrário.

Não é um instinto natural que leva os homens a agrupar suas forças ante um perigo iminente, ante uma dificuldade a superar? A ordem social deve conter a liberdade de associação, sempre mantendo um equilíbrio justo entre esses agrupamentos de forças e se opondo às usurpações de uns sobre os outros, cada qual velando pelos seus próprios interesses.

Na ordem econômica, a solução do problema está na associação do capital — que é o motor indispensável de qualquer empreendimento, da inteligência diretiva e da mão de obra que a executa. Lá, como em todas as coisas, a equidade deve presidir a repartição dos bens. Este é o objetivo

imediatamente e terrestre do ideal democrático, e é por isso que as massas trabalhadoras colocaram nele sua esperança e sua fé.

Sem dúvida, o acordo nem sempre é fácil de se concretizar, como o demonstram os conflitos periódicos que eclodem na vidraria operária de Albi⁵⁸, entre a direção e o Conselho dos Trabalhadores. Mas não se obtém nada sem sacrifício!

Devemos assinalar algumas inovações positivas que dão uma forma mais prática à solução do problema cooperativo: algumas grandes indústrias inglesas e americanas criaram o que chamam de “parceria”, *partnership*⁵⁹, que significa o acesso do trabalhador a uma parte do capital que ele adquire pela aplicação das suas poupanças cujo pagamento é complementado pela direção na proporção do tempo de serviço prestado. Outras empresas criam *ações de trabalho* que são adicionadas aos salários dos trabalhadores especializados. De sorte que eles próprios se tornam coproprietários.

A experiência mostra que esses sistemas são preferíveis à simples participação nos lucros, pois garantem uma distribuição mais justa de benefícios e perdas.

Quanto à lei das oito horas, se sua aplicação parece justificada para certas indústrias, como mineração, metalurgia, vidraria etc., em outros casos ela produziu verdadeiros abusos. Por exemplo, as companhias ferroviárias tiveram que aumentar seu pessoal em proporções que envolviam despesas excessivas. Eles então tiveram que aumentar as

⁵⁸ Albi, comuna francesa do departamento de Tarn, sul da França. — N. T.

⁵⁹ Denis usou o termo *copartnership* para o que hoje está simplificado como *partnership* e é normalmente definido no meio empresarial como um modelo de negócio que adota, por meio de um plano estruturado, a possibilidade de os colaboradores (empregados) se tornarem sócios da empresa onde trabalham. — N. T.

tarifas de transporte de tal feito que se tornaram um entrave considerável para o comércio e uma das causas permanentes do alto custo de vida.

Ainda sob este ponto de vista, a liberdade de trabalho nos parece preferível, especialmente agora que o empregado possui em seus sindicatos os meios de lutar em igualdade de condições com o patrão. Ademais, a lei das 8 horas já sofreu tantas derrogações que agora ela não representa mais do que letra morta. Neste ponto, como em tantos outros, a necessidade obriga negociações.

Para produzir todos os seus efeitos benfazejos, o socialismo não deve se confinar num realismo míope e desconhecer a importância do fator moral na solução dos problemas que ele deseja resolver. O espiritismo é um poderoso mecanismo de propaganda e de realização de todas as ideias grandes, generosas e humanitárias. Ele oferece ao socialismo uma base e uma sanção ao demonstrar que os princípios de solidariedade, da fraternidade e da justiça — que são sua própria essência — se encontram nas leis universais e formam a regra dos mundos superiores.

Até agora, o socialismo não pôde vencer os preconceitos que se levantam contra ele. O espiritismo — com sua alta doutrina e sua ciência experimental — vem lhe trazer o socorro necessário para triunfar sobre os obstáculos e aplainar sua estrada. Já os resultados desse grande movimento renovador do pensamento aparecem aos olhos de todos aqueles que sabem medir sua marcha e calcular suas vastas consequências.

Em breve, do próprio seio do partido socialista, surgirão homens dotados da palavra e da caneta, e que encontrarão ali argumentos decisivos em favor de sua causa. O estudo do espiritismo lhes mostrará a solidariedade que liga a humanidade visível à humanidade invisível como

duas partes de um mesmo todo; mostrar-lhes-á que as condições de vida no Além — que são a consequência de nossos atos — são regidas por esse mesmo princípio de justiça soberana e que é necessário conhecê-las para estabelecer leis na Terra instituições sociais sábias e harmoniosas.

2ª PARTE

**Jaurès
espiritualista**

I

Por um ato da vontade nacional, os restos mortais de Jean Jaurès serão transferidos para o Panteão⁶⁰ em 23 de novembro, e essa grande figura tomará um lugar definitivo na História.

Eu conheci Jean Jaurès em Toulouse, nos tempos de sua juventude. Era então um simples professor da Faculdade de Letras, assistente do prefeito, encarregado do serviço de inteligência, e morava com sua família num modesto sobrado na praça Saint-Pantaléon. Quando nos apresentamos na sua casa com meu amigo Cadaux, recebedor dos hospícios e presidente do grupo espírita, ele nos acolheu com aquela gentileza sorridente que o caracterizava e atendeu, sem objeção, aos nossos pedidos. Tratava-se, para nós, de obter a sala de conferências da antiga Faculdade, rua de Rémuzat, e desde então usufruímos dela livremente cada vez que queríamos fazer propaganda pública na cidade, capitéis e jogos florais. Mais tarde, em 1891, quando apareceu meu primeiro livro, ***Depois da Morte***, enviei-lhe um exemplar em Paris, onde ele, tendo se tornado deputado, dirigia o jornal *Humanité (Humanidade)* que ele próprio havia fundado. O relato dado por esta folha foi muito favorável e, por este artigo, como por nossas entrevistas anteriores, vi

⁶⁰ O Panteão de Paris (*Panthéon*, em francês), localizado no 5º arrondissement da Capital francesa, é um monumental edifício que, em forma de homenagem, recebe os restos mortais de grandes personalidades da França. — N. T.

claramente que Jaurès se inclinava para nossas doutrinas.

Jean Jaurès nasceu em 1859, em Castres, ou seja, no centro deste país dos Albigenses, mártires do pensamento livre e cuja história é rica em cenas trágicas. Estamos lá, naquele Languedoc⁶¹ apaixonado pela arte, poesia e beleza que possuía uma cultura intelectual e uma civilização refinada, enquanto o norte da França ainda era meio bárbaro. Com sua eloquência exuberante e sua vasta genialidade, Jaurès era como uma síntese vivaz, uma personificação dessa raça ao mesmo tempo entusiasta e prática, formada pelas correntes étnicas das mais variadas, fundidas em uma unidade harmônica. Em todos os seus discursos e escritos encontramos aquela ardente aspiração ao ideal, à liberdade e à justiça, característica desta raça original e fértil que produziu tantos homens célebres.

Devo dizer que foi no curso de inúmeras reencarnações que a alma de Jaurès se enriqueceu das qualidades, das faculdades reluzentes daquela região. Sua história foi a dela, ele desfrutava do esplendor de seu pensamento, sofreu seus males, participou de suas provações e de suas dores, e sempre se inspirou em sua genialidade.

Eu mesmo senti a atmosfera nos anos de minha juventude passados naquele ambiente, e parece-me que conservo sua marca. Do fundo do vale do Aude, onde então eu morava, pude contemplar os cumes da Montagne Noire e a região de Minervois que Pierre de Cabardès⁶² defendeu

⁶¹ Languedoc: região do sul da França onde se localiza a mencionada cidade natal de Jean Jaurès. — N. T.

⁶² Pierre de Cabardès (*Cabarède*, na publicação original de Léon Denis): menção a Pierre Roger de Cabaret, um dos heróis que lutaram na defesa de seu povo (que formava um país independente: Caberdès) contra as invasões armadas sob a direção de Simon IV de Montfort, durante a cruzada albigense, visando as riquezas tomar daquela região. — N. T.

heroicamente contra os ferozes cruzados. Que memórias históricas! O saque de Béziers, a captura da cidade alta de Carcassonne e seu visconde Roger Trencavel, carregado de correntes e jogado em um poço, apesar da promessa formal dos líderes da cruzada. Depois o cerco de Toulouse e este episódio reproduzido num painel da Sala dos Ilustres, no Capitólio: a balista servida por mulheres de onde saiu a pedra que iria matar Simon de Montfort.

Quando, junto com meus amigos de Toulouse, revisávamos esses eventos memoráveis, sentia suas almas estremecerem com a evocação desse passado que viu a escravização de sua pequena pátria sob o jugo impiedoso da Igreja e dos reis. Pois a chama sempre lateja dentro deles sob as cinzas de séculos esvaecidos.

* * *

Retornemos a Jaurès.

Coisa rara em um político, seu caráter estava à altura do seu talento. Todos os seus biógrafos concordam em reconhecer nele uma natureza simples, correta, benevolente para com todos e cordial para os mais humildes. Sua abordagem era tranquila, ele emergia de sua pessoa como uma irradiação de verdade, de sinceridade, de bondade que o tornava simpático até para seus adversários. Entretanto, ele soube libertar-se da promiscuidade e das vulgaridades do seu partido, mergulhando num labor incansável, em elevando o seu pensamento às altas esferas de uma filosofia extensa e serena.

Sem ser um asceta, seus hábitos eram os mais modestos e seu interior pouco dispendioso. A descrição que o Sr. G. Téry fez do seu gabinete de trabalho, este “pombal de Auteuil”, reduziu a nada as calúnias

dos seus inimigos sobre o seu alegado “luxo e fortuna”. A prova é que Jaurès nasceu e morreu pobre.

Quanto ao seu talento oratório, a fim de dar uma ideia da impressão que ele produzia sobre todos, citaremos estas linhas de um dos seus ouvintes, que também foi testemunha da sua vida: “Jaurès foi o orador perfeito, integral; mesmo quando ele improvisa, fala apenas de coisas que estudou a fundo. Ele se dirige ao mesmo tempo à razão, aos sentimentos e ao ouvido. É um artista duplo de um estudioso e um estadista. Cheio de vigor e de paixão, ele se possui plenamente. Não diz nada além do que queira e tenha a dizer. Os pensamentos se sucedem e formam um sistema harmonioso... É um verdadeiro atleta da tribuna. Ele grita, troveja, resmunga, arrebatada, carrega o ouvinte para longe, mas, ao mesmo passo, não cessa de iluminá-lo e de instruí-lo. Não obstante sua voz monótona — que não tem nada de agradável, mas antes atua como uma força elementar —, ele não deixa de ser interessante. Sente-se a solidez, a verdade de tudo o que ele diz. Se a locução é sem variedade e desprovida de artifício, o padrão do discurso muda a cada instante. Pensamentos claros e finos alternam-se com imagens suntuosas; às vezes eles parecem descer de uma grande altura, às vezes lançam uma massa de luz ofuscante sobre problemas aparentemente inextricáveis. Sente-se na presença de uma força superior, uma força de bondade e clareza. Uma corrente de amizade se estabelece entre o orador e seu auditório. E dele saímos melhores, da sala onde Jaurès acaba de espalhar as ondas sonoras e límpidas de sua eloquência vigorosa e saudável. Depois de ouvi-lo, queremos ser o amigo, o irmão de tudo o que vive e sofre. Parece que voltamos de uma viagem por um país ideal de eterna beleza, de beleza justiça.”

Quase toda a vida de Jaurès foi uma luta pelo socialismo. Sem dúvida,

ele pôde cometer erros e por vezes se chocar com a utopia, mas não acreditamos que ele tenha ficado do lado dos comunistas moscovitas, como afirmou o Sr. Renaud durante uma recente discussão na Câmara. Jaurès escreveu em um artigo na revista *Petite République (Pequena República)* intitulado ‘Minhas razões’: “Eu nunca disse, chefe de Estado, que o Partido Socialista usaria de violência no Estado para abolir tradições. Jamais apelei senão para a organização gradual da liberdade e para a força íntima da ciência e da razão.”

* * *

Vejam agora em Jaurès o filósofo, e procuremos na sua obra em quais pontos podemos nos encontrar. À primeira vista, ela nos pareceu como uma espécie de panteísmo idealista em que todas as formas de espiritualismo se ajuntam e se fundam numa vasta e possante unidade. É, pelo menos, o que se destaca de sua tese, publicada sob o título: *A realidade do mundo sensível*⁶³.

Mas será que essa tese de sua juventude representa o último pensamento, a concepção derradeira do autor? Ele mesmo declara: “Não tenho a pretensão pueril de jamais ter mudado em vinte anos de experiência e me absterei de dizer que a vida não me ensinou nada.”

Na medida em que ele amadurecia, diz Lévy-Bruhl em sua biografia,⁶⁴ “problemas filosóficos e religiosos se impunham cada vez mais em seu espírito”. Ele disse a seus amigos “que deveria proceder com sugestões cada vez mais claras, antes de enfrentar a questão em uma obra direta que ele reservou para sua velhice.” Longe de pensar que o

⁶³ *La réalité du monde sensible*, 2ª edição, 1902.

⁶⁴ Ver *Jean Jaurès*, por Lévy-Bruhl, professor da Universidade de Paris, Ed. F. Rieder et Cie.

progresso social deveria fazer desaparecer esses problemas, ele escreveu mais de uma vez que a nova sociedade, fundada na justiça, veria se produzir “uma grande renovação religiosa”.

As formas religiosas atuais desaparecerão, mas outras nascerão, porque o sentimento e a ideia do infinito são inextirpáveis. “A alma infantil — diz Jaurès — é plena de infinito flutuante e toda educação deve tender a dar um contorno a esse infinito que está em nossas almas.”

Essas palavras demonstram claramente que, se Jaurès estivesse vivo, ele nos teria dotado de uma obra filosófica magistral, mas a política socialista o absorveu completamente e uma morte prematura fez obstáculo aos seus projetos.

Citemos em sua tese o que mais merece reter nossa atenção:

“Quando o socialismo tiver triunfado”, disse ele, “os homens compreenderão melhor o Universo. Assim, vendo na humanidade o triunfo da consciência e do espírito, eles sentirão muito rapidamente que este Universo, do qual a humanidade emergiu, não pode, no seu fundamento, ser brutal e cego, que há espírito em toda parte, alma em toda parte, e que o próprio Universo não é senão uma imensa aspiração à ordem, à beleza, à liberdade e à bondade.”⁶⁵

Por suas concepções filosóficas, Jean Jaurès classifica-se então na grande Escola Idealista e Espiritualista que vai de Platão a Bergson e termina, pela força e pela própria lógica das coisas, na doutrina dos Espíritos. “A necessidade de unidade, escreveu ele, é a mais profunda e a mais nobre do espírito humano. Cada momento da duração ressoa ao infinito nos momentos ulteriores, e *o Espírito, saltando pelos séculos, redescobre a continuação inteligível do que deixou*. Não há solução entre a

⁶⁵ Jean Jaurès, por Lévy-Bruhl.

vida e a morte... O Universo é uma grande sociedade de forças e de almas que, solicitadas entre o bem e o mal, aspiram das profundezas das contradições e misérias para a plenitude e a harmonia da vida divina.”

É óbvio que Jaurès tinha a intuição das existências sucessivas da alma, porque essa plenitude não poderia ser adquirida em uma única vida. Seu pensamento fica mais claro quando fala da “evolução interior e profunda das forças e das almas, todas buscando no infinito o ponto de onde elas podem possuí-lo”. “Todos contribuem para um fim ideal e, assim, desempenham um papel na imensa harmonia do todo.”

Jaurès tem até uma vaga noção do perispírito, como de uma forma anterior e permanente de ser, que logo o julgamos: “O homem futuro não existe em redução e, no entanto, existe uma forma característica de vida que o envolve e harmoniza, antes mesmo que elas se desdobrem, as mais diversas qualidades de vida.”

Pois, a filosofia de Jaurès leva a essa ideia de unidade universal que, transportada para a ordem social, se tornará a solidariedade universal.

Jaurès não deixou de trazer à tona as consequências desastrosas do materialismo. Em sua crítica a essa teoria, considerou “como um sofisma o fato de se querer constatar certas condições orgânicas em todo fenômeno da consciência, e de se querer reduzir a consciência de si mesmo a essas condições”.

Alhures ele descreve a inquietude e o vazio de que sofre o pensamento moderno: “Há, na hora atual, algo como um despertar da religiosidade, encontra-se por toda parte almas em dor buscando uma fé. Carece-se acreditar, estamos cansados do vazio do mundo, do nada brutal da ciência: queremos crer... Em quê? Alguma coisa, não sabemos, e dificilmente há uma dessas almas sofredoras que tenha a coragem de

procurar a verdade, de experimentar todas as suas concepções e de se construir para si mesmo, por um trabalho incessante, a casa de repouso e de esperança. Assim, não vemos além almas vazias que se curvam sobre almas vazias como espelhos sem objeto que se reflitam umas às outras. Compensa-se a busca pela inquietude, que é mais fácil e mais distinta... Quem nunca precisou de uma fé é uma alma medíocre”.

A educação do povo era uma das grandes preocupações de Jaurès. Dirigindo-se particularmente aos professores no *Despacho de Toulouse* de 15 de janeiro de 1888, ele escreveu: “É necessário mostrar às crianças a grandeza do pensamento, é necessário lhes ensinar o respeito e o culto da alma, despertando nelas o sentimento do infinito que é nossa alegria e também nossa força, porque é através disso que triunfaremos sobre o mal, as trevas e a morte... Um dia elas serão homens, e convém que elas saibam qual é a raiz de todas as nossas misérias: o egoísmo em múltiplas formas.”

Jaurès quer dar a todos, pelo exercício da faculdade de pensar, “o sentimento do valor do homem” e, para tanto, inspirar em todos “o gosto pela liberdade sem a qual *o homem não existe*”.

Já na sua tese sobre *A realidade do Mundo Sensível*, encontra-se esta frase que oferecemos às meditações dos deterministas: “A vida, em todas as suas formas, não deixa de ser menos vida com sua infinita liberdade”. E mais adiante: “A liberdade se mistura à necessidade como o acaso se mistura à lei”.

Tudo em Jaurès — diz o seu biógrafo — “conduz à interpretação idealista do mundo, a um idealismo superior fértil, idealismo que tem como ponto de partida a realidade integral, porque a própria ideia, as forças ideais da humanidade, os imponderáveis, constituem não menos

um aspecto da realidade. Assim, todos os problemas se esclarecem com uma luz do alto, de uma realidade transcendente... Para ele, o socialismo, assim como a democracia, constitui um princípio *moral* superior.

* * *

Vê-se em todas as citações precedentes o pensamento de Jaurès como o voo da águia que plainava sobre essas alturas cujo ensinamento dos Espíritos nos abriu o acesso. Sob as alusões mal veladas, reconhece-se ali os princípios essenciais de sua doutrina: a noção de vidas anteriores, a evolução das almas com seus graus, suas inúmeras etapas e até a presciência dessa forma sutil e permanente de homem que nós chamamos de perispírito. Depois, há as perspectivas de vida infinita e a comunhão final dos seres em harmonia universal.

Fora essas visões claramente expressas, é de se lamentar que Jaurès tenha se entregado demasiadas vezes a abstrações metafísicas que tornaram sua filosofia obscura e pouco compreensível para aqueles que o cercavam. Contudo, se ele estivesse vivo, ter-nos-ia dado mais. Assim como ele se propôs, graças às suas intuições profundas e ao seu prestigioso talento, ele nos deixaria uma obra poderosa, capaz de influenciar seu tempo e seu ambiente, fornecendo ao socialismo aquilo que mais lhe falta, ou seja, uma orientação elevada.

A bala de um desequilibrado pôs um fim prematuro a esta laboriosa existência. A grande alma de Jaurès agora paira sobre nós e às vezes se junta aos nossos trabalhos.

Talvez nos seja dado em breve dar a conhecer os juízos que lhe sugere a vida do espaço, esta vida espiritual de riquezas incalculáveis, de horizontes sem fim.

II

No capítulo anterior, nós resumimos a obra terrena de Jean Jaurès do ponto de vista filosófico e social, e notámos que, em certos pontos, suas concepções se aproximavam das nossas. Desta vez, vamos seguir esse grande espírito no Além, a fim de expor os seus pontos de vista atuais com a amplitude e claridade que lhes inspira o espetáculo da vida universal. Recordemos primeiro que, para Jaurès, o socialismo não consistia apenas na socialização dos meios de produção e de troca; seu pensamento foi muito mais longe: ele enxergava sobretudo a realização de uma grande ideia: a do direito e da justiça. É isto o que ele expressava em termos fortes que apreciamos reproduzir:

A humanidade tem, por assim dizer, uma ideia obscura, um pressentimento primeiro de seu destino, de seu desenvolvimento. Antes da experiência da História, antes da constituição deste ou daquele sistema econômico, a humanidade carrega em si uma ideia preliminar de justiça e da lei, e é esse ideal preconcebido que ela busca na forma de civilização, em forma superior de civilização, e quando ela se move, não é pela transformação mecânica e automática dos modos de produção, mas sob a influência obscura ou claramente sentida desse ideal.

De modo que é a própria ideia que se torna o princípio do movimento e da ação, e que, bem longe de serem concepções intelectuais que derivem dos fatos econômicos, são os fatos econômicos que pouco a pouco traduzem na realidade e na história o ideal de humanidade.

Há aqui uma refutação eloquente das teorias vulgares que gostariam de fazer do socialismo, dessa grande e nobre concepção da vida social, uma ordem de coisas que reduz todas as condições de vida a questões de interesse material. Para Jaurès, o princípio evolutivo, que é a própria essência do socialismo, é de ordem moral.

Ele não permaneceu menos apegado ao princípio da liberdade e não consentiu jamais em sacrificar a autonomia individual à coletividade. A dominação de uma classe — disse ele — é um atentado à humanidade. Não é isso, por antecipação, um repúdio às teorias moscovitas?

Como se vê, o que distingue acima de tudo a concepção socialista de Jaurès é o seu carácter idealista. Não se trata aqui daquele idealismo subjetivo que considera o mundo exterior como uma pura ilusão dos sentidos, mas o que faz da ideia — e, conseqüentemente, do espírito — o princípio essencial da vida e da evolução.

Jaurès era antes de tudo tolerante e conciliador; ele se comprazia em buscar em todos os sistemas — até mesmo no materialismo de Karl Marx — os pontos pelos quais eles pudessem se adaptar a um espiritualismo racional. Em suas análises, ele não separou a tese de antítese e, a partir daí, soube chegar a uma síntese que abraçava todas as coisas numa unidade harmoniosa. Devemos ler em sua *Realidade do mundo sensível*, com que força de dialética e com que altivez de visão ele comentou as teorias dos grandes filósofos: Descartes, Leibniz, Spinoza, Kant, Hegel etc. sem, contudo, conseguir extrair contradições e antinomias a solução do grave problema.

É preciso reconhecer que todos esses pensadores pecam pelo mesmo motivo; eles veem as coisas *de baixo*, isto é, do ponto de vista terrestre, forçosamente estreito e restrito, e não podem, apesar do ímpeto

de seu espírito, alcançar a compreensão total. E é aqui que irrompe a superioridade da doutrina dos Espíritos, que enxergam as coisas *do alto* e abraçam a majestosa unidade dos seres e das leis. Pelo menos, Jaurès compensou essa fraqueza humana pelas intuições geniais que o prepararam para esse conhecimento do universo invisível ao qual ele pertence hoje.

Alguns críticos tentaram fazer de Jaurès um ateu, um adversário do sentimento religioso. Nada poderia ser mais falso que isso. A seguinte passagem de um dos seus artigos no *Despacho de Toulouse*, datado de 4 de julho de 1892, dissipa qualquer equívoco sobre este ponto. Lê-se ali:

Creio que seria muito lamentável, que seria mortal comprimir as aspirações religiosas da consciência humana. Não é isso que o que nós queremos; pelo contrário, queremos que todos os homens possam elevar-se a uma concepção religiosa da vida, através da ciência, da razão e da liberdade. Não acredito absolutamente que a vida natural e social seja suficiente para o homem. Desde que ele tivesse realizado a justiça na ordem social, então perceberia que lhe falta um imenso vazio a preencher. Tampouco hesito em reconhecer que a concepção cristã é uma forma bastante elevada de sentimento religioso, e considero medíocres certas piadas grosseiras sobre o Cristianismo e sobre os padres.

* * *

Desde a guerra, os representantes dos povos e os diplomatas têm se lançado a debates frequentes e prolongados sobre assuntos concretos e materiais: reivindicações, dívidas, devastações a serem apagadas, problemas financeiros a serem resolvidos, zonas e fronteiras a serem estabelecidas etc., etc. Mas eis que o idealismo caro a Jaurès acaba de surgir e provocar debates de um caráter mais nobre, mais generoso. Em

Londres, em Genebra, discute-se a paz através da arbitragem, do desarmamento, da segurança dos fracos. Estuda-se, procura-se todas as forças morais que podem garantir a paz do mundo e a reaproximação das raças humanas.

Entre suas preocupações habituais, Jaurès teve sempre a constante preocupação pela paz universal e pelo desarmamento geral, e fez disso o tema de discursos vibrantes e páginas cintilantes. Mas hoje, como então, a solução do problema continua a ser difícil. A conferência de Washington sobre o desarmamento⁶⁶ foi uma farsa; será que a de Genebra⁶⁷ terá melhor sorte? Questiona-se como se desarmar em face ao egoísmo feroz de uns e ao nacionalismo desenfreado de outros. O orgulho da raça, o espírito de invasão e de conquista continuam a ser um obstáculo à compreensão pacífica das nações.

A necessidade de um fator moral aqui é evidente. Não se pode pensar em desarmar as mãos sem desarmar os espíritos. É necessário mostrar aos homens e aos povos as consequências dos seus atos recaindo sobre eles ao longo dos tempos, apoiando-se em testemunhos do além-túmulo que dão fé disso e nos dizem que toda a violência tem seu preço. Ora, isso, só o espiritismo pode demonstrá-lo, e é por isso que ele deve ocupar o seu

⁶⁶ Tratado Naval de Washington, assinado na capital americana em 6 de fevereiro de 1922 pelos representantes das cinco potências mundiais ditas vencedoras da I Guerra Mundial (EUA, Reino Unido, Japão e Itália) estabelecendo, dentre outros pontos, limites para a quantidade de navios guerra e de porta-aviões e a tonelagem de navios de guerra, numa tentativa de se evitar uma corrida armamentista que levaria a uma nova guerra mundial, que, sabemos, infelizmente não foi evitada. — N. T.

⁶⁷ Conferência naval pleiteada para se realizar em 1927 a fim de ratificar e ampliar o tratado de Washington; os EUA fizeram a convocação deste encontro diplomático em fevereiro do mencionado ano, a ser realizado em Genebra, Suíça, ao qual britânicos e japoneses acenaram positivamente, enquanto França e Itália se recusaram a participar. Numa nova tentativa de acordo, as grandes potências iriam enfim se reunir em 1930 para o Tratado Naval de Londres. — N. T.

lugar nos estudos e nas meditações de todos aqueles que têm a direção das sociedades humanas. Acima de tudo é necessário que o sentimento de dever e de responsabilidade substitua gradualmente na consciência mais profunda dos povos a supremacia da força e o direito ilusório de soberania. Até lá, os mais solenes acordos internacionais correrão o risco de não serem mais do que “trapos de papel”. Acreditamos que, através da força dos acontecimentos e da marcha ascendente das ideias, o socialismo virá pouco a pouco abraçar essas soluções.

Existe nas profundezas de certas almas como que um foco cujos raios iluminam coisas que os olhos do vulgo não podem ver. Jaurès não tinha o pressentimento dessa evolução necessária quando escreveu:⁶⁸

“Falta ao socialismo uma filosofia política e social relacionada com a filosofia geral do Universo e da vida.”

Nós encontramos em vários de seus discípulos e biógrafos a mesma afirmação. Um deles o expressa em termos formais: “O socialismo será imbuído desse idealismo de Jaurès, ou não existirá”.⁶⁹

Para eles, assim como para nós, o pensamento é uma força que, pela intensidade, adquirida, transforma-se em ação. É isso que nos permite dizer que é o espírito o gerador do pensamento e força imperecível, que motiva e dirige o mundo.

Toda a ação de Jaurès, de uma imensa significação social, não é outra coisa senão a aplicação desse idealismo prático. Jaurès tinha uma intuição profunda das revelações a vir, e suas concepções continham em germe todo o desenvolvimento da futura humanidade.

* * *

⁶⁸ Jean Jaurès, *Action Socialiste [Ação Socialista]*. G. Bellais Editor, Rua Cujas nº 17, p. 160.

⁶⁹ Jean Jaurès, por Charles Rappoport, páginas 228 e 430.

Desde então, o véu foi levantado para Jaurès; a sua alma voltou àquele mundo invisível do qual tinha saído, aquele mundo de causas, de forças e leis, um oceano de vida cujas ondas se desdobram e se seguem ao infinito. Lá, seu espírito é esclarecido por luzes mais vivazes, sua consciência desabrocha, sua memória dilatada recobra suas recordações distantes e o encadeamento de suas existências se reconstitui.

Eu pensei que a alma evoluída de Jaurès, libertada dos liames carnis, gostaria de explorar as profundezas siderais para contemplar as maravilhas que a mão divina semeou ali com profusão. Mas não! Jaurès é atraído de volta à Terra pelos seus afetos e sobretudo pela preocupação da tarefa interrompida, da obra inacabada. Ele paira sobre os seus companheiros de luta para lhes inspirar, dirigir e moderar.

Tendo me informado que Jaurès se comunicava num determinado grupo espírita bem dirigido, pedi aos meus amigos do espaço, meus guias invisíveis — aqueles mesmos que me instaram a tratar da questão social — que lhe pedissem o seu auxílio e que o trouxessem até nós. Eles o fizeram. E é a eles que devemos o favor de falarmos há alguns meses com o Espírito de Jaurès. Aqui estão as circunstâncias.

Para se manifestar, ele procede por incorporação. Assim que toma posse plena e completa do médium adormecido, ele se ergue subitamente à sua altura máxima, fala direito, e pela sua atitude e gestos lembra o tribuno que solenemente se dirige à multidão. A sua voz é forte, seu discurso vibra com tal energia que rapidamente esgotou os recursos fluidos do médium. Todos aqueles que o ouviram — seja na Câmara ou alhures — declaram que é impossível confundi-lo com qualquer outro espírito. Eu reproduzi aqui fielmente o que conseguimos recolher das suas palavras, pois sua locução é rápida e flui como uma onda que nada

pode deter:

10 de outubro de 1924 – Estou feliz por encontrar em vós, que trabalhais para infundir na consciência dos seres deserdados, moralmente falando, uma doutrina na qual estão expurgados todos os sentimentos confessionais, todos os sentimentos de insinceridade, e na qual deve reinar a elevação do espírito. Vossos amigos invisíveis vos têm aconselhado a continuar vossa obra, adaptando o espiritismo à causa social. Poucos filósofos abordaram esse ponto de vista. Era tempo de o fazer, e espero que a humanidade terrena colha com isso um grande bem.

Em cada país, a evolução deve persistir sob diferentes formas. Consagrei toda minha vida terrena a separar a humanidade dos princípios que eu qualificaria de mórbidos, feitos do egoísmo, das paixões e do lucro. Podeis me objetar que em todas as classes da sociedade há indivíduos que são mais ou menos sinceros e, portanto, mais ou menos meritórios. Se, nos círculos sociais, existem partes menos brilhantes do que outras, é necessário que umas iluminem as outras do ponto de vista moral.

O que desejo vos dizer hoje é que, pela minha natureza, eu quis mostrar aos homens inteligentes e honestos que uma parte da humanidade tem sido desgraciada tanto do ponto de vista material como do ponto de vista da independência moral.

A humanidade não é perfeita, nem pode ser perfeita, porque temos de levar em conta a escala das existências sucessivas. Essa escala existe realmente, e a evolução se acentuará quando esse conhecimento vier a completar as minhas doutrinas.

O que vós disserdes de mim a respeito do Languedoc, do meu trabalho, dos meus discursos, do meu amor pela terra, das minhas produções intelectuais, tudo é exato e manifesta o meu apego à terra da França. Do ponto de vista psíquico, sempre fui impregnado com a fragrância do meu solo nativo. Desejo que as individualidades se harmonizem como se harmoniza o solo francês.

Agradeço à Nação francesa por me ter dedicado uma memória; fui mal compreendido e transformado num agitador de ideias que não procurava senão perturbar a ordem estabelecida. Nunca tive esse pensamento; um único objetivo dirigiu a minha vida política: lançar um pouco de luz sobre a consciência dos homens e ajudá-los a harmonizá-la em lhes inspirando as doutrinas da caridade, da justiça e do desinteresse.

É por isso que perdoo o infeliz que me feriu.

Quanto às interpretações do Sr. Renaud, eu não teria me tornado um comunista de Moscovo; eu sou sobretudo um socialista francês. Meu socialismo se baseia na justiça e na sua adaptação à raça francesa, pois presumo que sobre o solo da França os pensamentos devem se fundir e se unir num raciocínio feito de sensibilidade, de bom senso, e não semeando o terror para obter uma submissão passageira.

17 de outubro de 1924 – Vossos guias me chamaram e estão me apoiando com seus fluidos a fim de que um contato mais íntimo se estabeleça entre nós e que o polo atrativo constituído pelo vosso grupo para tal fim possa ser reforçado. O médium não conhece minha obra e isto está de acordo com as minhas ideias: é essencial que ele não esteja a par dos meus trabalhos.

Na minha derradeira vida, tive a convicção de que nem tudo cessava no seio da morte terrena e que havia formas de existência fora da vida material animando as criaturas do vosso planeta, que é um dos menos evoluídos do Universo. Acima de tudo, eu sonhava em criar uma aproximação entre as diferentes classes sociais. Um dia o materialismo será comprimido, a inteligência tomará o controle; as classes vão se fundir, o indivíduo através do seu subconsciente classificará a si mesmo sob o ponto de vista do seu desenvolvimento. Vós estais num período de transição, de tentativa e erro. As forças fluídicas produzirão fenômenos de reconstituição. Estejais certos de que a vida é universal, progressiva, e que as ondas e os fluidos são os seus principais elementos.

27 de outubro de 1924 – Vós vos encarregastes da tarefa de estabelecer o paralelo, a correlação entre o socialismo e o espiritualismo. Efetivamente, o espiritualismo é a centelha idealista que deve ligar-se à lareira socialista e fazê-la projetar raios fertilizantes. O socialismo é uma emanção das forças invisíveis cujo conjunto constitui um equilíbrio racional na marcha da vida universal.

Não se deve tomar a palavra socialismo num sentido pejorativo. Para muitos dos vossos contemporâneos, esta palavra é sinónimo de anarquismo, bolchevismo e de comunismo. Não é este o caso. Remontando na História das religiões, a unificação social através da elevação do pensamento pode ser encontrada, mas os tribunais, os

doutrinários não eram subservientes a nenhuma casta religiosa e é por isso que se desnaturou o significado das suas palavras. Não se pode negar que a socialização religiosa seja excelente, em seu princípio, mas lhe faltou associar mais liberdade moral. É necessário agora que uma radiação de uma essência superior inspire as doutrinas relativamente novas que devem orientar o curso da vossa sociedade moderna.

Já passou a hora em que o socialismo religioso pode tomar um novo fôlego; o indivíduo deve desenvolver-se com a liberdade de pensar com o seu pleno e completo livre-arbítrio, o único elemento capaz de tornar o seu raciocínio mais viril.

Atualmente, nem todos emitem eflúvios suficientemente fortes para se comunicar com os planos vibratórios do espaço. Portanto, é necessário esclarecer e sustentar as massas que apenas pedem para se instruir no espírito da justiça e da razão, sem procurar orientações em leis demasiado antigas e muito pouco lógicas. É preciso fazer com o homem compreenda, de uma maneira clara e precisa, que a ciência que um dia o deve esclarecer é tanto espiritual como racional, e que existe uma correlação entre o pensamento do ser humano e os eflúvios que circulam em torno dele. Dessa maneira, ele irá se sentir cada vez mais ligado a esta natureza imutável que é uma maravilha de equilíbrio e subtileza vibratória. Um duplo trabalho se impõe do ponto de vista social humano: um inventário de todos os abusos e a procura dos meios indispensáveis para o bom funcionamento de uma sociedade. Remover todos os sentimentos de egoísmo que só geram ódio e inveja. Que cada um trabalhe para o seu desenvolvimento pessoal, externalizando do seu próprio eu uma força que, ao se vincular instintivamente às grandes forças do espaço, consiga lhe inspirar um ideal superior, uma fé na natureza imperecível e em si próprio capaz de sustentá-lo nas suas provações.

* * *

O que podemos acrescentar a estas palavras? Jean Jaurès conservou suas opiniões da Terra, mas as expõe num plano mais amplo, com aquela altura de visão que o espírito evoluído pode adquirir no seio dos espaços. Jaurès está bem vivo, sempre humano, e o mundo invisível ao

qual ora ele pertence, na realidade, formam com a humanidade terrena um único todo. Pois a humanidade é dupla e as suas duas partes constituintes se penetram e renovam-se incessantemente através do nascimento e da morte. Em todos os tempos, em todos os meios, os Invisíveis têm participado da obra humana, muitas vezes sem o conhecimento dos encarnados.

A Igreja, pelas suas doutrinas e práticas, cavou um abismo entre estas duas metades da humanidade. Contudo, graças ao espiritismo, eis que elas se ajuntam e se unem numa imensa tarefa de renovação e de progresso.

A humanidade — privada, durante muito tempo, da sua consciência coletiva e ignorante de si mesma e do seu propósito — errou por caminhos sangrentos ou enlameados sob a condução de maus pastores. E aqui está ela, a humanidade, na sua solidariedade reconquistada. Seus elementos do além-túmulo rejuntam-se aos da terra para reconstituir esta grande unidade na sua potência moral e na sua plenitude de vida. A partir de agora, agrupando em feixes todas as vontades e forças radiantes, ela avançará com maior confiança, sob o olhar de Deus, em direção aos altos destinos que a esperam.

SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES:



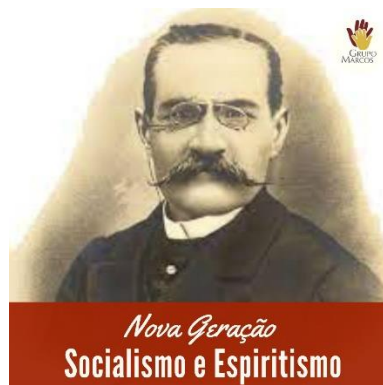
Socialismo e Espiritismo: atualidade da obra de Léon Denis com Carlos Luiz

<https://youtu.be/bHGi4ZjDQ68>



Estudo do livro *Socialismo e Espiritismo* com Charles Kempf

<https://youtube.com/playlist?list=PLYhUSSx9nsmshXIHDk86wc9zFU2mT5np6>



Estudo do Grupo Nova Geração: *Socialismo e Espiritismo*

<https://nova-geracao-socialismo-e-espiritismo.castos.com/>

